

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica
Mestrado em Psicologia Clínica

ANA PAULA NORIKO CIMINO

CUIDADO E TÉCNICA MODERNA:
INDICADORES PARA DISCUSSÃO DA VIOLÊNCIA
À LUZ DAS CRÍTICAS EMPREENDIDAS À
SUPREMACIA DA RAZÃO INSTRUMENTAL NO
PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Recife
2013

UNIVERSIDADE CATOLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PSICOLÓGICAS
CLÍNICAS EM INSTITUIÇÕES

ANA PAULA NORIKO CIMINO

CUIDADO E TÉCNICA MODERNA:
INDICADORES PARA DISCUSSÃO DA VIOLÊNCIA
À LUZ DAS CRÍTICAS EMPREENDIDAS À
SUPREMACIA DA RAZÃO INSTRUMENTAL NO
PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Clínica da Universidade Católica de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmem Lúcia Brito
Tavares Barreto

Recife
2013

FICHA CATALOGRÁFICA A SER CONFECCIONADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE CATOLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PSICOLÓGICAS
CLÍNICAS EM INSTITUIÇÕES

ANA PAULA NORIKO CIMINO

CUIDADO E TÉCNICA MODERNA:
INDICADORES PARA DISCUSSÃO DA VIOLÊNCIA
À LUZ DAS CRÍTICAS EMPREENDIDAS À SUPREMACIA DA RAZÃO
INSTRUMENTAL NO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof^a. Orientadora Dr^a. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto – UNICAP

Prof^a. Dr^a. Barbara Eleonora Bezerra Cabral – UNIVASF

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas – UNICAP

Recife
2013

*À Helena, minha querida sobrinha-afilhada,
com muito amor por toda alegria que sua
chegada trouxe à nossa família...*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que por intercessão de Nossa Senhora, que nunca me desamparou nesses quase dez anos fora de casa. Por não me desamparar jamais! Por não permitir que nada de ruim acontecesse comigo e com a minha família. Por ser sempre presente na minha vida!

À Nilza, minha Mãe, que sempre acreditou no meu potencial e nunca mediu esforços para que eu pudesse alcançar todos meus sonhos. E, principalmente, por nunca duvidar da seriedade que sempre encarei meus projetos.

À Nilza do Carmo, minha avó, que apesar de ter falecido há tantos anos continua viva em mim através do cuidado e dos ensinamentos regados de amor. Meu agradecimento eterno à senhora pelas inúmeras tardes que tinha que abdicar às suas tarefas para passar lá sentada nos bancos da escola para me fazer parar de chorar e permanecer lá. Foi esse empenho em tornar a escola, e os estudos, algo prazeroso que me trouxe até aqui...

A Alex, meu irmão, por mesmo longe fisicamente se fazer tão presente, por me orientar e cuidar de mim com tanto zelo e amor.

À Helena, a pessoinha mais linda que já conheci, pelo amor e esperança que a sua chegada representou na nossa vida. Por mesmo sem saber despertar o sentimento de família novamente em todos nós!

À Erika, minha amiga e companheira de todas as horas. Que cuidou de mim desde o processo seletivo do mestrado até hoje. Por não medir esforços para me fazer feliz e realizada.

A todos meus demais familiares, em especial, a Tia Marinha e toda sua família, a Fernanda e Caio por estarem sempre presentes na minha vida e por cuidarem para mim dos meus maiores tesouros – Mãe, irmão e sobrinha!

À minha orientadora, Carmem Barreto, por acreditar em mim nos momentos que eu mesma descreditava. Por sua paciência e cuidado durante toda minha formação acadêmica. Pelos PIBIC's, monografia, supervisão de estágio, pela dissertação e pelo doutorado que ainda virá! Pelos cinco anos sucessivos de orientação. Tudo que sou hoje como profissional tem uma parcela muito grande que devo à senhora.

À Renata e Maria Cristina, por aparecerem na minha vida no momento que o mestrado se fazia tão incerto. Por todo apoio empreendido durante essa caminhada, sem dúvida, sem vocês eu não teria conseguido chegar até aqui!

Ao meu tesouro lindo, Tetelo, que mesmo sem saber contribuiu tanto para a conclusão de mais esse sonho. Por ser, de fato, o melhor amigo da sua dona! E a Sandy, minha gatinha linda, pela companhia nas madrugadas estudando.

Às minhas amigas lindas Maria Helena, Francielle e Wanessa por me trazerem a leveza da vida e as risadas que apenas uma grande amizade pode nos proporcionar.

A todos meus professores desde a educação infantil até o mestrado, sou grata a cada um de vocês pelos ensinamentos transmitidos.

Aos colegas do LACLIFE, em especial, à Danielle e aos meus colegas da 13ª Turma do Mestrado, nossas discussões foram essenciais para meu amadurecimento profissional.

Aos colegas de trabalho e alunos da Faculdade IBGM pela parceria empreendida, por todo aprendizado e pelo orgulho que sinto em fazer parte dessa "família diferente como tem que ser".

A toda família Barroca por ter sido durante tantos anos minha família aqui em Recife, e por terem proporcionado as condições necessárias para minha formação profissional.

RESUMO

Cuidado e Técnica Moderna: indicadores para discussão da violência à luz das críticas empreendidas à supremacia da razão instrumental no pensamento contemporâneo

O estudo desenvolvido privilegiou uma leitura compreensiva fundada na crítica à razão instrumental e ao domínio da técnica. Para tal exercício buscamos, a princípio, realizar uma leitura do panorama histórico-filosófico sobre o conceito de “cuidado de si mesmo” a partir da obra *A Hermenêutica do Sujeito* de Foucault. Nessa direção, a fim de problematizar as repercussões da técnica moderna no mundo contemporâneo buscamos, nas principais obras de Heidegger, a crítica por ele empreendida à razão instrumental. As veredas criadas pelas reflexões heideggerianas possibilitaram realizar uma reflexão sobre a dimensão ético-política do cuidado, empreendidas, sobretudo, a partir das contribuições de Arendt. Nesse aspecto, a violência contra crianças e adolescentes foi problematizada como uma possibilidade de visualizar concretamente os efeitos do pensamento metafísico na sociedade contemporânea. Para tanto, foi realizada uma análise documental dos *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco* dos anos de 2007 a 2011. Tal análise, produziu indicadores até então não contemplados na literatura a fim de subsidiar compreensões a respeito do fenômeno em questão

Palavras-chave: cuidado; técnica moderna; pensamento contemporâneo; violência.

ABSTRACT

Care and modern technique: indicators for discussion of the violence in the light of criticism undertaken to the supremacy of instrumental reason in the contemporary thought

The study developed gave privilege to a comprehensive reading grounded in the criticism of instrumental reason and to the control of the technique. For this exercise we seek, originally, realize a reading of the historical philosophical panorama about the concept "care yourself" starting at the work "The Hermeneutics of the Subject" (A Hermenêutica do sujeito) by Foucault. In this direction, in order to problematize the repercussions of modern technique in the contemporary world we seek in the Heidegger main works the criticism undertaken by him to the instrumental reason. The roads created by the heideggerians reflections enable to realize a reflection about the ethical- political dimension of care, undertaken, mainly, starting on the Arendt contributions. In this direction the violence against children and teenagers was problematized as a possibility to visualize specifically the effects that the metaphysical thought in the contemporary society. Therefore, was realized a documental analysis of the Management Annual Report of the Criminal and Statist analysis of Social Defense Secretariat of the State of Pernambuco of the year 2007 2011. This analysis produced indicators until now not contemplated in the literature order to subsidize comprehension about the phenomenon in question.

Key-words: care, modern technique, contemporary thought, violence.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 ARTIGO I - “Cuidado de si mesmo”: um olhar contemporâneo sobre o panorama histórico-filosófico	18
1.1 Resumo	19
1.2 Abstract	20
1.3 Introdução	21
1.4 O que é o contemporâneo?	23
1.5 O “cuidado de si mesmo” a partir da <i>A Hermenêutica do Sujeito</i>	26
1.5.1 Do cuidado de si – epiméleia heautoû ao conhece-te a ti mesmo – gnôthe heautoû: um panorama histórico-filosófico	27
1.6 Considerações finais	40
1.7 Referências	42
2 ARTIGO II - O contemporâneo para além da técnica: a ética do cuidado de si como cuidado político do outro.....	43
2.1 Resumo	44
2.2 Abstract	45
2.3 Introdução	46
2.4 Breve introdução ao pensamento de Heidegger	47

2.5 Algumas considerações sobre o pensamento de Heidegger	55
2.6 Um outro olhar... a dimensão ético-política do cuidado	64
2.7 Considerações finais	73
2.8 Referências	75
3 ARTIGO III – Uma análise documental sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes no contemporâneo: indicadores para discussão	77
3.1 Resumo	78
3.2 Abstract	79
3.3 Crítica a contemporaneidade: do cuidado de si ao cuidado político do outro	80
3.4 A violência na época da técnica	87
3.5 A violência contra crianças e adolescentes e as políticas de proteção: breve contextualização	89
3.6 A caminho percorrido na busca por indicadores: apontamentos metodológicos	91
3.7 Mapeamento do fenômeno da violência contra crianças e adolescentes	97
3.8 Indicadores para discussão sobre a violência contra crianças e adolescentes	103
3.9 Considerações finais	112
3.10 Referências	114
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116

REFERÊNCIAS	118
APÊNDICES	121
Apêndice 1: Região Metropolitana – Número geral de vítimas	122
Apêndice 2: Região Metropolitana – Idade das Vítimas	123
Apêndice 3: Região Metropolitana – Sexo das vítimas	124
Apêndice 4: Região Metropolitana – Natureza da ocorrência	125
Apêndice 5: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Recife	128
Apêndice 6: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Recife	129
Apêndice 7: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Olinda	130
Apêndice 8: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Olinda	131
Apêndice 9: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Jaboatão dos Guararapes	132
Apêndice 10: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Jaboatão dos Guararapes	133
Apêndice 11: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Paulista	134
Apêndice 12: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Paulista	135
Apêndice 13: Por Município da Região Metropolitana – Número de	

Vítimas em Camaragibe	136
Apêndice 14: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Camaragibe	137
Apêndice 15: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Abreu e Lima	138
Apêndice 16: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Abreu e Lima	139
Apêndice 17: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Cabo de Santo Agostinho	140
Apêndice 18: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Cabo de Santo Agostinho	141
Apêndice 19: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em São Lourenço da Mata	142
Apêndice 20: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em São Lourenço da Mata	143
Apêndice 21: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Igarassu	144
Apêndice 22: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Igarassu	145
Apêndice 23: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Itapissuma	146
Apêndice 24: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Itapissuma	147
Apêndice 25: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Itamaracá	148

Apêndice 26: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Itamaracá	149
Apêndice 27: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Ipojuca	150
Apêndice 28: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Ipojuca	151
Apêndice 29: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Moreno	152
Apêndice 30: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Moreno	153
Apêndice 31: Por Município da Região Metropolitana – Número de Vítimas em Araçoiaba	154
Apêndice 32: Por Município da Região Metropolitana – 10 bairros com maior número de Vítimas em Araçoiaba	155

APRESENTAÇÃO

O interesse pela temática relacionada ao cuidado e à técnica moderna remete à própria história da pesquisadora, sobretudo, após sua inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Católica de Pernambuco (PIBIC-UNICAP). Esse programa possibilitou a inserção nos serviços psicológicos municipais de saúde, que desvelou o quanto o paradigma metafísico tem gerado repercussões marcantes nas práticas de cuidado desenvolvidas junto à população usuária do serviço. Assim, com o amadurecimento clínico e científico, essa temática foi problematizada no trabalho de conclusão de curso de psicologia, desvelando reflexões que permitissem pensar a prática psicológica para além de sua dimensão técnica, aproximando-a da dimensão ético-política da profissão.

No entanto, esse solo de estudos e pesquisas, aliado também à prática docente, alertaram para o quanto não apenas a prática psicológica tem estado presa às amarras da técnica moderna. O fenômeno da supremacia da razão instrumental no pensamento contemporâneo possui repercussões marcantes na história da sociedade, que embora sejam tão importantes, são colocados em segundo plano ou são vistas exclusivamente pela 'lógica' racional.

Nesse contexto, as reflexões heideggerianas já iniciadas na Iniciação Científica, posteriormente aprofundada no trabalho de conclusão de curso e, sobretudo, nas supervisões do Estágio Profissionalizante, puderam ser amadurecidas não mais a partir de uma prática, mas sendo problematizadas no pensamento contemporâneo. Para empreender a tarefa de refletir sobre o cuidado e a técnica moderna, a presente dissertação foi confeccionada sob o formato de artigos, que embora sejam independentes, possuem um eixo norteador em comum que nos conduz à reflexão sobre a temática.

O primeiro artigo, intitulado **“Cuidado de si mesmo”**: um olhar contemporâneo sobre o panorama histórico-filosófico, busca refletir o conceito do cuidado de si mesmo através do olhar contemporâneo, olhar este que mantém o olhar fixo no presente, percebendo nele também a obscuridade. Nessa direção, as reflexões sobre tal temática é problematizado a partir das contribuições de Foucault sobre o panorama histórico-filosófico.

O segundo artigo - **O contemporâneo para além da técnica: a ética do cuidado de si como cuidado político do outro** - busca pensar a crítica empreendida por Heidegger à razão instrumental, tendo como eixo norteador a noção de cuidado. Para tanto, recorrendo às principais obras do referido autor, as temáticas da técnica, da serenidade e do cuidado foram refletidas. Assim a compreensão apontada a partir de tal contribuição possibilitou uma reflexão sobre a dimensão ético-política do cuidado, estabelecendo assim, um diálogo com a compreensão de política de Arendt, enfocando o registro político do modo de cuidar e habitar o mundo, como subsídio para pensar o movimento do cuidado de si como cuidado ético-político do outro.

E, por fim, no terceiro artigo - **O fenômeno da violência contra crianças e adolescentes: indicadores para discussão**, o resultado das promessas da técnica e das tecnologias decorrentes do pensamento técnico, passa a ser problematizado. Nesse sentido, a violência cada vez mais crescente é problematizada como uma possibilidade de visualizar concretamente os efeitos desse pensamento na sociedade contemporânea. Para tanto, recorreremos ao pensamento de Foucault sobre o ‘cuidado de si mesmo’; às contribuições de Heidegger sobre a técnica moderna e do cuidado, e, à compreensão de política

problematizada por Arendt, a fim de realizar uma discussão crítica sobre o fenômeno em questão.

1 ARTIGO I

**“CUIDADO DE SI MESMO”: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE
O PANORAMA HISTÓRICO-FILOSÓFICO**

1.1 RESUMO

“CUIDADO DE SI MESMO”: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O PANORAMA HISTÓRICO-FILOSÓFICO

O contemporâneo implica, simultaneamente, pertencer e estar deslocado do tempo a que se lança um olhar. Suporta a manutenção do olhar sem se deixar ofuscar pelas luzes que o iluminam. Para tanto, é necessário manter o olhar fixo no presente, percebendo também a obscuridade. Assim, ser contemporâneo é perceber no escuro uma luz que, dirigida a nós, distancia-se infinitivamente. Tal reflexão norteia a leitura do panorama histórico-filosófico sobre o conceito de “cuidado de si mesmo”, a partir da obra *A Hermenêutica do Sujeito*, de Foucault, objetivo do presente capítulo. Nessa direção, busca compreender as origens de tal conceito e as condições oriundas do pensamento moderno que levaram a desconsiderar sua dimensão essencial, privilegiando a ênfase cartesiana que predomina, até hoje, na noção de sujeito moderno.

Palavras-chave: cuidado de si; contemporâneo; hermenêutica do sujeito.

1.2 ABSTRACT:

Taking care of yourself: a contemporary look about the historical - philosophical panorama

The contemporary implicates, simultaneously, to belong and be dislocated from the time to which it takes a look. It bears the maintenance of the look without left overshadow itself by the lights that lights it up. Therefore, it is necessary keep the look fixed to the present noticing also the obscurity. Then be contemporary is notice in the dark a light that directed, distances itself infinitely. This reflection guides the reading of the historical-philosophical panorama about the concept "care of yourself", it starts from the work *The Hermeneutics of the Subject* by Foucault, objective of the present chapter. In this direction, it aims to understand the origins of the concept and the conditions coming from the modern thought that led to disregarding its essential dimension giving privilege to the emphasis Cartesian which predominate, until today, into the notion of modern subject.

Key-words: care of yourself, contemporary, Hermeneutics of the Subject

1.3 INTRODUÇÃO

A forma como vivenciamos o “cuidado de si mesmo” é atravessada por um panorama histórico-filosófico extenso, em que vivemos, sem nos dar conta das repercussões dessas mudanças nas nossas práticas cotidianas. Para empreender uma reflexão sobre tal tema, buscaremos refletir sobre as contribuições de Agamben (2010) e Duarte (2010), no que se refere à temática da contemporaneidade e, posteriormente, buscaremos na *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2006) as contribuições histórico-filosóficas para compreender o modo como o “cuidado de si” foi se configurando e se desfigurando ao longo da história ocidental.

A visão moderna que impera sobre o tempo presente é calculista e sentimental¹, não favorecendo a visualização da obscuridade contida no presente. As contribuições sobre o contemporâneo, traçadas por Agamben (2010) e Duarte (2010), nos desafiam a encará-lo de outra maneira. Assim, para ver o contemporâneo é necessário coragem para manter o olhar fixo no presente, mantendo a busca e a atitude de interpelar o escuro como algo que lhe constitui. Importa ressaltar, que ao realizar o exercício de ‘relativizar’ as luzes que emanam do presente contemplamos a necessidade de visualizar o obscuro contido nele, permitindo assim, que se tematize de maneira crítica o contemporâneo.

É com esse olhar que se busca compreender o “cuidado de si” - *epiméleia heautoû* - na tentativa de acompanhar a construção e desconstrução de tal conceito, pela via de um percurso histórico-filosófico. Para realizar tal tarefa, tomamos como norteador o pensamento de Michel Foucault, desenvolvido, predominantemente na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, publicada originalmente em 2001. Tal percurso

¹ A visão sentimental aqui comporta aquela que não contempla os aspectos negativos vivenciados no presente. Trata-se de um olhar que se vislumbra com os avanços científicos e tecnológicos negligenciando os desdobramentos que estes exercem sobre a humanidade.

busca ainda esclarecer o que levou à primazia do “*conhece-te a ti mesmo*” - *gnôthe seautón*, no modo de pensar o sujeito moderno e suas relações com os outros e com o mundo.

Diante desse contexto, tal reflexão enfatiza a crítica às modernas interpretações científicas e cartesianas sobre a natureza do homem. Assim, ao estabelecer a história dos processos de objetivação, que transforma o homem em diferentes figuras de subjetividade, Foucault analisa os processos de subjetivação e de produção do sujeito sujeito. Três foram os processos de subjetivação por ele estudados, são eles: o sujeito definido como objeto de determinados saberes científicos; o sujeito a partir das práticas excludentes; e, por fim, as práticas por meio das quais o homem se torna sujeito (Duarte, 2010).

Nessa direção, a reflexão sobre as diferentes práticas, que permitem ao homem estabelecer uma determinada relação consigo, tinham como objetivo final “propor uma alternativa ética para o presente [...]” (Duarte, 2010, p.416) uma vez que

a modificação da relação consigo mesmo é condição para o encontro e cuidado de si e dos outros, instaurando-se, então, uma relação que já não se pauta *apenas* pelo primado da identidade pública e mundana, pois escapa, ao menos em parte, à plena redução do Outro ao Mesmo (Duarte, 2010, p.422, grifos do autor).

Assim, o olhar que vê o obscuro dessa desqualificação do “cuidado de si mesmo”, no pensamento contemporâneo, não objetiva sobrecarregar de maneira irresponsável o homem moderno, de faltas, culpas e omissões. Sobretudo o que se

almeja é trazer à pauta uma compreensão tematizada sobre nosso tempo, buscando assim, que se aja de maneira responsável sobre o cuidado de si, dos outros e do mundo (Duarte, 2001).

1. 4 O QUE É O CONTEMPORÂNEO?

Nossa época tem sido caracterizada por descobertas científicas e tecnológicas, por promessas de felicidade, beleza e liberdade. Quaisquer aspectos da existência que fujam desses ideais acabam sendo tomados como destoantes do nosso tempo e são considerados como estando fora do conceito de normalidade. Por isso, a abertura para lidar com as diferenças tem sido cada vez menor, e o compromisso com o outro e com o planeta tem sido dia após dia negligenciado.

Tais aspectos nos dizem da “relação tipicamente ambígua do homem moderno com a modernidade” (Duarte, 2010, p.13), uma vez que, se por um lado, vivemos no melhor mundo possível; por outro,

não faltam motivos razoáveis para o temor diante de um futuro caracterizado pelo controle tecnológico da vida social, pela multiplicação das guerras, pela intensificação da violência cotidiana que aparta os socialmente incluídos e os excluídos, pela desertificação da natureza, etc (Duarte, 2010, p.13).

Assim, a tentativa de compreender a contemporaneidade nos leva às contribuições de Agamben, principalmente ao indicar que “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao

mesmo tempo, dele toma distancias” (2010, p.59). Tal relação se dá por meio da dissociação e pelo anacronismo, mantendo assim, o olhar fixo no seu tempo, no entanto, sem deixar a visão presa apenas às luzes que emanam dele. Demanda uma relação que se deixa envolver na busca pelo escuro que nos atinge.

Nessa direção, “ser contemporâneo é manter-se no seu tempo, percebendo a luz que procura nos alcançar e não consegue fazê-lo no escuro do presente, mas que permanece em viagem até nós” (Barreto, 2013, p.25). O que se busca é uma atitude que transita sobre as diferentes possibilidades compreensivas, inclusive aquelas encobertas pelo véu da escuridão.

No entanto, desvelar esses aspectos ofuscados pelas luzes do presente não se trata de uma tarefa de fácil realização. Tal empreitada só se dá à medida que nos aproximarmos de um olhar que não contempla a existência de maneira exclusivamente cartesiana e se permite ver os fenômenos sob diferentes ângulos. No entanto, é sob a ótica metafísica que compreendemos a história do ser, história que, ao mesmo tempo nos constitui, daí a dificuldade de pensar fora dessa ‘lógica’ (Vattimo, 1996).

Nesse mesmo contexto, Figueiredo (2009) aponta que é a partir do desaparecimento das propriedades feudais que se cria a condição necessária para a sobrevivência nesse novo contexto social: a individualização. No entanto, essa nova organização social marcou decisivamente a convivência humana, criando um padrão em que as relações entre os homens se dão, sobretudo, de modo instrumental, assim

a cada indivíduo, objetivamente, não interessa a individualização alheia, senão que, ao contrário, a obediência do próximo ao controle calculado, e à

previsão exata, o que só é possível se o outro exibir padrões típicos e estereotipados de reação. Aonde não é possível classificar, tipificar e quantificar, o controle é sempre incompleto, quando não impossível (Figueiredo, 2009, p.21)

Tal processo, anteriormente descrito, inicia-se no final da Idade Média, ganha forças com o Iluminismo na Idade Moderna e reina, quase que exclusivamente, até o presente. E é nele que a maior parte da história humana é construída e, possivelmente, é a partir daí que se acentua a dificuldade de lidar com os aspectos obscuros do presente, uma vez que nosso olhar individualizante problematiza a partir dessa ótica. Olhar este, cada vez mais ofuscado e cego pelos ideais ambíguos do homem contemporâneo com a própria contemporaneidade.

Retomando a reflexão a respeito do contemporâneo, importa destacar que todos os tempos possuem uma obscuridade, e ser contemporâneo é saber ver essa obscuridade por meio da 'relativação' das luzes do presente, "é aquele que vê em pleno rosto o facho de trevas que provém de seu tempo" (Agamben, 2010, p.64).

No entanto, tal exercício que Agamben nos aponta, possui outra dificuldade, pois

ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também perceber no escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (Agamben, 2010, p.65).

É na busca desse olhar contemporâneo, que se pretende refletir sobre a história do “cuidado de si”, reconstruída por Michel Foucault no livro *A Hermenêutica do Sujeito*. Nesse percurso, a ênfase recaí na dimensão histórico-filosófica que atravessou a construção de tal conceito, importante para a concepção de sujeito moderno, ressaltando sobre seus desdobramentos e esquecimentos na construção do homem contemporâneo.

1.5 O “CUIDADO DE SI MESMO” A PARTIR DA A HERMENÊUTICA DO SUJEITO

O livro *A Hermenêutica do Sujeito* escrito por Michel Foucault (1926-1984), é a coletânea dos seminários proferidos no ano de 1982 em um curso ministrado no *Collège de France*. O autor aponta que sua intenção é abordar “em que forma de história foram tramados, no Ocidente, as relações que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual entre estes dois elementos, o “sujeito” e a “verdade”” (Foucault, 2006, p. 4). Para pôr em andamento tal reflexão, propõe tomar a noção de “cuidado de si mesmo” como ponto de partida e desenvolve uma reflexão em que

A história do ‘cuidado’ e das ‘técnicas’ de si seria, então, uma maneira de fazer a história da subjetividade; mas já não através das separações entre loucos e não loucos, enfermos e não enfermos, delinquentes e não delinquentes, mas através da formação e das transformações em que nossa cultura das ‘relações consigo mesmo’, com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber. (Foucault, 1994, *apud* Castro, 2004).

Tendo como pano de fundo a ideia exposta anteriormente, Foucault problematiza que o destino do sujeito verdadeiro do Ocidente – sujeitado às ideias do Outro e da morte – está sempre em busca da sua verdade íntima. E tal busca pela verdade tem como objetivo final a obediência às técnicas de controle. Tal percurso empreendido pelo autor percorre as formas filosóficas subdivididas em cinco momentos fundamentais: 1. A pré-história filosófica das práticas do cuidado de si mesmo, 2. O momento socrático, 3. A época do ouro do cuidado de si mesmo, 4. Cristianismo, e, por fim, 5. O Momento cartesiano, Modernidade. Assim, nos é indicado que o fio condutor de seus principais escritos – a sexualidade e as técnicas de controle – além de revelar as táticas do poder e os domínios do saber, também, revelam as técnicas de existência e práticas relacionadas a ‘si mesmo’.

1.5.1 DO CUIDADO DE SI - *EPIMÉLEIA HEAUTOÛ* - AO CONHECE-TE A TI MESMO - *GNÔTHE SEAUTÓN*: UM PANORAMA HISTÓRICO-FILOSÓFICO

A noção de “cuidado de si mesmo” é uma tradução grega de *epiméleia heautoû*, cuja tradução latina é *cura sui*. Foucault nos aponta que “*epiméleia heautoû* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc” (2006, p. 4).

O período que considera a **pré-história filosófica das práticas do cuidado de si mesmo** consistia nas técnicas do cuidado de si mesmo relacionados aos ritos de purificação, de concentração da alma, técnicas de retiro, assim como, os exercícios de resistência. Percebemos então que, a princípio, o cuidado estava

ligado a um privilégio político, econômico e social. Pois, apenas aqueles que detinham *status* privilegiado podiam desfrutar do exercício de ocupar-se consigo mesmo, já que possuíam escravos para cuidarem das suas terras. Em tal compreensão, fica evidente que o cuidado de si mesmo estava vinculado a uma posição intelectualista ligada não a uma invenção filosófica, mas, a uma tradição antiga.

Quanto ao segundo período para compreensão do cuidado de si – **O momento socrático** – Foucault ressalta esse momento como ponto de partida da história do cuidado de si. E denuncia que, o cuidado de si mesmo, ligado diretamente aos aspectos relacionados ao cuidado de si (ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo), não tem sido considerada pela historiografia da filosofia até o presente, para compreender as relações de sujeito e verdade. Apontando que tal ocorrência se dá porque que a questão em torno do sujeito foi fundada a partir de outro preceito: ‘conhece-te a ti mesmo’.

Mas, Foucault nos alerta que, apesar de nos utilizarmos desse preceito na cultura Ocidental, esquecemos que o *gnôthe seautón* – ‘conhece-te a ti mesmo’ – é diretamente subordinado ao preceito do *epiméleia heautoû* – cuidado de si mesmo.

Assim, o cuidado de si deve ser entendido

como uma das formas concretas, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo. É neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra “conhece-te a ti mesmo” (Foucault, 2006, p. 7).

Ao debruçar-se sobre tal assunto, o autor recorre à *Apologia a Sócrates*, de Platão, para demonstrar didaticamente a ideia por ele defendida, assinalando que, em tal texto, Sócrates afirma que em sua atividade de ocupar-se com os outros ele assume o papel de despertar. E, o ‘cuidado de si’ seria esse momento do primeiro despertar.

Recorrendo ainda a Sócrates, o autor lembra-se da comparação feita entre Sócrates e o tãvão (inseto que pica os animais e os agita) apontando que o ‘cuidado de si’ é “uma espécie de agulha que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui o princípio da agitação, um princípio de movimento, um *princípio de permanente inquietude no curso da existência*” (Foucault, 2006, p. 11, grifo nosso).

Após expor essas primeiras considerações, a noção do ‘cuidado de si’ passa a ser problematizada sob o ponto de vista histórico. Dentre os diversos textos citados, merece destaque o diálogo de Sócrates com Alcibíades. Em tal texto, segundo o autor, acontece a gênese teórica do ‘cuidado de si’ ou a “primeira grande teoria do cuidado de si” (Foucault, 2006, p. 42). Em tal texto, Sócrates aconselha que Alcibíades (que deseja entrar na vida política) reflita sobre ele mesmo e conheça a si mesmo; dando origem assim, o *gnôthi seautón* que é o princípio da noção de ‘cuidado de si’. Indicando tão somente um conselho de prudência diante das pretensões de Alcibíades que, reconhecendo sua inferioridade se desespera, não conseguindo perceber que Sócrates procurou apontar para além da situação vergonhosa, indicando o caminho de tomar a si mesmo como cuidado.

Partindo de tal reflexão, Foucault aponta que a necessidade do ‘cuidado de si’ se vincula ao exercício de poder, condição necessária para a ação política e

ao exercício do governo. Assim, “entre privilégio e ação política, este é, portanto, o ponto de emergência da noção de cuidado de si” (Foucault, 2006, p.48).

Outro fator apontado por Foucault, que também propicia a emergência do cuidado de si, é a insuficiência na educação de Alcibíades, e no *déficit* pedagógico da educação ateniense. Atrelado intimamente a tal fator está a necessidade do jovem de se ocupar de si mesmo para entrar no período da vida política, um momento necessário para a formação cidadã.

Além disso, à medida que Alcibíades formula seus projetos políticos, ele ignora o objeto com quem tem que se ocupar e como ocupar-se, e à medida que não encontra tais respostas urge a necessidade de ocupar-se consigo mesmo.

Diante dessa problemática, duas questões se fazem necessárias: quem é esse sujeito, este ‘si mesmo’, a quem se dirige o cuidado? E, de que modo o cuidado de si conduz ao saber necessário para o exercício político? Ou seja, “qual o eu de que me devo ocupar-me a fim de poder, como convém, ocupar-me com os outros a quem devo governar?” (Foucault, 2006, p.51).

Para responder à primeira questão sobre “o que é o eu” novamente nos deslocamos para a *gnôthe seautón* – ‘conhece-te a ti mesmo’. Por meio de uma série de questionamentos Sócrates e Alcibíades concluem que o ‘si mesmo’ a quem se dirige os cuidados é a alma, pois é através dela que as ações corporais, as ações instrumentais e a linguagem se tornam possíveis. No entanto, convém destacar, que a ideia de alma por ele empregada não é meramente instrumental, mas, necessariamente atrelada à ideia de “servir-de”, ou seja, a alma como a condição de possibilidade de se servir do corpo, de se servir dos instrumentos, de se servir da linguagem, etc. E, é nesse sentido que, sendo esse sujeito de ações, comportamentos, relações e atitudes que o homem deve ‘cuidar de si mesmo’.

A fim de clarear mais seu pensamento, Foucault propõe um olhar sobre três atividades, são elas: medicina, dono de casa e o enamorado.

O médico, através do exercício da medicina, ao aplicar sobre si mesmo seus conhecimentos, diferentemente da forma que atende aos seus pacientes, ocupa-se apenas da sua dimensão física, do seu corpo.

Já o proprietário de uma casa, à medida que se ocupa dos bens e riquezas da família apenas investe sua atenção sobre seus bens, sobre o que ele possui, e não com ele mesmo.

E o enamorado apenas se ocupa com o corpo e com a beleza do sujeito, pois com o passar do tempo ele vai ser abandonado, pois deixa de ser desejável.

Diante do exposto, a tarefa exercida por Sócrates é aquela que dá a Alcibíades a condição de se posicionar diante de si mesmo, com sua alma, ou seja, cuida de como ele vai cuidar de si mesmo.

Já para responder à segunda questão, sobre o que é cuidar e em que medida o cuidado leva ao conhecimento, voltamos, novamente, à *gnôthe seautón*, ao ‘conhece-te a ti mesmo’. Assim, com diferente sentido das duas outras referências, “temos o *gnôthe seautón*, por assim dizer, em todo seu esplendor e em toda sua plenitude: o cuidado de si deve consistir no conhecimento de si” (Foucault, 2006, p.85). E é daí que se desdobram as práticas e técnicas de si, subordinadas ao princípio do “conhece-te a ti mesmo”.

No curso da trajetória da história do cuidado, de suas práticas, e no desenvolvimento do pensamento filosófico, Foucault destaca três questões com as quais o ‘cuidado de si’ nitidamente se relaciona, são elas: relação com a ação política, relação com a pedagogia, e relação com a erótica dos rapazes.

No tocante à relação do ‘cuidado de si’ com a ação política vemos, através do diálogo com Alcibíades, que o ‘cuidado de si’ além de ser um privilégio dos governantes é também um dever, um preceito que vai se estender aos outros da elite.

Já no que tange à relação do ‘cuidado de si’, com a pedagogia, por ser insuficiente, gera a necessidade de cuidar de si. Assim, não se deve mais cuidar de si apenas na juventude, mas durante todo curso da vida, pois com o desenvolvimento da maturidade o cuidado de si torna-se essencial no preparo para a velhice.

E na relação do ‘cuidado de si’ com a erótica dos rapazes, pouco a pouco tal relação se dissociará, e desaparecerá nas técnicas de si e na cultura de si.

Nesse contexto, nos diálogos socráticos-platônicos os personagens se relacionam com o outro enquanto necessário à formação do jovem, e assumem três tipos diferentes de maestria: maestria de exemplo (o outro é um modelo de comportamento); maestria de competência (transmissão de conhecimentos para o outro); e maestria socrática (baseada no embaraço e na descoberta). Assim sendo, são movidos pela ignorância e pela memória.

Diante disso, o vínculo, o cuidado de si, e o cuidado do outro também passaram por mudanças. Em Platão, o vínculo possui as seguintes manifestações: finalidade (ocupo-me comigo para ocupar-me com os outros – governar), reciprocidade (à medida que faço bem a cidade também tiro proveito dessa recompensa, já que sou parte dela), e implicação essencial (a alma descobre tanto o que ela é quanto o sabe ou sempre soube – contemplação das verdades).

Diante do que foi exposto, o autor estrutura seu pensamento sobre o momento socrático-platônico do pensamento filosófico. Momento este, responsável,

através de *Alcibíades*, pela determinação do tempo, da razão de ser e da forma do 'cuidado de si'.

Seguindo o curso do desenvolvimento da noção do 'cuidado de si', Foucault nos leva para os séculos I e II, **Época de ouro do cuidado de si mesmo** – terceiro momento no qual problematiza a questão em torno do 'cuidado de si', indicando que, nesse momento, pretende situar suas reflexões a partir de “três determinações (ou condições) que, no *Alcibíades*, caracterizavam a necessidade de cuidar de si, [mas, que posteriormente] desapareceram” (Foucault, 2006, p.103). As mudanças por ele mencionadas são: 1. o cuidado de si condicionado ao *status*; 2. o cuidado de si como tendo como finalidade apenas o ato de governar a 'si mesmo'; e, por fim, 3. o cuidado de si não mais determinando a forma única do conhecimento de si.

No que se refere à primeira mudança, indica que ela se deu no que diz respeito ao cuidado de si ser condicionado ao *status*. A partir de agora, a tal noção se estende a todos, passando a ser um princípio geral. Dessa forma, a adolescência período crítico do desenvolvimento humano, não é mais o centro do cuidado de si, assim como, sair da ignorância dessa fase também não é mais o foco, nem se tornar um governante (conhecimento ligado a uma atividade ou saber técnico) é mais o foco do cuidado de si. Dito isto, visualizamos o quão foi recentralizada a ideia do 'cuidado de si', pois todos são incluídos, independente da idade, do *status*, do nível de conhecimento, da atividade, assumindo todas as dimensões e efeitos ao longo da existência.

Já a segunda mudança consiste na transição do cuidado de si, tendo apenas como finalidade o ato de governar a si mesmo mediatizado pelo governo dos outros – a cidade – para o cuidado de si como finalidade o 'si mesmo', suscitando

assim, uma nova organização na relação com o objeto, com o objetivo e com a finalidade.

E, por fim, o 'cuidado de si' não mais determina a forma única do conhecimento de si, ele se tornou apenas um entre diversos outros dispositivos. Tal afirmação se justifica, a partir da compreensão do cuidado de si no termo original *epimeleîsthai heautoû*, e na etimologia de diversas palavras que compõe e que se derivam do termo, e que, no geral, designam um conjunto de práticas ou atividades.

Esse conjunto de práticas ou atividades compõem quatro diferentes ideias: 1- remetem a atos de conhecimento e se referem à atenção, movimento global da existência convidada a voltar-se para si; 2- retirar-se em si, instalar-se sobre si mesmo como em um refúgio; 3- atividades particulares em relação a si, tratar-se, curar-se, atividades em relação a si mesmo, mas de tipo jurídico, reivindicar a si mesmo, atividades de cunho religioso como cultuar-se, honrar-se; e 4- atividades de relação consigo que trate de soberania e poder ou de sensações.

Ao discorrer sobre as práticas de si nos séculos I e II, visualizamos como primeiro apontamento a ligação entre a prática de si e a arte de viver, já que se trata agora de uma exigência que deve acompanhar todo curso da existência do sujeito. Outro traço é o cuidado de si compreendido como uma prática de si incondicionada, ou seja, é aplicável a todos, no entanto, apesar desse caráter, continuou sendo uma prática exercida em formas exclusivas. Prática esta, segregada em movimentos religiosos ou culturais, em que se definiam ou se forneciam instrumentos para que seus membros, por meio, da prática chegassem ao seu *status* pleno e inteiro de sujeito.

Seguindo o curso das mudanças nessas práticas, a relação com o Outro também se modifica, tornando-se "indispensável na prática de si a fim de que a

forma que define esta prática atinja efetivamente seu objeto, isto é, o eu, e seja por ele efetivamente preenchida” (Foucault, 2006, p. 158). Apesar da mudança histórica do período socrático-platônico para os séculos I e II, a prática de si exercida ainda se baseia na ignorância, que busca a plenitude de si para sair da condição de não-sujeito para o *status* de sujeito. Assim, conseqüentemente, o mestre se torna um operador da mudança do indivíduo, papel este, assumido pelo filósofo que se torna responsável pela mediação.

Assim, nos séculos I e II, há a dissociação do cuidado de si sem ter como finalidade o cuidado do outro, isto é, o eu é meta exclusiva do cuidado de si.

Centrada apenas em si mesma, é uma atividade que encontra seu desfecho, sua completude e sua satisfação, no sentido forte do termo, somente no eu, isto é, naquela atividade que é exercida sobre si. Cuida-se de si, por si mesmo, e é no cuidado de si que este cuidado encontra sua própria recompensa. No cuidado de si é-se o próprio objeto, próprio fim (Foucault, 2006, p. 218).

Assim, essa autofinalização do sujeito gerada nos séculos I e II teve efeitos que atingem uma série de práticas, criando uma espécie de “cultura” de si. Compreendendo cultura como sendo: conjunto de valores entre os quais possui coordenação, subordinação e hierarquia; esses valores são universais, porém, não são acessíveis a todos; para alcançar os valores são necessárias condutas regidas por sacrifícios; os valores em questão são condicionados a técnicas que tenham sido validadas e vinculadas a um campo de saber.

Nessa direção, a amizade também é um dos pontos abordados por Foucault na compreensão do 'cuidado de si', tendo em vista a relação com os outros contida nela. Seu foco é a concepção epicurista da amizade, que através dos textos demonstra ora uma exaltação da amizade, ora aborda a amizade apenas como derivada da utilidade. Mas, pondera pontuando que para compreender a amizade é necessário que haja equilíbrio entre a utilidade contida na amizade, e outra coisa que não seja a utilidade. "De todos os bens que a sabedoria proporciona para a felicidade da vida inteira, de longe o maior é a posse da amizade" (Foucault, 2006, p.239). Afirma o autor, que aí é possível encontrar o equilíbrio entre a utilidade e a desejabilidade da amizade.

A fim de esclarecer ainda mais sobre seu ponto de vista, Foucault recorre à Sentença Vaticana 34, a qual afirma que da "ajuda por parte dos amigos recebemos não tanto a ajuda que deles nos vem, quanto a confiança nesta ajuda" (*apud* Foucault, 2006, p.239). A amizade é uma forma de se alcançar a felicidade ou a si mesmo, pois, "a amizade nada mais é que uma das formas que se dá ao cuidado de si" (Foucault, 2006, p.239).

Outro ponto abordado para compreender a relação com os outros é a compreensão estóica do homem como ser comunitário. A concepção do cuidado de si atrelada ao cuidado dos outros desenvolve-se em dois níveis: nível natural e nível reflexivo. No nível natural, a vinculação é providencial, pois, segundo Epicteto, é da ordem natural do mundo que cada um dos indivíduos que todos busquem seu próprio bem. Já no nível reflexivo, baseia-se na racionalidade que há no humano, pois dotado de tal capacidade, o homem deve apropriar-se dessa diferença que tem com relação aos animais e agir tomando-se como objeto de seu cuidado. E, ocupando-se do cuidado de si, conseqüentemente produziria condutas que

viabilizem efetivamente o cuidado dos outros. A conversão a si mesmo evoca um deslocamento do sujeito em relação a si mesmo.

Após traçar suas considerações sobre a época de ouro do cuidado de si, Foucault destaca o que seria o quarto momento do cuidado de si, este entendido no contexto do **Cristianismo**. Em tal período, as reflexões sobre o cuidado de si são marcadas pelo exercício do poder pastoral, sendo, a partir daí, problematizada a ideia das técnicas de controle dos corpos.

Reitera tal reflexão a partir do Texto da Revelação, apontando que o exercício do conhecimento de si, naquela época, implicava a necessidade de purificação para compreender a Palavra. E, é através desse exercício que torna possível alcançar a verdade, criando, portanto, uma “relação circular entre: conhecimento de si, conhecimento da verdade e cuidado de si” (Foucault, 2004, p. 310) sendo esse ponto considerado por Foucault como um dos principais para compreensão das relações de cuidado de si e conhecimento de si no cristianismo.

Nesse período, também encontramos o conhecimento de si ligado a técnicas cuja função seria dissipar as ilusões interiores. Em tais técnicas há o estabelecimento da obrigação de se dizer a verdade sobre si mesmo (confissão, exame de consciência, obediência incondicional), revelando assim, aquilo que Foucault chamou de “modelo cristão das relações entre conhecimento e cuidado de si” (2006, p.311).

Dessa forma, os procedimentos adotados eram estruturados pela tematização de um Outro (Deus) e da morte (Vida eterna). A ‘verdade sobre si mesmo’ produzida pelo sujeito, a partir dessas técnicas, é considerada pelo autor como uma das maiores formas de demonstrar nossa obediência, uma vez que, tais atos geram um exercício introspectivo e um enunciado exaustivo sobre a ‘verdade

de si mesmo'. No entanto, o objetivo maior desse exercício não é voltar-se para si mesmo, pelo contrário, "retornar-se a si [...], para, essencial e fundamentalmente, renunciar a si" (2006, p.311).

Chegando ao quinto momento problematizado por Foucault, as reflexões sobre o cuidado de si passam a ser estudadas no **Momento cartesiano – Modernidade**. Assim, inspirados pelos questionamentos do próprio Foucault, questionamos: por que a tradição do pensamento ocidental não considerou o 'cuidado de si' como solo do 'conhece-te a ti mesmo'? E, talvez ainda pensar: quais são as repercussões desse 'esquecimento' no pensamento ocidental? E no mundo contemporâneo?

Acerca de algumas dessas questões, o autor sinaliza possíveis respostas que nos dão suporte para pensar as demais. No entanto, afirma a esse respeito, que suas contribuições são apenas hipóteses repletas de interrogações e reticências.

Uma primeira aproximação aponta que o 'cuidado de si' gera fórmulas como "ter cuidado consigo", "retirar-se em si mesmo", "ser amigo em si mesmo", "cuidar-se", entre outras. Mas a tradição cartesiana nos leva a fazer dessas práticas o fundamento de uma moral. No pensamento antigo, essa moral sempre vinha agregada a um sentido positivo, mas, para nós, tais 'fórmulas' se aproximam muito do egoísmo, uma vez que somos, a todo instante, convocados a renunciar a si ou a ter obrigação para com os outros.

Foucault nos alerta que o preceito do 'cuidado de si' foi desqualificado pelo "momento cartesiano" que, em contrapartida, requalificou filosoficamente o 'conhece-te a ti mesmo'. Tal requalificação se dá, à medida que o 'conhece-te a ti mesmo' como princípio fundador do procedimento filosófico comporta e aceita as

práticas filosóficas e procedimentos cartesianos (por exemplo: conhecimento de si como forma de acesso à consciência).

Diante de toda problemática exposta, no curso da história, a noção do ‘cuidado de si’ passou por mudanças que incidiu diretamente sobre sua significação e, por consequência, nas práticas de cuidado. Mas, independente das modificações, de uma forma geral, o *epiméleia heautoû* – ‘cuidado de si’ pode ser, resumidamente, compreendido como: uma atitude, uma forma de atenção, e um tipo de ação.

Assim, tanto no momento socrático-platônico quanto nos séculos I e II, ou após o advento do cristianismo ou do ‘momento cartesiano’, o ‘cuidado de si’ pode ser compreendido como uma atitude geral, que gera um modo diferenciado de encarar a si mesmo, as coisas e o mundo, incidindo assim, diretamente, no modo como as relações são compreendidas e vivenciadas, seja consigo mesmo, com os outros ou com o mundo.

O ‘cuidado de si’ também pode ser visto como uma forma de atenção, de olhar, que se desloca do exterior para o ‘si mesmo’. O que gera uma forma de ser e estar atento ao que se pensa e ao que se passa, um exercício a ser realizado constantemente, de observar o que se pensa. E, não somente uma atitude ou forma de olhar para si, o ‘cuidado de si’ designa algumas ações: “ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (Foucault, 2006, p. 15).

1.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreender o percurso histórico-filosófico sob um dado elemento requer um olhar que considera as diversas nuances que tal pensamento comporta e, pensar

sobre o contemporâneo não poderia ser diferente. O olhar que não se deixa ofuscar pelas luzes do presente, buscando também desvelar as obscuridades contidas nele é uma tarefa desafiadora. Foi nesse contexto, possivelmente, que se deu o esforço de Foucault, mostrando-nos os caminhos trilhados pelo conceito do “cuidado de si” que, apesar de tão importante na nossa constituição, foi desqualificado em detrimento do “conhece-te a ti mesmo”.

Tal reflexão, com o olhar crítico no presente, sobre os aspectos histórico-filosóficos acerca do “cuidado de si” nos dá algumas pistas dessas obscuridades contidas nas nossas relações consigo mesmo, com os outros e com as coisas no mundo contemporâneo. Esse contexto nos desvela que o movimento ocorrido ao longo do percurso histórico-filosófico do conceito em questão sofreu grande influência do paradigma cartesiano e sua soberania no pensamento moderno.

Diante desse contexto, o nosso olhar sob “cuidado de si mesmo”, se for visto apenas com as luzes do presente, conceberia a temática sob uma ótica que veria apenas o egoísmo contido à primeira vista sob o tema. Buscar um olhar que percebe o “cuidado de si mesmo” para além dessa visão indica a necessidade de uma ampliação do nosso olhar sobre o presente. E, conseqüentemente, sobre seus desdobramentos no contemporâneo. Visão esta que permite visualizar os ganhos e perdas desta, do “conhece-te a ti mesmo”, sob o “cuidado de si”, bem como as possíveis repercussões no contemporâneo. Parece-nos que tal exercício de domínio que esse modo de pensar tem realizado sobre o homem o aprisionou num lugar que não abarca as obscuridades presentes na nossa sociedade. Aspecto esse, muitas vezes acentuado pela dificuldade de se abrir para contemplar o obscuro, refletir sobre seus desdobramentos, podendo então, tematizá-lo de maneira crítica.

No entanto, as luzes do presente iluminam os discursos e práticas sob a primazia do “conhece-te a ti mesmo”, visão esta muito mais próxima da forma com a qual nossa civilização ocidental foi estruturada. Tal aspecto, possivelmente, facilita o recorrente deslize contemporâneo em basear as relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo, de maneira quase que exclusiva, pautada nos pressupostos da razão - *gnôthe seautón*.

Diante dessa reflexão, ao refazer o percurso histórico-filosófico não pretendemos estabelecer relações baseadas em méritos de uma visão sob a outra. Pelo contrário. É importante destacar, que desde a reflexão sobre o contemporâneo até as reflexões sobre o “cuidado de si mesmo” e o “conhece-te a ti mesmo” vemos luz e obscuridade, assim como o *epiméleia heautoû* e o *gnôthe seautón*, como dimensões de fenômenos que estão uns subordinados aos outros para existir, e são necessários para empreender um olhar contemporâneo da realidade.

1.6 REFERÊNCIAS

Agamben, Giorgio (2010). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. Em Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (Org.) *Prática psicológica numa perspectiva fenomenológica* (pp. 23-46). Curitiba: Juruá.

Castro, Edgardo (2004). *Vocabulário de Foucault*: Um percurso pelo seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica.

Duarte, André (2010). *Vidas em risco*: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Florense Universitária.

Figueiredo, Luis Cláudio M. (2009). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.

Foucault, Michel (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.

Vattimo, Giani (1996). *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget.

2 ARTIGO II

**O CONTEMPORÂNEO PARA ALÉM DA TÉCNICA: A ÉTICA DO
CUIDADO DE SI COMO CUIDADO POLÍTICO DO OUTRO**

2.1 Resumo

O contemporâneo para além da técnica: a ética do cuidado de si como cuidado político do outro

As repercussões da técnica moderna sobre o mundo contemporâneo cada vez mais podem ser visualizadas no modo como o homem experiencia suas relações com os outros, com o mundo e com a natureza. Diante de tal contexto, o objetivo do presente artigo é pensar a crítica empreendida por Heidegger à razão instrumental, tendo como eixo norteador a noção de cuidado. Para tanto, considerou-se a problematização apresentada pelo autor em *Ser e tempo*, nos seus escritos *Sobre a técnica moderna* e em *Serenidade*. Nessa direção apresentar-se-á uma breve introdução ao pensamento dele, a fim de situar o leitor no universo reflexivo que norteia nossa diretriz. Posteriormente, a técnica moderna será refletida de maneira a possibilitar uma abertura para o questionamento sobre o seu domínio no modo de pensar do homem moderno e contemporâneo. A compreensão apontada foi de que o pensamento não calculante, como exposto no texto sobre a *Serenidade*, apresenta-se como uma possibilidade de manter um relacionamento livre e refletido com a técnica, podendo, inclusive, possibilitar uma reflexão sobre a dimensão ético-política do cuidado. Para tanto, será travado um diálogo com a compreensão de política em Arendt, enfocando o registro político do modo de cuidar e habitar o mundo, como subsídio para pensar o movimento do cuidado de si como cuidado ético-político do outro.

Palavras-chave: técnica moderna; Heidegger; contemporâneo.

2.2 Abstract

The contemporary beyond technique: the ethics of care of yourself as political care of the other

The repercussions of modern technique about the contemporary world even more can be visualized in the way as the man experiences his relations with others, with the world and with the nature. Before such a context, the aim of the present article is think the criticism undertaken by Heidegger to the instrumental reasons, having as a following guide the caring notion. Therefore, it was considered the problematization presented by the author in "Being and Time" (Ser e Tempo), in his writings about the Modern Technique and in Serenity .In this direction will present a short introduction to his thought in order to situate the reader in the reflexive universe that guides our guideline. Afterwards, the modern technique will be reflected in order to enable an opening to the questioning about its domain in the way of thinking of the modern and contemporary man. The comprehension indicated was that the no calculating thought, as exposed in the text about the Serenity, is presented as a possibility to keep a free relationship and reflected with the technique, it can, including, makes possible a reflection about the ethics political dimension of care. Therefore, it will hold a dialogue with the political comprehension by Arendt, focusing the political registration of the way to care and inhabit the world as subsidy to think the movement of care yourself as ethics political care of other.

Key-words: modern technique, Heidegger, contemporary

2.3 INTRODUÇÃO

Ao retomar uma reflexão sobre os aspectos histórico-filosóficos acerca do “cuidado de si”, percebemos indicadores que nos permitem ampliar a visão sobre essa temática. Nessa direção, visualizamos o quanto o modo de pensar predominante no mundo contemporâneo foi estruturado sob a primazia do “conhece-te a ti mesmo”, em detrimento do “cuidado de si”. Tal aspecto tem repercussões na maneira como o homem contemporâneo, constitui suas relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo, que se apresentam orientadas de maneira quase que exclusiva, pelos pressupostos da razão.

Ao refazer o percurso histórico-filosófico empreendido por Foucault (2006) na *A Hermenêutica do Sujeito* visualizamos um questionamento radical da noção moderna de subjetividade. Nesse aspecto, o autor nos alerta que o preceito do ‘cuidado de si’ foi desqualificado pelo “momento cartesiano” que, em contrapartida, requalificou filosoficamente o ‘conhece-te a ti mesmo’. E, aponta que tal requalificação se deu, uma vez que o ‘conhece-te a ti mesmo’ como princípio fundador do procedimento filosófico comporta e aceita as práticas filosóficas e procedimentos cartesianos (por exemplo: conhecimento de si como forma de acesso à consciência).

Outro filósofo que também refletiu sobre as repercussões do modo de pensar cartesiano/metafísico na construção do pensamento moderno foi Heidegger, ao refletir criticamente sobre as consequências desse paradigma na estruturação do modo técnico de pensar que predomina na cultura moderna e, de certa forma, reverbera na organização da sociedade contemporânea. Assim, constrói seu pensamento a partir da crítica ao pensamento metafísico, que determinou e originou a Técnica Moderna. Apesar de alertar sobre o quanto a Técnica predomina na forma

de pensar do homem moderno, não investe contra a técnica, mas chama a atenção para a falta de reflexão a seu respeito, operada desde a época moderna e predominante no momento contemporâneo. Como consequência, apontamos para uma característica própria do modo próprio de pensar ocidental que busca focar e construir conceitos e explicações causais para todos os fenômenos (Heidegger, 2001).

A fim de situar melhor os questionamentos feitos por Heidegger, sobre a técnica, apresentaremos algumas considerações sobre seu pensamento. Posteriormente, será problematizada a compreensão de cuidado sob a ótica heideggeriana como um modo de responder a técnica. Cuidado este já presente no modo de ser do homem mas que, como já foi apontado por Foucault (2006), foi desqualificado pelo pensamento cartesiano.

Em outro momento, recorreremos às leituras problematizadas por diferentes autores sob influência do pensamento heideggeriano (Sá, 2002; Andrade & Moratto, 2004; Critelli, 2006) acerca das reflexões pautadas por uma leitura ético-política. Além de buscar também as contribuições de Hannah Arendt (2000), importante pensadora pós-estruturalista alemã, nas suas discussões sobre o Labor, o Trabalho e a Ação. Pois é através dessas atividades que o homem revela os modos de cuidar na produção do mundo e da construção da História cujos 'produtos' resultantes trazem em si o registro político do modo de cuidar e habitar o mundo.

2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Heidegger, através de sua principal obra *Ser e tempo* (1927), convida-nos a repensar a questão em torno do sentido do ser. Por meio seus escritos, o filósofo apresenta um questionamento ao conceito de ser que até então prevalecia – ser como simples presença. Tal noção, pensada a partir do paradigma metafísico, possui uma compreensão do ser do homem fundada na dicotomia sujeito-objeto, apresentado como ente simplesmente dado, representado de modo objetivo segundo a lógica causal.

O próprio autor nos esclarece que

O que se busca é responder à questão do sentido do ser em geral e, antes disso, a possibilidade de elaborar radicalmente essa questão fundamental de toda ontologia. Liberar o horizonte em que o ser em geral é, de início, compreensível equivale, no entanto, a esclarecer a possibilidade da compreensão do ser em geral, pertencente à constituição desse ente que chamamos de presença (Heidegger, 2009, pp. 303-304, grifos do autor).

Segundo o autor, a tradição do paradigma metafísico configurou um modo de pensar determinado por relações de causa e efeito que, ao privilegiar o controle e a explicação dos fenômenos, objetivou o ser do homem, impossibilitando alcançar o ser da presença. Tal modo de pensar tem como consequência o ‘esquecimento do ser’ da presença, o que nos leva ao vislumbre apenas do ente. O autor ainda nos alerta que o modo de pensar predominantemente cartesiano/metafísico contempla uma visão limitada de ser do homem, em que apenas uma das suas possibilidades de interpretação é desvelada (Váttimo, 1996).

Heidegger não tinha como proposta indicar um método para atingir a verdade absoluta, nem pretendia substituir o paradigma metafísico, mas buscava alertar para as consequências desse modo de pensar que, ao possibilitar o “esquecimento do ser” criou solo fértil para o modo de pensar calculante, desenvolvido no momento de seu pensamento tardio no texto a *Serenidade* (1959). Nesse contexto, o que se faz necessário é compreender que a perspectiva metafísica não é única e absoluta, no entanto, importa alertar para a soberania exercida por ela no pensamento ocidental. Tal crítica é explicitada por Critelli ao indicar “*um* ponto de vista é apenas um ponto de vista; *uma* perspectiva é apenas uma perspectiva entre outras. E é como uma perspectiva relativa e provisória que a fenomenologia mesma se auto-compreende” (2007, p.12, grifos do autor).

O referido autor propõe a problematização sobre a questão do ser a partir da cotidianidade mediana, possibilitando assim, outro olhar sobre o ser. Nela, a análise do ser não privilegia uma estrutura em detrimento das demais, mas, busca aproximar-se dos modos de ser possíveis do homem na sua relação com o mundo. É por meio dessa maneira de apreender *como* as coisas são que há a abertura para a interpretação. Assim, o “que acontece é que, no que vem ao encontro dentro do mundo como tal, o compreender de mundo já abriu uma conjuntura que a interpretação expõe” (Heidegger, 2009, p.211).

Nesse contexto, compreender toma outra conotação, uma vez que tudo é compreendido a partir de uma totalidade que não necessariamente precisa ser interpretada sob a primazia da razão. A interpretação funda-se sempre numa visão prévia, assim o compreendido torna-se conceito através da interpretação que, por sua vez, abre para novas possibilidades compreensivas.

O ser-aí não é apenas o ente que traz consigo a possibilidade de compreensão de algo assim como ser e que funciona então necessariamente como ponto de partida metodológico para a formulação da pergunta sobre o seu sentido, mas também vem à tona essencialmente como o ente que já sempre se movimenta no interior de uma compreensão fática de ser e que experimenta de início e na maioria das vezes essa compreensão de maneira pré-temática (Casanova, 2006, p.37).

Diante desse campo de relações com os outros entes na cotidianidade, de maneira pré-temática, dá-se a abertura de mundo como teia de significados que acolhe os entes que se apresentam à compreensão. É a partir dessa abertura que se torna possível assumir e explicitar as implicações dos pressupostos da cotidianidade presentes na compreensão. Tais pressupostos não devem ser excluídos, pelo contrário, eles devem ser tematizados e assumidos, explicitando suas implicações no modo de ser da presença.

A partir desse modo de pensar a cotidianidade – como pré-compreensão – fica implícita a ideia de compreender o ser do homem como pura possibilidade. Mas, como não é possível apropriar-se de todas as suas possibilidades, o ser do homem é – seu poder-ser mais próprio (Vattimo, 1996).

Diante desse outro modo de pensar a existência humana, enquanto poder-ser, compreendemos o homem como um vir-a-ser constante. Visão esta que implica em pensar a ‘essência’ do homem como sua própria existência, repercutindo assim, num outro modo de ver o ser, como um ente que não possui uma essência ou natureza que o define *a priori*. Seu existir está em jogo nas possibilidades que possui na sua existência, e esta deve ser entendida “no sentido etimológico de ex-

sistere, estar fora, ultrapassar a realidade simplesmente presente na direcção da possibilidade” (Vattimo, 1996, p. 25).

Assim, o homem não será entendido como um conjunto de propriedades que definem sua realidade no mundo, mas como um conjunto de possibilidades, ou modos possíveis, de ser. Possibilidades essas que podem ser vivenciadas, construídas, não experienciadas e reconstruídas ao longo da existência.

Nessa direcção, Heidegger compreende o homem como *Dasein*, que significa estar-aí ou ser-aí e, enquanto ser-aí a existência do homem está sempre em jogo na forma de projeto. Assim, o

Ser-aí é, em outras palavras, um termo que surge originariamente da impossibilidade de fixar o homem em uma figura específica, de interpelar discursivamente essa figura com vistas às suas determinações essenciais e sintetizar essas determinações em uma definição que contenha em si o que o ente propriamente é, alijando por princípio todas as suas determinações acidentais (Casanova, 2009, p.90).

Nesse contexto, compreendido como projeto sempre em construção, o ser-aí se dá enquanto ser-no-mundo. Mundo este, visto não apenas enquanto local concreto, instrumental e objetivo onde o homem existe. Mas, como um conjunto de possibilidades diversas de teias significativas, nas quais se torna possível experienciar os diversos modos de ser. Visto desta, forma o mundo é compreendido como “uma característica do próprio ser-aí” (Vattimo, 1996, p. 30). Ou seja “o ser-aí só se determina efetivamente como o ente que é a partir da inter-relação incessante com o seu mundo” (Casanova, 2009, p.93). E esta relação com o mundo, muitas

vezes influenciada pelas orientações do mundo circundante, determinam uma relação pautada pelo campo de uso dos entes. Assim, os entes podem revelar suas possibilidades de ação associadas a uma determinação utensiliar, ou seja, “algo para”. Tais utensílios devem ser considerados além da sua imersão no campo de uso, sendo vistos a partir de uma totalidade utensiliar, e todos os elementos que o compõem são determinados a partir da totalidade em que todos estão imersos em um mundo. Diante desse contexto,

O ser-aí é um ente jogado em um mundo fático que constrói a sua dinâmica existencial a partir de uma familiaridade com esse mundo. Ele é um ser-no-mundo não porque se encontra dentro de um espaço dado específico chamado mundo e porque precisa necessariamente se adequar a esse espaço circundante. Ao contrário, ele é essencialmente um ser-no-mundo, porque encontra no mundo a sua própria morada (Casanova, 2009, p. 101)

Nessa condição de estar lançado no mundo é que o homem, diante das ocupações, pode vivenciá-las de forma impessoal. Tal modo de ser no mundo pode ser compreendido também como ‘fuga de si mesmo’. Além disso, importa ressaltar que é sempre por meio de uma tonalidade ou disposição afetiva que o ser-aí se relaciona como existente no mundo, e essas tonalidades que determinam o próprio descerramento do homem no campo de manifestação do ente na totalidade da presença.

No que diz respeito às tonalidades afetivas, Heidegger destaca a disposição afetiva fundamental da angústia. O fenômeno da angústia provém da situação de indeterminação da existência, uma vez que coloca o homem diante de

todas as possibilidades de seu poder-ser, dispondo o homem diante da “responsabilidade pelo ter de ser e pela escolha implicada no seu poder-ser, assim como a necessidade de assumir por si mesmo o estar lançado no mundo e de decidir antecipadamente o ser-para-morte” (Feijoo, 2011, p. 48).

Partindo da compreensão do ser do homem como desprovido de essencialidades e vivendo a incompletude e indeterminação como abertura e tarefa de ser, chamamos atenção para a “estrutura existencial” de cuidado. Cuidado, como constitutivo do modo de ser do homem, emerge com o acontecimento do existir, não estando atrelado a uma propriedade anterior à existência. Vattimo aponta que a definição do ser-aí enquanto cuidado equivale à expressão genérica de “assumir responsabilidades” (1987, p. 47). Entretanto, não podemos visualizar esse ‘assumir responsabilidade’ sob a ótica da moral, o sentido empregado pelo filósofo em suas reflexões aproxima-se da própria ideia do ser-aí como projeto. Pois, uma vez que consideramos a existência como algo em constante construção, o ser da presença assume-se como responsabilidade de cuidar-de-ser. Em outras palavras,

enquanto um ente que, sendo, coloca sempre em jogo o seu ser, enquanto um ente que só se determina ontologicamente por meio dos seus respectivos comportamentos ônticos, o ser ser-aí precisa incessantemente se transpor para possibilidades do seu ser. Essa transposição jamais desarticula da existência o ser-aí do seu ser, mas sempre o insere imediatamente em seu ser mesmo (Casanova, 2009, p. 128).

Nessa mesma direção, ao refletir a respeito do ser da presença como cuidado, o próprio Heidegger nos aponta que tal compreensão se torna possível

através da disposição afetiva da angústia. Segundo ele, “enquanto disposição, o angustiar-se é um modo de ser-no-mundo; a angústia se angustia com o ser-no-mundo lançado; a angústia se angustia por poder ser-no-mundo” (Heidegger, 2009, p.258).

Diante desse contexto, percebemos que ser-aí compreendido como cuidado nos remete a uma visão da existência humana determinada não a partir de *a priori*, mas, diretamente articulada com a responsabilidade com seu existir. Logo, aquilo que o ser-aí se torna vai sendo construído e conquistado através dos seus diferentes modos de ser em consonância com a disposição afetiva da angústia.

Diante desse contexto, Heidegger nos aponta que os “caracteres ontológicos fundamentais desse ente são existencialidade, facticidade e decadência” (2006, p. 258). Nessa direção, a existencialidade está ligada ao ser-à-frente-de-si-mesmo, que corresponde à responsabilidade que o *Dasein* possui diante da sua existência. Já a facticidade pode ser compreendida como o ser-já-em-um-mundo, mundo este anterior a sua existência e repleto de sentidos em que o *Dasein* é lançado. E, a decadência corresponde ao ser-junto-a outros entes no mundo, entes estes que conduzem ao movimento existencial do *Dasein*. Nesse sentido, Heidegger esclarece que é nas determinações existenciais que “se tece um nexos originário que constitui a totalidade procurada no todo estrutural. Na unidade dessas determinações ontológicas da presença é que se poderá apreender ontologicamente o seu ser como tal” (2009, p.258). Diante desse contexto, tendo em vista o caminho percorrido por Heidegger para problematizar a questão da técnica, tendo como referência os escritos a partir da década de 30, pretendemos refletir sobre os desdobramentos da supremacia desse modo de pensar, bem como suas repercussões no pensamento contemporâneo.

2.5 HEIDEGGER E A QUESTÃO DA TÉCNICA MODERNA

Em sua obra, em especial *A questão da técnica*, Heidegger questiona a técnica moderna, apontando que sua intenção é construir um caminho. Tal caminho seria um caminho de pensamento, cuja intenção é preparar um relacionamento livre com a técnica. A liberdade a que o autor se refere seria “o relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença à essência da técnica” (Heidegger, 2001, p.11).

Dessa forma, o autor pontua a diferença entre a técnica e a essência da técnica, ressaltando que há uma diferença entre elas, e indica que a essência da técnica não é nada técnica. A técnica apresenta-se como um conjunto de meios para alcançar um fim; já na essência da técnica é necessário interrogar a técnica como instrumento. Tal atitude possibilita compreender a técnica como ‘dispositivo’ e pode levar ao reconhecimento que esse modo de desocultamento da técnica - como dispositivo – não é o único. Assim, à medida que o homem se apropria desse reconhecimento sobre a essência da técnica, o relacionamento com esta poderá se tornar mais livre. No entanto, alerta que uma das maneiras mais frequentes que o homem contemporâneo tem de se relacionar com a técnica é considerando-a neutra, e, é tal concepção que o deixa cego para a essência da técnica.

Diante desse contexto, tal pensamento converge para a necessidade de uma maior reflexão sobre o que é então a técnica, diferenciando-a de sua essência. Nessa direção, Heidegger aponta que, usualmente, a definição de técnica diz que a “técnica é meio para um fim” ou até mesmo que “técnica é uma atividade do homem” (2001, p.11). Nesse sentido, pertence a ela a produção e uso das ferramentas, como

também pertencem os utensílios e as necessidades do homem. Assim, a “concepção corrente da técnica de ser ela um meio e uma atividade humana pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica” (Heidegger, 2001, p.12).

Tal determinação instrumental da técnica deve ser ressaltada para alertar o quanto extraordinária e sedutora ela se mostra, no entanto, por meio dela deve-se também refletir que tal aspecto não permite alcançar a sua essência. A determinação utensiliar caracteriza a técnica moderna, de modo que Heidegger afirma que “também a técnica moderna é um meio para um fim” (2001, p.12). E, é essa afirmação que serve de motivação para compreender o relacionamento do homem com a técnica moderna, uma vez que o que se busca é promover as condições para a manipulação da técnica como meio e instrumento, assumindo o domínio sobre esta com o objetivo de controlar e manipular a natureza, o mundo, os homens e os demais entes intramundanos.

Nessa direção, aponta que a “técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade” (2001, p. 17). Para minimizar a estranheza que tal afirmação produz, é importante recorrer ao sentido da palavra técnica, de origem grega *téchne* (τέχνη), significa arte, técnica, ofício. Assim, *téchne* pertence à pro-dução, pôr adiante, e, no seu significado de maior peso a palavra também conduz à noção de conhecimento no seu sentido mais amplo, ao desencobrimento. Tal contexto nos conduz ao significado da instrumentalidade do instrumento.

O perigo de tal atitude consiste em que o dispositivo da técnica moderna passa a ser considerado como único modo de desocultamento, ofuscando, inclusive,

a possibilidade de outros modos de desocultamento, “inclusive àquele que possibilita levar o ente à presença como acontecimento no sentido originário de *poiésis* e a concepção da verdade como o ‘acontecer do desocultar’” (Barreto, 2013, p. 40).

Importa ressaltar que a noção de verdade utilizada por Heidegger não corresponde ao que usualmente conhecemos, mas esta deve ser compreendida enquanto *aletheia*, ou seja, aquela compreendida como uma clareira que possibilita o desocultamento e está diretamente ligada à interpretação do ser.

Seguindo essa linha de reflexão, podemos indicar que técnica moderna é um modo de desocultamento/ descobrimento; no entanto, este não se desenvolve numa produção. Ao contrário, o “descobrimento, que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (Heidegger, 2001, p. 19), exploração esta que se coloca numa posição de extrair aquilo que a natureza dispõe e possui, e tem como característica dominante a exploração. Tal desocultamento, pode se manifestar através de diferentes modos: extrair, transformar, estocar, distribuir e reprocessar (Heidegger, 2001). E os modos pelos quais o desocultamento da técnica moderna se manifesta são marcados fundamentalmente pelo controle e pela segurança.

Nesse sentido, ao pensar a essência da técnica moderna, o homem contemporâneo pode pôr-se a caminho na busca de outra relação entre homem e ser, possibilitada pela atitude de assumir a ausência de toda certeza quanto à sua realização, já que a técnica moderna configurou uma determinada “abertura ontológica”, em que os entes fazem sua aparição no nosso tempo (Duarte, 2010). Esse vigor que impulsiona o pôr-se a caminho de um desocultamento empreendido pelo homem é compreendido como destino. A esse respeito, Heidegger aponta que

É pelo destino que se determina a essência de toda história. A história não é um mero objeto da historiografia nem somente o exercício de atividade humana. A ação humana só se torna histórica quando enviada por um destino (2001, p.27).

Tal contexto indica que o homem frente ao desocultamento da técnica moderna só se torna livre à medida que se posiciona frente a esta como atenção solícita ao envio historial em que o homem contemporâneo foi lançado. Portanto, tal condição de liberdade frente a ela não pode ser reduzida à vontade ou querer, uma vez que “todo descobrimento provém do que é livre, dirige-se ao que é livre e conduz ao que é livre. [...] A liberdade é o reino do destino que põe o descobrimento em seu próprio caminho” (Heidegger, 2001, p.28).

Diante disso, é no espaço livre do destino que se experiencia o descobrimento, ao contrário da negatividade contida na visão da técnica enquanto uma fatalidade à qual estamos condenados. Portanto, a soberania da técnica, no modo de pensar moderno, não se dá somente através de uma coação ou uma entrega cega, muito menos, unicamente, através de posições dicotômicas de aderência incondicional ou repúdio extremo. Mas, ao “contrário, abrindo-nos para a *essência* da técnica, encontramos-nos, de repente, tomados por um apelo de liberdade” (Heidegger, 2001, p.28, grifos do autor).

É por meio dessa relação que faz de abertura a essência da técnica que se dá o cumprimento do destino. Liberdade essa, que deve ser compreendida tanto no âmbito do destino que se oferece ao homem como também pelo modo pelo qual o homem experiencia a técnica – destinar-se. E, é nesse contexto de dupla relação

que reside o perigo da técnica. Tal perigo pode caracterizar-se como uma real possibilidade que o homem possui de equivocar-se e interpretar mal o desencobrimento. Assim, se iluminado unicamente pelas luzes do nexos causa e efeito, os fenômenos serão compreendidos apenas como um sistema operativo e calculável que pode desocultar uma das diversas faces do fenômeno. Nessa direção, é importante destacar, que o fenômeno possui outras faces ainda ocultas. Ressalta-se também: o que se pretende não é retirar o fenômeno em sua totalidade do ocultamento, mas, considerar a face desvelada como uma possibilidade compreensiva dentre tantas outras.

Sobre tal temática, Heidegger reitera que “A técnica não é perigosa. Não há uma demonia na técnica. O que há é o mistério da sua essência. Sendo um envio do desencobrimento, a essência da técnica é o perigo” (Heidegger, 2001, p. 30). Assim, a ameaça que a técnica opera sobre a modernidade não vem exclusivamente dos dispositivos tecnológicos criados por ela mesma, nem tampouco da exploração dos recursos que se encontram disponíveis no mundo. A verdadeira ameaça reside no fato de que ela já atingiu a essência do homem, que sob o império da razão coloca-se numa com-posição com a técnica, sem questionar sua essência, o modo como desoculta e determina os fenômenos humanos e da natureza.

A fim de clarear a compreensão acerca da técnica moderna, faz-se necessário esclarecer o termo com-posição utilizado de maneira recorrente por Heidegger nos seus escritos sobre a temática em questão. Segundo o autor: “Chamamos aqui de com-posição (*Ge-stell*) o apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que se des-encobre como dis-ponibilidade” (2001, p.23). Em outras palavras, o termo com-posição ou *Gestell*, significa estante, armação, ou até mesmo pode ser compreendido como provocar, exigir contas, pelo confronto que se

instaura entre o homem e a técnica. Assim, à medida que homem e técnica se provocam, um exige contas do outro, chamam-se à razão reciprocamente. Dessa forma, a ideia expressa pelos termos utilizados por Heidegger também são acolhidos pela palavra arrazoamento, esta exprime o império da razão, em que o homem tomado pela técnica busca razões, fundamentos, calculando formas de explorar a natureza. E, esta por sua vez, provoca a razão do homem a explorar seus recursos como fundo de reserva à disposição permanente do homem.

Assim, Heidegger reitera que onde há predomínio da com-posição (*Gestell*) há também em elevado grau o perigo. No entanto, recorrendo a Hölderlin, traz-nos o que pode ser considerado uma esperança:

“Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva” (*apud* Heidegger, 2001, p. 31)

Logo, é a partir da apropriação da armação que a com-posição, como destino do desencobrimento, pode prosperar, pois onde ela cresce é onde também ela possui suas raízes. No entanto, esse exercício não pode ser realizado a qualquer tempo, questionar a regência da com-posição (*Gestell*) é necessário desde já, à medida que a força salvadora se medra, já que lá é que reside a salvação.

Nesse aspecto, Heidegger (1959) nos propõe o exercício de meditar, apontando que tal atividade não se refere à narração através do discurso a respeito das coisas. E, a fim de esclarecer, indica que “Não é de modo nenhum necessário pensar enquanto ouvimos a narração, isto é, meditar (*besinnen*) sobre algo que, na sua essência, diz respeito a cada um de nós, directa e continuamente” (Heidegger,

1959, p.11). No entanto, no mundo contemporâneo cada vez mais nos poupamos de realizar esse exercício e optamos pelo caminho mais rápido e econômico. Tal situação altera nossa experienciação das coisas que rapidamente são conhecidas e esquecidas, nessa direção, o autor nos aponta que “somos muitas vezes pobres-em-pensamentos; ficamos sem-pensamentos com demasiada facilidade” (Heidegger, 1959, p. 11).

No entanto, o fato de nos esquivarmos da capacidade de pensar não nos impossibilita de exercitá-la, uma vez que apenas aquilo que contém em si o potencial para produzir possui a possibilidade de deixar de fazê-lo. Assim, o homem está destinado a pensar. Então como explicar a constante fuga aos pensamentos em que o homem se encontra?

Tal fuga ao pensamento deriva do facto de o Homem não querer ver nem reconhecer essa mesma fuga. O Homem actual negará mesmo, redondamente, esta fuga ao pensamento. Afirmará o contrário. Dirá – e com pleno direito – que em época alguma se realizaram planos tão avançados, se realizaram tantas pesquisas, se praticaram investigações de forma tão apaixonada, como actualmente. (Heidegger, 1959, pp. 12-13)

A resposta que Heidegger dá ao questionamento feito é facilmente evidenciada na mídia, por exemplo, em que frente ao sofrimento vivido por algum segmento da sociedade, uma pessoa ou um grupo de pessoas, rapidamente é solicitada a opinião do especialista. Tal profissional dá o seu veredicto que é tomado como a explicação absoluta àquilo que se põe em questão e, quase que instantaneamente, esse discurso torna-se aceito como verdade absoluta pela

população que, ao fugir do pensamento e das ideias, não reflete sobre os acontecimentos.

Ao visualizar os efeitos da técnica, deparamo-nos com a incessante repetição de teorias calculadas, métodos ‘precisos’ que servem para validar uma resposta já antecipada que temos sobre determinado fenômeno, poupando-nos muitas vezes do exercício de refletir/meditar sobre o mesmo. Assim, nosso pensamento cada vez mais tem sido o

pensamento que calcula [...] O pensamento que calcula nunca pára, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflecte (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo que existe (Heidegger, 1959, p. 13).

No entanto, assim como em suas reflexões sobre a técnica, Heidegger não propõe a extinção ao modo de pensar calculante. Suas reflexões são para diferenciar ambos os tipos de pensamento, e nos alertar para a dificuldade que o homem contemporâneo possui para pôr-se a meditar. Há um desenraizamento do homem contemporâneo, isso se deve não só pelas circunstâncias externas a ele mas, sobretudo, devido ao espírito da época em que nascemos e fomos criados. Uma época na qual supostamente a “Ciência – ou seja, neste caso, a moderna Ciência da Natureza – é um caminho para uma vida mais feliz do Homem” (Heidegger, 1959, p. 18).

Diante desse contexto - em que a técnica investe sucessivos ataques ao homem - fica difícil resistir ao seu poder oculto que acaba por determinar a relação

de domínio do homem sobre a Terra. Nesse sentido, Heidegger alerta que “a evolução da técnica decorrerá cada vez mais rapidamente e não será possível detê-la em parte alguma” (Heidegger, 1959, p. 20). O que o mundo contemporâneo vivencia é uma agressão à vida e à natureza humana, gerada pela falta de preparação do homem para lidar com os avanços tecnológicos.

Diante disso, o autor aponta uma preocupante e triste constatação: “O Homem da era atômica estaria assim entregue, de forma indefesa e desamparada, à prepotência (*Übermacht*) imparável da técnica” (Heidegger, 1959, p. 22).

Nesse contexto, o que se faz necessário é que o homem contemporâneo faça o uso dos aparelhos e objetos técnicos de maneira que não dependa destes, pois eles têm tido a capacidade de escravizar a todos os homens na contemporaneidade. Devemos gozar dos benefícios deles dizendo sim à sua inevitável utilização, mas empoderados também, para dizer não, para que eles não nos absorvam e não nos afastem da nossa possibilidade de pensar e refletir sobre o sentido da técnica. Ao dizer ‘sim e não’ simultaneamente a “nossa relação com a técnica torna-se maravilhosamente simples e tranquila” (Heidegger, 1959, p.24). Essa atitude, de dizer ‘sim e não’ diante do mundo técnico, é nomeada por *Serenidade* ou ‘serenidade para com as coisas’, e ela demanda outra relação com a natureza e com o mundo.

No entanto, o sentido que orienta a relação do homem com os processos técnicos, ou o sentido do mundo técnico está oculto, é por isso que para operar tal relação há a necessidade de abrir-se ao mistério. Tal abertura ao segredo e ao mistério promove outra possibilidade de enraizamento, em que a relação com o mundo técnico torna-se menos perigosa.

Após tais reflexões, consideramos importante tentar contemplar outra possibilidade compreensiva sobre o fenômeno da técnica, privilegiando a dimensão do cuidado de si como cuidado político do outro. Tal necessidade apresenta-se em decorrência da hegemonia da técnica e de suas consequências, afastando o homem do cuidado de si como tarefa de poder-ser e, conseqüentemente, do outro enquanto alteridade necessária para a tarefa de ser-no-mundo. Importa alertar que o modo técnico de pensar, ao privilegiar uma cultura de massas, tende a favorecer o modo de pensar o si mesmo impessoal como determinação constitutiva da existência, ‘desqualificando’ o cuidado de si.

2.6 A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICA DO CUIDADO

Ao nos remetermos à temática da ética, seja ela em qualquer âmbito, tradicionalmente somos levados a um olhar que a percebe como sinônimo de moral. Assim, a ética usualmente tem sido compreendida como aquela diretriz que orienta padrões, máximas e verdades que devem ser seguidas sem grandes questionamentos. Tal visão nos conduz a uma dualidade gerada a partir desse modo de compreender a ética norteadas pelo agir, uma vez, que diante dela há sempre um padrão que define o que é considerado certo ou errado, verdade ou mentira.

Nesse contexto, o existir humano passa a ser explicado por esses padrões ditados pelos universais gerados a partir daí, e os aspectos que destoam desses pólos antagônicos acabam por serem ‘forçados’ a se encaixarem nesse padrão. Tal modo de compreender a ética é apontado por Rocha (2010) como a ética regida pela razão, que teve como precursor Sócrates que “relacionou as

máximas éticas tradicionais a uma visão mais profunda da *psyché* humana, vendo nela o princípio fundamental do ser e do agir do homem” (p. 174).

Dessa maneira, ao refletir sobre o modo de pensar contemporâneo percebemos a dicotomia presente nele, característica esta marcante no pensamento metafísico. Assim, as diferenças produzidas na processualidade da vida são consideradas ‘erros’ a serem superados/corrigidos.

Diante desse modo de conceber a ética, uma visão de homem apresenta-se, este sendo visto como aquele que sob o domínio da racionalidade possui um suposto saber que norteia suas explicações sobre a vida, os outros e o mundo. Assim, o homem teórico, mediante a sua racionalidade possui um arcabouço técnico/teórico para julgar e, posteriormente, corrigir os desvios ajustando-os à norma regida pela ética dos valores morais.

Diante desses questionamentos, vislumbramos outra compreensão de ética que é alvo das nossas reflexões. Tal compreensão é refletida a partir da etimologia da palavra ética, esta possui origem grega, e é derivado de *ethos*, cujo significado é costume, morada, “lugar de morada, espaço aberto onde habita o homem” (Heidegger, 1995, p.85).

Tal compreensão abriga a noção de ética pautada por uma visão norteada pelo habitar e não pelo agir, ou seja, “designando posturas existenciais e/ou concepções de mundo capazes de dar acolhimento, assento ou morada à alteridade” (Morato & Andrade, 2004, p.346).

Nesse sentido, ao traçarmos um paralelo entre as duas concepções de ética aqui apresentadas, percebemos que, baseadas nelas, visualizamos um deslocamento do homem teórico, detentor do saber racional – metafísico (ética orientada pelo agir) para o homem ético (ética guiada pelo habitar).

Diante desse contexto, o homem ético seria aquele

que se deixa afetar pelo estranho, por aquilo que não é da ordem do representacional ou de seus códigos familiares, e ao acolher a alteridade e a produção de diferença emergente, vive um processo transformador e instituinte de novos modos de estar no mundo. Transmuta-se do lugar da *explicação sobre* para o lugar do *aprender com* ou *aprender entre* (Andrade & Morato, 2004, p.347, grifos dos autores).

No entanto, convém ressaltar que, diante desse contexto reflexivo, a dimensão ética esta diretamente atrelada à dimensão política do humano. Aspecto este, apontado por Aristóteles na Grécia antiga, pois, para os gregos, o bem-estar pessoal não é dissociado do bem-estar da comunidade política onde estava inserido, atrelando-se assim à dimensão ética, à dimensão política (Rocha, 2010). Tal aspecto é reafirmado por Andrade e Morato (2004) ao recorrem à etimologia das palavras ética e política:

A palavra ética, do grego *ethos* significa *modo de ser*, ou maneira pela qual a pessoa e a sociedade se mostram; essa manifestação dá-se de formas variadas, fundando a habitação quer do lar, quer da *polis* (em grego, cidade país, lugar). Aí se encontra uma articulação entre ética e política, comportando a mesma ambiguidade de sanção (dever) e expressão (direito) com prudência e serenidade (p. 350, grifos dos autores).

Nessa direção, Hannah Arendt (2000) formula sua “teoria política” em que as atividades humanas são realizadas junto aos outros homens na sociedade. A

autora nomeou de *vita activa* as atividades humanas – labor, trabalho e ação – consideradas fundamentais, pois correspondem a diferentes “condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra” (Arendt, 2000, p.15). E, pontua, que dessas atividades a ação (*práxis*) não pode sequer ser pensada sem ser executada pelo homem e sob a constante presença dos outros.

Ao se referir à esfera política, Arendt busca em Aristóteles a ideia de que, além da esfera da vida privada, o homem também possui a esfera pública, e que essas duas esferas compõem a existência.

Passando para a distinção - proposta pela autora - das atividades que compõem a *vita activa*, temos o Labor, que tem na própria vida a condição humana. Trata-se da “atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida” (Arendt, 2000, p.15). Assim, o labor assegura a sobrevivência do indivíduo e da espécie, e produz coisas necessárias, mas, de curta duração que compõem o movimento cíclico da natureza que provê os meios de consumo para alimentar o processo da vida humana. Percebemos, assim, uma íntima ligação entre o labor e o consumo², que alimentam a necessidade de subsistir, cujo existir se dá na privacidade do próprio corpo e está sujeita a uma dose de passividade aos ritmos da natureza.

Já no que se refere ao trabalho, temos a produção do mundo artificial de coisas, e sua condição humana é a mundanidade. Assim, o trabalho produz os artefatos humanos, ou seja, uma atividade produzida pelas mãos do homem, destinado - em sua maioria - ao uso e ao consumo. E empresta aos produtos o

² Arendt (2000) refere-se ao consumo, no Labor, como relacionado às necessidades de subsistência do homem.

caráter de objetividade do mundo, pois seu fim é que determinará a conveniência e precisão destes, não sendo uma criação subjetiva do homem, mas originada da necessidade de auxílio, de instrumentalização da atividade humana. Nesse aspecto, o fazer, o fabricar e o criar, através do manejo de instrumentos, viabiliza a criação de uma obra que tem a qualidade de durabilidade e permanência. Convém alertar que Arendt (2000) pontua que tanto o labor quanto o trabalho são realizados na esfera privada, e que apenas a ação é executada no âmbito público.

Nesse contexto, trazemos a reflexão sobre a ação, que é a atividade humana realizada eminentemente sem a mediação das coisas e da matéria. Sua condição humana reside na pluralidade, já que para ser realizada depende da participação dos demais sujeitos singulares habitar conjuntamente o mundo. Arendt (2000) aponta que todos “aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda vida política” (p.15). Assim, a razão pela qual a pluralidade é a condição humana do caráter político da vida inclui o fato de que ainda sendo humanos, somos todos diferentes e essa característica de diferença jamais será de nós retirada.

Assim, a ação, portanto, constitui caráter central do pensamento político, e promove a condição da constituição da história. É, pois, através do discurso que os homens se comunicam, se fazem entender, se diferenciam e se distinguem constituindo-se; é a manifestação que os torna algo além de simples objetos físicos, mas os caracteriza enquanto homens. Além disso, a ação e o discurso não podem ser substituídos por outra atividade humana nem feitos por outra pessoa senão o próprio homem, pois a vida humana sem a ação e o discurso está morta para o mundo.

Dessa forma, a abertura ao mundo se dá através das palavras e atos, que pode ser estimulada pela presença dos outros, mas nunca condicionada. Através do agir, tomamos a iniciativa ou imprimimos movimento criando algo novo, dando à vida o caráter de imprevisibilidade, de distinção e de singularidade. As palavras faladas revelam, no discurso, através da ação o que se fez e o que se pretende fazer. Assim, a ação só é possível a partir do discurso, pois é através dele que os homens ativamente revelam quem são, suas identidades pessoais e singulares, na relação com as outras pessoas, ou seja, na convivência humana.

Por possuir esse caráter de revelação, a ação expõe e revela na palavra, impondo assim, a condição de estar disposto a correr risco de se revelar, que requer a tendência intrínseca de ser revelado juntamente com o ato na esfera pública. Essa realidade, tal como se apresenta, é nomeada de teia de relações humanas, que se mostram através do discurso e da ação, revelando não apenas algo construído naquele momento, mas, que é afetado pela história de todos aqueles com os quais manteve contato. Assim, “as histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, mas ninguém é seu autor” (Arendt, 2000, p.197). Nessa direção, a ação, enquanto *práxis*, é do domínio da vida ativa, que através do discurso – seu instrumento – põe o homem no âmbito da vida política e constrói a ética no exercício ativo da palavra. No entanto, a referida autora nos alerta que, no mundo moderno as atividades humanas têm se reduzido apenas ao nível do labor e do trabalho, na tentativa de eliminar a pluralidade e suprimir a esfera pública da condição humana contida na ação.

Diante deste contexto, podemos abrir uma possibilidade compreensiva traçando pontes com o pensamento de Heidegger (2009), focando a reflexão sobre

a dimensão do cuidado como constitutiva da condição humana, já discutida acima. Para tanto, convém lembrar que a noção de homem para Heidegger é apresentada como *Dasein*, ou seja, “é um ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser” (p. 258). E, nesse existir o ser é ontologicamente ser-no-mundo-com-os-outros, desvelando assim, que o cuidado nunca é um ato isolado do *Dasein*, estando sempre dirigido aos outros e ao mundo, dentro de um sentido especial, como “aquilo que pertence à presença humana ‘enquanto vive’” (p. 266), ou seja, no sentido originário.

Nesse sentido, cuidado é “habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida biológica e atender às suas necessidades, tratar de ser si mesmo em sua singularidade e pluralidade” (Critelli, 2006, p.132). Assim, na condição de abertura que constitui o *Dasein*, o homem encontra-se diante da tarefa de dar conta do ser ele mesmo, e, assim se depara com a responsabilidade – de ter que cuidar de ser – condição presente na ontologia da existência. O caráter ontológico do cuidado na sua relação com os outros e com o mundo possui dois modos fundamentais de manifestação, são eles: a ocupação e a preocupação. Por ocupação temos as relações do *Dasein* com os entes simplesmente dados, e a preocupação são as relações do ser como co-presença com os outros. São através desses dois modos de cuidado que o *Dasein* desvela os sentidos das suas relações no mundo.

Podemos aqui começar a lançar pontes com o pensamento de Arendt (2000), ao apontar que os modos de cuidar se dão através das atividades humanas (labor, trabalho e ação) nas quais o homem vai produzindo o mundo e construindo a História através de uma trama de significados. E os ‘produtos’ resultantes dessa produção revelam o registro do modo de cuidar e habitar o mundo, ou seja, a forma

que se cuida da existência, desvelando, assim a destinação do ser - o sentido do ser.

Desse modo, Critelli (2006) nos indica que o sentido do ser “expressa-se como um *modo de cuidar dos modos de se cuidar da vida*” (p. 132, grifos do autor). E são esses modos de cuidar (de si mesmo, do mundo, das coisas e dos outros homens) que diferenciam o *Dasein* dos demais entes.

Ainda recorrendo ao pensamento de Critelli, podemos indicar que “o homem percebe que *tem que dar conta de ser*, que ser está sob sua responsabilidade. Percebendo o ser, o homem toma o ser para si como algo de que tem que cuidar” (2006, p.53, grifos do autor). Tal tarefa se dá em três diferentes dimensões, são elas: como sua propriedade, como facticidade, e como horizonte.

Como sua propriedade, o homem tem que dar conta do seu ser, tarefa esta que o remete a responsabilidade que possui diante das múltiplas possibilidades. Uma vez que, assumida uma dessas possibilidades, o homem precisa apropriar-se dela para que, desse modo, tal possibilidade desvele-se como acontecimento. Em outras palavras, o cuidado é algo próprio do ser, uma tarefa ontológica que apenas ele pode realizar, é através de sua apropriação que o homem acontece no mundo.

Já na dimensão do ser como sua facticidade, percebemos que ao homem não cabe a possibilidade de recusar o cuidado pelo seu ser. Uma vez que, até mesmo a negação dos cuidados pelo seu ser é um dos modos possíveis que o *Dasein* pode responder pelo seu cuidado. E, na dimensão do ser como horizonte, o homem responde pelo cuidado do seu ser frente à possibilidade lançada no mundo que ele é. Nessa direção, o tempo, mais especificamente a finitude, é horizonte do cuidado. Diante desse contexto, Critelli aponta que “homem é, sendo um tempo que

se esgota, um intervalo entre nascer e seu morrer, que se emprega que se reserva, que se omite, enquanto vive” (2006, p.54).

Tais modos anteriormente citados se estruturam sob tríplice aspecto, ou seja, diz “do que se vai cuidar do que não se vai cuidar; de *como* se vai cuidar e/ou não cuidar; de como se vai cuidar do cuidar mesmo” (Critelli, 2006, p. 133, grifos do autor). Nesse sentido, essa escolha diz dos modos de cuidar, que estão envolvidas na trama de mundo, no contexto de significação constituída por traços culturais. Já o modo de cuidar daquilo que se tomou sob cuidados revela os estados de ânimo, presentes no âmbito do sentido, que indicam como estamos vivenciando as relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo, apresentados por modos de cuidar: própria ou imprópria da existência.

O modo de cuidar impróprio, impessoal ou inautêntico consiste em um não apropriar-se de seus próprios cuidados e viver de acordo com um determinado padrão estabelecido sem questioná-lo. Já o modo de cuidar propriamente, pessoal ou autêntico, é um exercício de aprender a ser quem se pode ser; dar conta das escolhas que se pode fazer sob a condição de cuidado, compreendendo os diversos atravessamentos que a existência possui. Assim, o modo próprio diz da possibilidade que são próprias do ser e que ninguém pode exercer por nós, revelando e constituindo, aos poucos, nossa existência.

2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições tecidas por Heidegger, ao longo das obras aqui estudadas, conduzem-nos a uma crítica direcionada ao modo de pensar

contemporâneo sob os efeitos e domínio da técnica moderna. Suas repercussões são vividas e experienciadas dia após dia, e, sua avassaladora dominação tem gerado efeitos decisivos sobre o homem e sua relação com os outros, com a natureza e com o mundo.

O que se vivencia hoje, diante das situações, desde as cotidianas ou as mais globais, é um profundo distanciamento e 'neutralidade' diante delas. O mundo goza dessa neutralidade técnica utilizando-se dos instrumentos técnicos para solucionar tais situações. No entanto, o que se vê são índices cada vez mais crescentes sobre o adoecimento do homem, das relações entre os homens e da relação com o mundo e a natureza.

Nessa direção, o trabalho empreendido pelo autor nas suas considerações sobre a técnica mostra-nos a necessidade de visualizar de maneira menos 'ingênua' e cega os efeitos que o arrazoamento tem gerado no mundo contemporâneo. Indicando, no entanto, que não se trata de um abandono da técnica, uma vez que seu uso é indispensável, mas, sobretudo, demanda um relacionamento livre com esta. Situação não vivenciada nos nossos tempos, já que o homem contemporâneo encontra-se aprisionado e escravizado pela técnica e pelo modo de pensar calculante³.

No entanto, é importante destacar que não há como fugir da técnica, somos destinados a ela e dela não podemos escapar. A atitude de serenidade para com as coisas nos aponta outro modo de desvelar novas possibilidades de relação com a técnica. Desse modo, importa apropriar-se da possibilidade de meditar, refletir, pôr-se a pensar sobre o uso da técnica, ressaltando a necessidade de

³ Pensamento calculante aqui se refere ao modo de pensar metafísico, trata-se do pensamento racional e técnico típico do contemporâneo

empoderamento diante dela, para poder posicionar-se dizendo 'sim e não', simultaneamente, às demandas do mundo contemporâneo.

Nessa mesma direção, visualizamos que o “modo de cuidar” da existência, no momento contemporâneo, cada vez mais tem sido experienciado pelo homem de maneira imprópria e irrefletida. Para escapar do domínio do impróprio, torna-se urgente outro modo de pensar para além da técnica, o qual poderá levar o homem à liberdade e apropriação necessária para lidar com os perigos que esta apresenta no nosso tempo. Tal relação vivida cada vez mais serenamente e sendo vista para além da técnica...

Assim, a partir das veredas que as críticas abertas pela concepção de técnica moderna foram se apresentando, foi se desvelando a necessidade de refletir sobre a dimensão ético-política que atravessa o momento contemporâneo. Para proceder tal tarefa, enveredamos pelos caminhos arendtianos, buscando na sua compreensão de política subsídios que permitissem lançar pontes com a noção de cuidado desenvolvida por Heidegger. Em tal travessia, percebemos que o questionamento da concepção de subjetividade moderna atrelada à razão instrumental, abre a discussão para a dimensão ético-política das atividades humanas, implicadas com a ética do cuidado de si como cuidado político do outro.

2.8 REFERÊNCIAS

- Andrade, Ângela Nobre; Morato, Henriette Tognetti Penha (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), 345-353.
- Arendt, Hannah (2000). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. Em Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (Org.) *Prática psicológica numa perspectiva fenomenológica* (no prelo). Curitiba: Juruá.
- Casanova, Marco (2006). Linguagem cotidiana e competência existencial. *Natureza Humana*, 8(1), 35-85.
- Casanova, Marco (2009). *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes.
- Critelli, Dulce Mara. (2006). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense.
- Duarte, André (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Florense Universitária.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo (2011). *A existência do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Foucault, Michel (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Heidegger, Martin (1959). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, Martin (1995). *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Heidegger, Martin (2001). A questão da técnica. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, Martin (2009). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes

Vattimo, Gianni (1996). *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget.

Rocha, Zeferino (2010). *Freud: entre Apolo e Dionísio*. São Paulo: Edições Loyola.

Sá, Roberto Novaes (2002). A psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54(4), 348-362.

3 ARTIGO III

**O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E
ADOLESCENTES: INDICADORES PARA DISCUSSÃO**

3.1 Resumo

O fenômeno da violência contra crianças e adolescentes: indicadores para discussão

O homem atual vivencia, diariamente, o resultado das promessas que as técnicas e tecnologias decorrentes do pensamento metafísico, predominante na modernidade, têm veiculado à sociedade contemporânea. No entanto, tal visão nos aproxima de uma maneira calculista e sentimental de conceber a modernidade, não contemplando as obscuridades contidas no presente. Nessa direção, a violência cada vez mais crescente é problematizada como uma possibilidade de visualizar concretamente os efeitos que o pensamento metafísico/técnico tem trazido para a sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito àquela praticada contra as crianças e adolescentes. Tal contexto justifica a presente pesquisa que buscou, a partir do pensamento de Foucault sobre o 'cuidado de si mesmo'; das contribuições de Heidegger sobre a técnica moderna e do cuidado, e da compreensão de política problematizada por Arendt, realizar uma discussão crítica sobre o fenômeno em questão. Para tanto foi realizada uma análise documental dos *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco*, dos anos de 2007 a 2011. Tal análise produziu indicadores até então não contemplados na literatura, a fim de subsidiar compreensões a respeito do fenômeno em questão

Palavras-chave: violência contra crianças e adolescentes; análise documental; cuidado de si; técnica moderna; dimensão ético-política.

3.2 Abstract

The phenomenon of violence against children and teenagers: indicators for discussion

The present man experiences daily, the result of the promises which the techniques and technologies due to metaphysical thought, predominant in modernity, has propagate to the contemporary society. However this vision brings us closer in a scheming and emotional way to conceive the modernity, does not contemplate the obscurities contained in the present. In this direction, the ever growing violence is problematized as a possibility to view concretely the effects that the metaphysical/technical thought has brought to the contemporary society, mainly in respect of that committed against children and teenagers. Such a context justifies the present research that sought from the Foucault though about the “care of yourself” of contribution from Heidegger about the modern technique and of the care and, about comprehension of problematized politics by Arendt, performing a critical discussion about the phenomenon in question. Therefore was realized a documentary analysis about the Management Annual Report of the Criminal and Statistic analysis of Social Defense Secretariat of the State of Pernambuco of the year 2007 to 2011. This analysis produced indicators until now not contemplated in the literature in order to subsidize comprehension about the phenomenon in question.

Key-words: violence against children and teenagers, documentary analysis, care of yourself, modern technique, ethical- political dimension.

3.3 CRÍTICA À CONTEMPORANEIDADE: DO CUIDADO DE SI AO CUIDADO POLÍTICO DO OUTRO

O homem atual vivencia, diariamente, o resultado das promessas que o pensamento metafísico, desde a modernidade, tem veiculado à sociedade contemporânea, através de técnicas/tecnologias que buscam desenfreadamente a felicidade, a liberdade, o domínio sobre as coisas, a segurança, entre outros... No entanto, tal visão nos aproxima de uma maneira calculista e sentimental de conceber a modernidade, uma vez que nos “limitamos a recensear as maravilhas e misérias tecnocientíficas de maneira fundamentalmente ambígua, ou seja, sem refletir sobre a modernidade como época determinada do ser” (Duarte, 2010, p.13).

A esse respeito Heidegger nos aponta que

Vivemos numa época estranha, singular e inquietante. Quanto mais a quantidade de informações aumenta de modo desenfreado, tanto mais decididamente se amplia o ofuscamento e a cegueira diante dos fenômenos. Mais ainda, quando mais desmedida a informação, tanto menor a capacidade de compreender o quanto o pensar moderno torna-se cada vez mais cego e transforma-se num calcular sem visão, cuja única chance é contar com o efeito e, possivelmente com a sensação (Heidegger, 2006, p.109).

Nessa direção a contemporaneidade mostra-se como um solo fértil para a possibilidade de se questionar o modo de pensar contemporâneo, herdeiro do paradigma metafísico da modernidade. Para empreender tal reflexão, buscaremos as contribuições de importantes críticos da modernidade: Foucault, Heidegger e

Arendt. Duarte (2010) indica que os subsídios teóricos desses importantes autores “puderam aparecer reunidos em torno a determinadas questões cruciais do nosso tempo, nas quais a vida humana apresenta-se sujeita a toda sorte de riscos” (p.5).

Assim, na tentativa de compreender as repercussões do modo de pensar técnico no contemporâneo, traremos, inicialmente, como um dos fios condutores, as reflexões realizadas por Foucault na obra *A Hermenêutica do Sujeito* (2006). Através da construção de um percurso histórico-filosófico do conceito do “cuidado de si” - *epiméleia heautoû* - o autor nos aponta o que levou à primazia do “*conhece-te a ti mesmo*” - *gnôthe seautón* - no modo de pensar o sujeito moderno e suas relações com os outros e com o mundo. Nesse contexto, tal reflexão enfatiza a crítica às modernas interpretações científicas e cartesianas sobre a natureza do homem.

Nesse sentido, visualizamos através do percurso histórico-filosófico da temática do ‘cuidado de si’ como tal conceito filosófico, que apesar de tão importante na constituição do pensamento ocidental, foi desqualificado em detrimento do “conhece-te a ti mesmo”. E se olharmos criticamente sobre algumas dimensões da referida obra, importantes reflexões podem apresentar-se como contribuições para compreendermos a relação do homem contemporâneo consigo mesmo, com os outros e com as coisas no mundo atual.

Nessa direção, a reflexão proposta nos indica o quanto esse conceito sofreu grande influência do paradigma cartesiano, como também desvela o lugar de importância que exerce sobre a constituição do pensamento moderno. Originalmente Foucault nos aponta que “*epiméleia heautoû* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc” (2006, p. 4). É certo que, se for olhada à primeira vista, a temática do ‘cuidado de si’ pode facilmente ser confundida com uma atitude de autocentramento do sujeito em si mesmo, no entanto é

necessário fazer um breve percurso, resgatando sua origem histórica, para realmente compreender o sentido atribuído por Foucault ao conceito em estudo.

Esse conceito nasce através de práticas tradicionais antigas de exercer o cuidado de si mesmo (técnicas de cuidado de si mesmo, ligados a ritos e técnicas de cuidado da alma). Mas o ponto de partida histórico-filosófico se dá a partir de um conselho que Alcibíades recebe de Sócrates, quando o filósofo sabe de sua intenção para entrar na vida política. Sócrates aconselha que Alcibíades reflita sobre ele mesmo e conheça a si mesmo, antes de tomar tal decisão; originando assim, o *gnôthi seautón*. Nesse aspecto, a desqualificação do cuidado de si mesmo e a requalificação do “conhece-te a ti mesmo”, revelam as práticas e os discursos na contemporaneidade. Tal aspecto, problematizado desde a pré-história filosófica das práticas do cuidado até a modernidade, possivelmente facilita o recorrente deslize contemporâneo em basear as relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo de maneira quase que exclusiva, pautada nos pressupostos da razão (Foucault, 2006).

Em um segundo momento, nos deteremos na crítica empreendida por Heidegger (2001) à supremacia da técnica moderna, direcionada pelo predomínio da razão instrumental, também apresentada por Foucault (2006), ao ressaltar o predomínio da razão na constituição da subjetividade moderna. O que se revela em ambos os pensamentos é uma objetivação do homem e das relações estabelecidas por ele na modernidade, aspecto este vivenciado de maneira exacerbada no contemporâneo.

Heidegger, em especial no ensaio intitulado *A questão da técnica* (2001), questiona a técnica moderna, apontando para a necessidade de construir um caminho do pensamento que permita um relacionamento livre com a técnica.

Relacionamento este que visualize a técnica como um utensílio, uma vez que o que se busca é promover as condições para a manipulação da técnica enquanto meio e instrumento, assumindo o domínio sobre a mesma.

As reflexões propostas pelo autor desvelam que o predomínio da razão no designo – conhece-te a ti mesmo – teve repercussões na constituição do modo de pensar que fundamentou a técnica moderna. Além disso, a razão instrumental tem repercutido de forma avassaladora no momento contemporâneo e tem gerado efeitos sobre o homem e suas relações no mundo. É pelo convite ao distanciamento e à neutralidade, impostos pelo modo de pensar oriundo da técnica moderna, que somos incitados a estabelecermos, cada vez mais, relações impessoais, irrefletidas e distantes do pensamento que medita⁴ proposto por Heidegger (1959).

Mas, para alcançarmos esse nível reflexivo é necessário que possamos visualizar a realidade contemporânea desvelada de maneira menos ‘ingênua’ e cega aos efeitos que o arrazoamento tem gerado no mundo contemporâneo. Nessa direção, não se propõe o abandono da técnica, uma vez que seu uso é indispensável, mas, sobretudo, demanda que o homem contemporâneo possa soltar as amarras que o aprisionam e escravizam à técnica (Heidegger, 2001).

Heidegger (2001) ao ressaltar que somos destinados à técnica moderna e não podemos dela escapar, aponta a atitude de serenidade para com as coisas como outro modo de pensar e, assim, novas possibilidades de nortear tal relação podem ser vislumbradas. Serenidade para com as coisas é atitude, de dizer ‘sim e não’ diante do mundo técnico, ‘sim’ ao seu uso inevitável e ‘não’ ao seu uso irrefletido e escravizante. Tal atitude possibilita, ainda, questionar sobre o modo

⁴ Heidegger (1959) nos propõe o exercício de meditar, apontando que tal atividade não se refere à narração através do discurso a respeito das coisas. Pensamento que medita é aquele que não se faz via pensamento racional, mas que busca via meditação alcançar a essência daquilo que diz respeito a cada um de nós, direta e continuamente.

contemporâneo de cuidar da existência e aponta para os desdobramentos que o domínio da técnica moderna vem gerando no momento atual (Heidegger, 1959).

Nessa mesma direção, percebemos que o modo de cuidar da existência, no contemporâneo, cada vez mais tem sido experienciado pelo homem de maneira imprópria e irrefletida. É apenas outro modo de pensar – para além da técnica, que poderá dar ao homem a liberdade e apropriação necessária para lidar com os perigos que a mesma apresenta no nosso tempo. Tal perspectiva favorece uma compreensão que questiona o ser do homem visto a partir de *a priori*s e essências, aproximando-o da sua incompletude e indeterminação - como abertura e tarefa de ser. Tal abertura e tarefa, compreendida como a “estrutura existencial” de cuidado, endereça o homem para assumir a responsabilidade sobre a construção de sua própria existência.

Diante da reflexão que o pensamento desses autores inspira, Duarte adverte:

Por certo, tais pensadores apresentam peculiaridades e diferenças inegáveis entre si, visto que elaboraram suas reflexões a partir de referências teóricas e procedimentos metodológicos distintos, visando a objetivos também distintos: basta abrir qualquer de seus livros e compará-los rapidamente para confirmá-lo. [...] À luz dessas diferenças, seria possível encontrar um denominador comum a projetos reflexivos tão distintos entre si? (2010, p. 69)

Na busca de responder tal questão, o autor indicado trabalha com a hipótese de complementaridade entre o diagnóstico da modernidade, decorrente do

pensamento desenvolvido tanto por Foucault quanto por Heidegger. Indica que, com tal atitude objetiva desenvolver um pensamento que,

Sem pretender abolir as diferenças teóricas que especificam suas reflexões sobre a modernidade [...] trata-se aqui de estabelecer entre eles uma delicada relação de proximidade em meio à diferença, a fim de iluminar o pensamento de Foucault pelo Heidegger e o de Heidegger pelo de Foucault. (Duarte, 2010, p. 69).

Em meio às diferenças que distinguem as concepções desses teóricos, o caráter comum que há entre eles é a avaliação crítica que ambos empreendem sobre a modernidade. Nessa direção, as pesquisas arqueogenealógicas de Foucault constituiriam, à luz do pensamento de Heidegger, um “exercício filosófico” “sobre” e “a partir” da história, buscando assim, realizar uma cartografia do pensamento moderno, em que, o homem estando, simultaneamente, como sujeito e objeto do conhecimento, é levado ao impasse, tendo as suas possibilidades limitadas (Duarte, 2010).

Tal horizonte reflexivo é comum entre os autores em questão, pois tanto Heidegger como Foucault “descentraram a análise da tradição filosófica e da própria modernidade da exigência de encontrar *no* homem o fundamento determinante dessa mesma tradição” (Duarte, 2010, p. 84, grifos do autor). Assim, tanto a técnica moderna pensada por Heidegger quanto o arazoamento desvelado por Foucault no percurso-histórico filosófico por ele empreendido, desvelam um horizonte em que apontam como o homem e natureza, assim como as relações estabelecidas entre eles, têm sido objetivadas e manipuladas na modernidade.

Diante desse contexto de crítica frente à modernidade e suas repercussões presentes no contemporâneo, outro olhar pede passagem, de modo a ampliar a crítica ao pensamento moderno apresentada até agora. Para tanto, recorreremos à dimensão ético-política presente no pensamento de Arendt, na busca de outro aporte que ajude a compreender o fenômeno da técnica no contemporâneo, privilegiando reflexões que ressaltem a dimensão do cuidado de si, como cuidado político do outro.

As contribuições de Arendt nos levam a uma experiência rara, pois segundo Duarte (2010) é “da *proximidade na distância* entre autores distintos parece-me ser a maneira mais adequada de compreender como pensadores podem pensar por si mesmos na exata medida em que *respondem* ao apelo daquilo que outros já pensaram” (433, grifos do autor). Portanto, as provocações de Heidegger são ‘respondidas’ por Arendt em sua ‘teoria política’, em especial, no livro *A Condição Humana* em suas reflexões sobre a ação, onde a pluralidade é problematizada a partir do seu caráter público (Duarte, 2010). Assim, a condição humana da ação reside na pluralidade, já que para ser realizada depende da participação dos demais sujeitos e, especificamente, é também a condição de toda vida política.

Assim, a ação constitui caráter central do pensamento político, e promove a condição da constituição da história. E, diante desse contexto reflexivo, a dimensão ética está diretamente atrelada à dimensão política do humano (Rocha, 2010; Andrade e Morato, 2004). Tal fato se dá, sobretudo, quando o cuidado de si atrela-se ao cuidado político do outro, à medida que

A vida é projetada como nosso bem supremo, ao mesmo tempo que cotidianamente degrada ao plano de algo supérfluo, justamente então se faz preciso *correr o risco* de viver, pensar e agir de *outro* modo. Somente quem sabe que sua vida encontra *em risco* pode *arriscar-se a viver e pensar* de outro modo, tarefa a que se comprometeram Heidegger, Arendt e Foucault ao empreendem sua crítica do presente (Duarte, 2010, p.2)

3.4 A VIOLÊNCIA NA ÉPOCA DA TÉCNICA

Diante desse contexto crítico-reflexivo, apoiado em contribuições de Foucault, Heidegger e Arendt, propomos-nos a realizar uma reflexão com o objetivo de compreender as repercussões da técnica moderna em um fenômeno que atravessa o momento contemporâneo - a violência praticada contra a criança e o adolescente.

Importa ressaltar que a violência, na presente reflexão, é

compreendida como possuindo sentido de existir e se traduzindo em uma relação de forças, que envolve pessoas, interações e os modos de funcionamento. Os atuais discursos de diferentes grupos, referentes à possibilidade e promessa de erradicação completa da violência, remetem-se a uma conduta totalitária e massificada do funcionamento da sociedade. Essa conduta tende a interpretar o sentido da violência fora de sua real complexidade de relações na organização social, dando a ela a única possibilidade de vincular-se como sentido ao *mal*, ao ato de causar dano e

prejuízo. Com essa categorização, o pânico e o medo são inseridos diariamente em nossas casas pelos meios de comunicação de massa, como forma de submetermo-nos passivamente à lei e renunciarmos a toda violência que habita em nós próprios, e a todos os outros sentidos que a violência pode comunicar em nossa atual organização social (Andrade & Morato, 2004, p.348).

Para iniciarmos nossa compreensão crítica, nos remetemos a Arendt (2011) quando reflete a respeito da violência, apontando que esta possui seu caráter ligado à instrumentalidade. Aqui, retomamos Heidegger (2009) para ampliar tal compreensão, principalmente quanto argumenta que a instrumentalidade caracteriza o pensamento técnico, indicando que

a *violência*, como eu disse, distingue-se por seu caráter instrumental. Fenomenologicamente, ela está próxima do vigor, posto que os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo. (p. 63, grifos do autor).

Tal reflexão crítica, apoiada em Heidegger e Arendt, também já foi problematizada por Duarte (2010) e Lima (2012), que contemplam a violência como uma das possibilidades de visualizar as repercussões da técnica moderna na contemporaneidade. A esse respeito, o pensamento arendtiano alerta para o fato de que “diferentemente da ação política, a violência é muda, silencia a troca de opiniões e é usada como meios para obter determinados fins mediante a força” (Fry, 2010, p.

98). Apoiado no pensamento heideggeriano, Duarte (2010) indica que a articulação da violência com os perigos suscitados pela técnica moderna torna-se possível, uma vez que o pensamento calculante⁵ se revela através de práticas que espalham dor e sofrimento à sociedade.

Após tais considerações, nos deteremos sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes na sociedade brasileira ressaltando que para Ferreira (2002), tal fenômeno já passou a ser classificado pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública.

3.5 A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES E AS POLÍTICAS DE PROTEÇÃO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A violência é um fenômeno crescente na contemporaneidade. As relações estão, cada vez mais, marcadas por ações violentas. Possivelmente, a violência desvela-se como um dos traços desse distanciamento técnico através do qual os modos de ser da nossa sociedade têm sido fortemente influenciados.

Nessa direção, Ferreira (2002) aponta que a violência doméstica/intrafamiliar possui as seguintes manifestações: abuso/violência física, abuso/violência sexual, abuso/violência psicológica, negligências, e trabalho infantil. Importa destacar que, embora seja didaticamente separada nessas categorias, uma ocorrência não possui apenas uma manifestação, uma vez que há interdependência entre elas.

⁵ Pensamento calculante aqui se refere ao modo de pensar metafísico, trata-se do pensamento técnico, típico do contemporâneo, que busca a verdade das coisas exclusivamente via racionalidade.

Diante desse contexto, ao longo da história, os instrumentos de garantia aos direitos das crianças e adolescentes, no mundo inteiro, passaram por uma série de modificações para assegurar a proteção integral desse público, inclusive com relação à violência sofrida por eles.

Assim, a proteção dos direitos humanos das crianças começou a ganhar forças quando, em 1959, as Nações Unidas editaram a Declaração Universal dos Direitos da Criança, e, após trinta anos, os países que foram à ONU subscreveram a Convenção sobre o Direito da Criança.

No Brasil, é com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Federal nº 8.069 / 1990 que ficam estabelecidas as diretrizes que regem todas as políticas de proteção integral à criança e ao adolescente. Tal instrumento aponta ser dever de todos – família, comunidade, sociedade em geral e do poder público – zelar pelos direitos das crianças e dos adolescentes, assegurando as oportunidades para o desenvolvimento físico, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Nessa direção, o Artigo 5º indica que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

Para tanto, uma rede de proteção se faz necessária. Entre os diversos dispositivos criados, escolhemos, para discussão e análise posterior, os relatórios anuais gerados pela Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente (GPCA) que é regulamentada pelo decreto nº17.495 de 13 de maio de 1994, no Estado de Pernambuco. É através desse importante instrumento de proteção aos direitos da criança e do adolescente que tivemos acesso ao material a ser discutido mais detalhadamente a seguir.

3.6 O CAMINHO PERCORRIDO NA BUSCA POR INDICADORES: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Na busca de encontrar indicadores que possibilitassem uma discussão crítica sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes, iniciamos o caminhar, realizando uma pesquisa bibliográfica na busca de levantar o 'estado da arte' sobre o fenômeno a ser estudado, de modo a contemplar os seguintes critérios: disciplina, crítica e amplitude, característicos desta fase da pesquisa. Disciplina consiste, nesse contexto, em criar uma prática sistemática na escolha dos textos e autores. Já o quesito crítica considera que o material deve favorecer o diálogo reflexivo entre as teorias e outros estudos com o objeto de investigação escolhido. E, a pesquisa deve ser ampla para desvelar o estado atual do conhecimento científico já formulado sobre o tema em estudo. A esse respeito, importa destacar que tal procedimento técnico/metodológico baseia-se na necessidade de contextualizar o campo em estudo. Assim, dados estatísticos compreendem os instrumentos que se referem à dimensão técnica da pesquisa (Deslandes, 1993).

No entanto, ao realizar a pesquisa bibliográfica, percebemos que muitas são as fontes que refletem sobre a questão da violência na contemporaneidade, todavia, não encontramos nenhum mapeamento ou levantamento estatístico detalhado que fornecesse dados atualizados sobre a situação da violência contra a criança e adolescente na Região Metropolitana em geral e/ou nas cidades que a compõe.

Assim, verificamos que já possuíamos, do ponto de vista metodológico, um 'problema' já que os últimos dados publicados são referentes ao ano de 2001 (Ferreira, 2002).

Diante desse contexto, o mapeamento dos dados mostrou-se como etapa primeira que permitiria a discussão e análise dos dados levantados, que passariam a compor o documento que iria viabilizar uma aproximação com o fenômeno a ser estudado. A construção de um mapeamento, apresentou-se como a primeira contribuição da pesquisa, podendo ser fonte de referência para outros estudos e/ou ações que priorizem o fenômeno em estudo.

Para atingir este objetivo, foi realizado o primeiro momento metodológico que, conforme aponta Pimentel (2010), consiste em “garimpar” os dados que se dispõe sobre o fenômeno estudado, a fim de escolher as peças que irão compor o quebra-cabeça que vai se configurar em um documento. Nesse momento, constatamos que, embora a temática em estudo seja um assunto em evidência e de grande interesse público, os dados disponíveis são generalizados e, da forma como foram apresentados, não permitem uma leitura crítica sobre o fenômeno a ser estudado.

Os dados a que nos referimos estão apresentados nos *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco* dos anos 2007 a 2011, e possuíam respectivamente: 176 páginas, 261 páginas, 243 páginas, 239 páginas e 347 páginas, totalizando um ‘campo’ de estudo composto por 1.266 páginas de dados numéricos, apresentados de forma bruta e sem nenhuma sistematização.

Diante de tal volume de informações e perdidos diante dos números que dançavam à nossa frente, iniciamos uma tentativa de mapeamento seguindo alguns critérios que serão apresentados mais adiante.

Antes, é importante situar o contexto em que tais relatórios são construídos. A Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco, tendo em

vista sua preocupação com a investigação dos fenômenos emergentes no seu âmbito, publicou em 10 de fevereiro de 2010 a portaria GAB/SDS nº 213, que considera “a importância da sociedade e do Estado em dispor de estudos e pesquisas de qualidade sobre o fenômeno da criminalidade e da violência, bem como sobre as políticas públicas de segurança”.

Para atender a portaria em pauta, teve início uma coleta de dados realizada pelos agentes, através de um trabalho sistemático e regular da Divisão de Apoio Técnico⁶ nos atendimentos prestados por eles nas Delegacias⁷ sob a Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente. E a Seção Estatística passou a construir, a partir de tais dados, anualmente, os *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco*.

Entretanto, convém ressaltar que os referidos relatórios não são de domínio público, apesar de corresponderem a uma importante questão social. Para ter acesso aos referidos relatórios, é necessário atender às determinações da Portaria GAB/SDS nº 213 (10/02/2010), onde são estabelecidas as normas para submissão da solicitação dos dados e, após uma análise minuciosa, posteriormente é divulgado o deferimento ou não da solicitação. Ao entrarmos com a solicitação, por se tratar de uma pesquisa científica vinculada a um importante Programa de Pós-graduação, apenas aguardamos o tempo previsto na burocracia do órgão para recebermos os *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco* dos anos 2007 a 2011.

⁶ Em suma, essa Divisão é responsável por fazer a recepção e o atendimento às crianças e adolescentes encaminhados às delegacias prestando, emergencialmente, apoio psicossocial e jurídico. E, nesta mesma seção há um Departamento de Estatística e a ele compete: “I - elaborar dados estatísticos a respeito de atos infracionais praticados por adolescentes; II - promover o levantamento estatístico de crimes praticados contra crianças e adolescentes; III - organizar e manter um arquivo de suas atividades.” (Artigo 12, Decreto nº 17.495, Pernambuco).

⁷ Delegacias são responsáveis por garantir a proteção e a vigilância a crianças e adolescentes vítimas de qualquer violência, e tal órgão é regulamentado pelo Decreto nº 17.495.

Assim, nosso material de estudo, foi composto por tal material que apresentava dados estatísticos não 'tratados' ou não sistematizados.

Todavia, o caráter 'bruto' do material colhido exigiu por parte da pesquisadora um trabalho artesanal de 'lapidar' os dados, a fim de criar uma 'peça'/documento que pudesse efetivamente revelar o 'valor' que o material em questão continha e, assim, apresentar indicadores que possibilitassem discutir a violência contra crianças e adolescentes, e a noção de cuidado envolvida. Gradativamente, percebemos diante do grande trabalho que se apresentava no processo de sistematização dos dados dos relatórios, que esse mapeamento poderia se configurar como uma das maiores contribuições da nossa pesquisa, já que, no levantamento realizado, verificamos que havia uma carência com relação a dados sistematizados que subsidiassem uma discussão sobre o fenômeno da violência.

Como primeiro passo para a sistematização dos dados e realizar a análise dos conteúdos dos relatórios dos anos 2007 a 2011, conforme propõe a análise documental, foram escolhidas unidades de análise. Segundo Ludke & André (1986) elas podem ser de registro ou de contexto. Na unidade de registro, são selecionados segmentos específicos do conteúdo, e, na unidade de contexto é analisado o contexto em que uma dada unidade ocorre. A unidade aqui utilizada é a unidade de registro, material disponível no conteúdo dos relatórios anteriormente citados. Após a análise das informações e dados disponíveis, tendo em vista o foco do estudo, foi realizada a construção das categorias.

A primeira categoria construída pela pesquisadora revela - através de dados dispostos em tabelas e gráficos - a situação da Região Metropolitana nos anos de 2007 a 2011, a evolução da situação da violência contra crianças e

adolescentes com os seguintes focos: número geral de vítimas (Apêndice 1); idade das vítimas (Apêndice 2); sexo das vítimas (Apêndice 3); e natureza da ocorrência (Apêndice 4).

As demais categorias construídas fornecem dados mais específicos sobre as cidades que compõem a Região Metropolitana do Recife, também com foco nos anos de 2007 a 2011. As tabelas e gráficos estão assim subdivididas:

- por Município da Região Metropolitana – Recife: número de vítimas (Apêndice 5); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 6);
- por Município da Região Metropolitana – Olinda: número de vítimas (Apêndice 7); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 8);
- por Município da Região Metropolitana – Jaboatão dos Guararapes: número de vítimas (Apêndice 9); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 10);
- por Município da Região Metropolitana – Paulista: número de vítimas (Apêndice 11); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 12);
- por Município da Região Metropolitana – Camaragibe: número de vítimas (Apêndice 13); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 14);
- por Município da Região Metropolitana – Abreu e Lima: número de vítimas (Apêndice 15); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 16);
- por Município da Região Metropolitana – Cabo de Santo Agostinho: número de vítimas (Apêndice 17); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 18);

- por Município da Região Metropolitana – São Lourenço da Mata: número de vítimas (Apêndice 19); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 20);
- por Município da Região Metropolitana – Igarassu: número de vítimas (Apêndice 21); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 22);
- por Município da Região Metropolitana – Itapissuma: número de vítimas (Apêndice 23); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 24);
- por Município da Região Metropolitana – Itamaracá: número de vítimas (Apêndice 25); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 26);
- por Município da Região Metropolitana – Ipojuca: número de vítimas (Apêndice 27); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 28);
- por Município da Região Metropolitana – Moreno: número de vítimas (Apêndice 29); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 30);
- por Município da Região Metropolitana – Araçoiaba: número de vítimas (Apêndice 31); 10 bairros com maior número de vítimas (Apêndice 32)

Convém lembrar que tais dados foram apresentados de forma a abranger o período compreendido entre os anos de 2007 a 2011, sistematizados pela pesquisadora, como uma primeira etapa, na busca de subsídios que possibilitassem compreender o fenômeno, a ser estudado, nesse recorte de tempo.

Concluída essa etapa, escolhemos, intencionalmente, alguns indicadores para subsidiar a discussão sobre o fenômeno da violência contra a criança e os adolescentes no momento contemporâneo. Assim, os dados a serem posteriormente discutidos compõem um recorte ilustrativo na busca de problematizar a violência

como uma das possibilidades de presentificar as repercussões da técnica moderna na contemporaneidade.

3.7 MAPEAMENTO DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A fim de discutir e analisar os dados escolhidos como indicadores, e que compõem os *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco* nos anos de 2007 a 2011, tomaremos como fio condutor a dimensão ético-política, norteada pelo pensamento de Foucault, Heidegger e Arendt, na tentativa de tecer uma possibilidade compreensiva sobre o fenômeno estudado, ressaltando a primazia da razão instrumental e do pensamento técnico no fenômeno da violência contemporânea contra crianças e adolescentes.

Pretendemos, nesse caminhar, desenvolver uma narrativa que contemple uma reflexão crítica e meditativa sobre a forma como tais dados afetaram a pesquisadora, na busca de oferecer uma possibilidade compreensiva sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes na contemporaneidade.

A concepção de narrativa, adotada nesta pesquisa, baseia-se nas reflexões de Walter Benjamin (1994). Para o referido autor, a narrativa possibilita entrar em contato com a sabedoria contida na experiência, privilegiando a manutenção de seu caráter artesanal como forma principal de comunicação dos narradores. Permite, assim, uma compreensão abrangente e integradora das vivências dos participantes, respeitando a riqueza da experiência contada em seus

múltiplos sentidos. Lançando mão da figura do narrador, Benjamin (1994) ressalta a ambigüidade que sustenta a elaboração da experiência, condição que possibilita tanto a singularização como o conhecer sua própria história no próprio lugar em que está.

Para construir nossas narrativas, partimos de alguns dados, já sistematizados e escolhidos intencionalmente, por revelarem o sofrimento daqueles que vivenciaram a 'ocorrência', sofrimento daqueles que amam e cuidam das vítimas, sofrimento de uma sociedade que cada vez mais se distancia do *cuidado*. Cuidado este que sob a primazia da razão, conforme apontado por Foucault (2006), ou sob o domínio da técnica, segundo Heidegger (2001), nos comunica sobre a "relação tipicamente ambígua do homem moderno com a própria modernidade" (Duarte, 2010, p.13). Se, por um lado, desenvolvemos inúmeras possibilidades de cuidar da vida; por outro, descuidamos daqueles que estão sob nossa responsabilidade/cuidado.

No entanto, antes de apresentar a discussão narrativa dos indicadores escolhidos, importa narrar como foi vivida, pela pesquisadora, a sistematização dos dados dos relatórios. Nesse processo, algumas inquietações começam a surgir: por que a burocracia que invade os órgãos públicos, em especial, impõem tantas exigências para o acesso aos dados de interesse público? Por um lado, desde o Estatuto da Criança e do Adolescente até as campanhas midiáticas convocam TODOS para proteger e cuidar das crianças e adolescentes do país, todavia, para que essa mesma sociedade possa tomar conhecimento do que esta sendo vivenciado individual e coletivamente alguns procedimentos e/ou situações se impõem. A forma de acesso aos dados permitida pelo protocolo, seria através do cumprimento de todas as exigências documentais para submeter, então, a

solicitação a GAB/SDS, aguardando a decisão de possível liberação dos dados solicitados. Tentando compreender o processo indicado pelo protocolo, podemos identificar o procedimento técnico que norteia as ações que poderão ser desenvolvidas a partir dos dados coletados e que, de alguma maneira, já estão definidas nos procedimentos.

Assim, o protocolo revela para um procedimento técnico como ‘dispositivo’ que serve para atingir um determinado fim – explicar a violência de forma neutra, mas que não nos aproxima de uma reflexão crítica desse fenômeno em que estamos todos implicados. Nessa direção, visualizamos o quão extraordinária e sedutora a técnica moderna é, conforme apontado por Heidegger (2001).

Ainda tomada pelas inquietações que acompanharam o processo de sistematização dos dados perguntamo-nos: se somos parte de uma sociedade e se faz parte dos nossos deveres zelar e proteger as crianças e adolescentes por que não podemos prontamente ter conhecimento de como o Estado e/ou a cidade estão vivenciando essa CRISE? Será que tais dados são alarmantes demais sobre o descaso que essa mesma sociedade tem tratado a questão, sendo melhor mantê-los protegidos? Ou tal atitude seria reflexo da dificuldade que o homem contemporâneo tem de pôr-se-a-pensar diante dos problemas como já indicara Heidegger (2001)? E, quando tem acesso aos dados, qual o olhar que se dirige para eles?

Tentando responder a essas questões, à luz do pensamento de Foucault e Heidegger, podemos ver que a armadilha onde o pensamento moderno aprisiona o homem contemporâneo, possivelmente, o levaria a ter um olhar técnico e racional sob tais dados. O modo de pensar moderno, fundado na razão instrumental, possibilitaria uma explicação de tais dados, extraíndo aquelas informações que estariam à disposição, na busca de modos de desocultamento norteados pelo

controle e pela segurança. Desse modo, manteria uma distância que o permitiria visualizar com ‘neutralidade’ esses indicadores.

E, ao tentar trazer tal reflexão para um olhar que priorize a dimensão ético-política desse fenômeno, desvelamos uma ausência de ligação entre a premissa de “ser dever de todos zelar pela proteção das crianças e adolescentes”⁸ e a grave situação encontrada - “problema de saúde pública”. Assim, o seguinte questionamento mostra-se pertinente: em que medida todos têm se envolvido nesse dever de zelar pela proteção aos direitos das crianças e adolescentes?

Na tentativa de responder todas essas inquietações, recorreremos as contribuições de Heidegger, Foucault e Arendt, levantadas por Duarte (2010). Para o referido autor, os avanços técnico-científicos afetam positivamente o homem contemporâneo, ficando todas as outras dimensões destes procedimentos, como que ocultados do olhar, não sendo, portanto, contempladas no modo de agir e compreender o mundo atual. Complementando, podemos recorrer ao pensamento de Heidegger (2006) ao apontar para a cegueira que o pensamento técnico promove, nos leva cada vez mais a ter uma atitude calculante explicativa diante do fenômeno, em vez de privilegiar um olhar meditativo e compreensivo.

Após narrar o impacto inicial, vamos iniciar a análise compreensiva dos dados gerais apresentados pelos relatórios, para depois, finalmente, discutir alguns indicadores escolhidos como recortes importantes do quadro geral apresentado pelos dados estatísticos, sobre a violência contra crianças e adolescentes.

Nesse sentido, um primeiro aspecto a ser considerado, embora possa parecer irrelevante, é com relação à quantidade de páginas dos relatórios. O

⁸ Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Federal nº 8.069 / 1990 considera ser dever da família, comunidade, sociedade em geral e do poder público zelar pela proteção às crianças e adolescentes, assegurando-lhes as oportunidades para o desenvolvimento físico, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

relatório de 2007 possui 176 páginas; e na outra ponta, em 2011, o relatório possui 347 páginas. O que inquieta não é simplesmente a quantidade de páginas em si, mas, o fenômeno que tal atitude aponta – a necessidade que a razão instrumental, característica predominante da sociedade contemporânea, apresenta de, cada vez mais, subdividir tecnicamente as questões. Nessa direção, um dado sobre uma ‘ocorrência’ qualquer comunica e alerta para uma situação, seja ela qual for, no entanto, aquele que sofre a violência ‘apenas’ vivencia a dor que isso lhe causou. Os dados estatísticos mostram o índice da ‘ocorrência’ de uma determinada violência, mas não contemplam a experiência de quem vivenciou a violência. Daí, a necessidade de outro olhar para além da técnica moderna, olhar que possibilite acolher a dor das pessoas que sofrem e que desvele possibilidades de cuidado para com as vítimas, como norteie a criação de estratégias de prevenção e enfrentamento diante da violência.

No entanto, no mundo contemporâneo, cada vez mais nos poupamos de realizar o exercício de nos aproximar de um fenômeno e meditar sobre ele, optamos pelo caminho mais rápido e econômico. Tal contexto converge para o que Heidegger alerta sobre o que está acontecendo com o homem moderno, pois, segundo o autor, “somos muitas vezes pobres-em-pensamentos; ficamos sem-pensamentos com demasiada facilidade” (Heidegger, 1959, p. 11). Assim, a forma como experienciamos as situações, aqui em especial, a violência contra crianças e adolescentes também é alterada, já que optamos pelo caminho mais rápido – apontar, em indicadores estatísticos, o índice das violências sofridas. Do mesmo modo, também rapidamente esquecemos o que está sendo vivido pela sociedade – não paramos para refletir sobre o cuidado com quem sofre, nem sobre as ações que possam ser desenvolvidas como enfrentamento à violência.

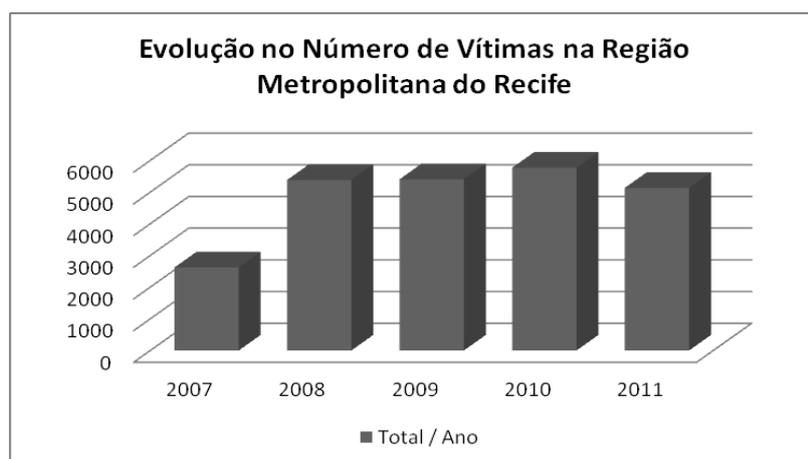
Se ano após ano são criadas mais subdivisões sobre as ocorrências que as vítimas sofreram, como então sistematizar tais dados para detectar em quais aspectos a sociedade deve concentrar mais esforços a fim combater a violência contra os menores? Essa pergunta, possivelmente se dá, diante da necessidade dos pesquisadores de investigar o fenômeno em questão, e os demais interessados (sociedade, poder público, órgãos de defesa dos direitos da criança e do adolescente) têm tido tal interesse? Como foi citado anteriormente, a última publicação em que consta dados sobre a violência nesse âmbito, no estado de Pernambuco, a que os pesquisadores tiveram acesso, é do ano de 2002⁹.

Tal contexto aponta para o modo como nossa sociedade têm se deixado ofuscar pelas luzes do presente que iluminam apenas aspectos relacionados aos avanços científicos e tecnológicos. Não há, no contemporâneo, ‘lugar’ nem ‘espaço’ para acolher as obscuridades contidas nele (Agamben, 2010). Assim, desvela-se a necessidade de buscar um olhar que, para além da dimensão técnica, possa abrir-se para o “cuidado de si mesmo” (Foucault, 2006). Tal olhar impõe um modo de pensar que reconheça a atitude de ‘esquecimento do ser’, colocando-nos diante da necessidade de reconhecer a fuga de pensamento, atitude própria do homem moderno e herdeira do modo de pensar metafísico (Heidegger, 2001). Nesse contexto, dia após dia visualizamos os efeitos do pensamento racional e técnico típico do contemporâneo, que através da incessante repetição de teorias explicativas, utilizam métodos ‘precisos’ para validar uma resposta antecipada sobre determinado fenômeno.

⁹ Ferreira (2002) aponta dados fornecidos pela DEPCA (Diretoria Executiva de Polícia da Criança e do Adolescente) referentes ao ano de 2001, indicando que a violência contra crianças e adolescentes ocorre em maior número contra crianças de 0 a 7 anos. Das 920 denúncias registradas naquele ano, 662 foram relativos ao abuso físico, 94 ao abuso psicológico, 85 à negligência e 79 ao abuso sexual.

3.8 INDICADORES PARA DISCUSSÃO SOBRE A VIOLENCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Vamos agora, finalmente, retomar a proposta inicial - discutir alguns indicadores que recortam dimensões sobre a violência contra crianças e adolescentes, tendo como companheiros de viagens algumas reflexões sobre a técnica moderna e a noção de cuidado, privilegiando uma perspectiva ético-política. Para tanto, vamos recorrer ao recurso que os gráficos nos dão, de visualizar dados sistematizados, e começamos com um olhar sobre a evolução no número de vítimas na Região Metropolitana do Recife (RMR):



Fonte: INFOPOL / SDS

Diante de tal gráfico, podemos imaginar o seguinte diálogo: o olhar predominantemente técnico poderia dizer *“O combate à violência tem sido eficaz já que, apesar de ter havido um salto nos números entre os anos de 2007 e 2008, os números em geral têm se mantido estáveis”*. E quanto a isso não se pode questionar, números, pois dados, porcentagens falam por si. Mas, se for pensado que foram mais de cinco mil vítimas anualmente na RMR os dados são suficientes

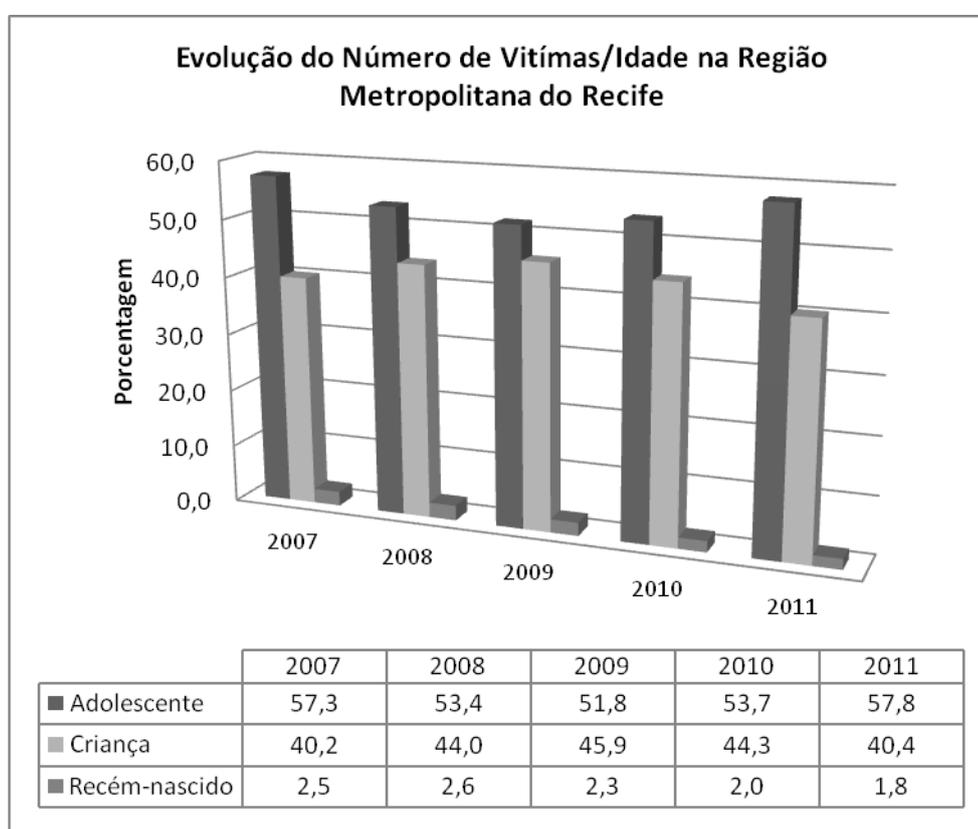
para expressar o sofrimento que cada uma delas experienciou? Já um olhar pautado no pensamento meditante poderia apontar que a crítica aqui não é quanto à utilização de registros numéricos, mas, sobretudo, pela necessidade de visualizar apenas números, sem espaço para acolher a 'mensagem' que os números revelam, atitude que implicaria diagnosticar a necessidade do homem contemporâneo assumir uma atitude de pôr-se-a-pensar.

O suposto diálogo permite visualizar o desenraizamento do homem moderno, apontado por Heidegger (1959), que é vivenciado também no nosso tempo, graças ao espírito dessa época em que nascemos e fomos criados. O que o mundo contemporâneo vivencia é uma agressão à vida e à natureza humana, gerada pela falta de preparação - de pensamento do homem contemporâneo - para lidar com os avanços tecnológicos (Heidegger, 1959).

Assim, um olhar que priorize a dimensão ético-política do cuidado poderia considerar que, embora a situação - aparentemente - esteja estável, uma vez que os números apontam uma realidade constante, é essa estabilidade que evoca uma reflexão maior. Uma vez que, já que os números pouco têm alterado, tal posição pode também apontar para a falta de ações eficazes na tentativa de modificar essa realidade.

Qual é a dimensão ética ou política, ou melhor, onde reside a dimensão ético-política que rege a sociedade contemporânea em todas as suas instâncias? Seria a tradição metafísica a 'grande vilã' para que o homem contemporâneo não exerça o cuidado de forma ético-política a ponto de permitir - ousamos dizer - ou até mesmo alimentar que, diariamente, ano após ano, recém-nascidos, crianças e adolescentes sejam vítimas de violência?

Os dados apontam um número de ‘ocorrências’ referentes a criança e ao adolescente, mas as informações, como são dispostas nos referidos relatórios, subdividem as vítimas em: recém-nascidos, crianças e adolescentes. Apesar de tal material não especificar as subdivisões das idades que compõem tais classificações, os dados sobre os recém-nascidos nos chama a atenção. Parece-nos que, a cada dia, o modo que cuidamos da existência tem cada vez mais sido experienciado pelo homem de maneira imprópria e irrefletida (Heidegger, 1959).



Fonte: INFOPOL / SDS

Novamente, o olhar técnico puramente racional sobre os dados em questão poderia dizer “*Mas os dados mostram uma taxa constante no total de vítimas, os bebês são sempre em menor proporção, pois são ‘fofinhos’ demais para serem machucados e os adolescentes são em maior proporção mesmo, já que a o comportamento típico dessa fase exige um pouco mais de ‘dureza’ para impor*

regras”. Diante desse contexto, questionamos: Será mesmo...? tal discussão fica em aberto, pois dados que possam comunicar compreensões ‘mais seguras’ sobre a situação da violência contra recém-nascidos não são encontradas na literatura, nem são apontados nos relatórios estudados.

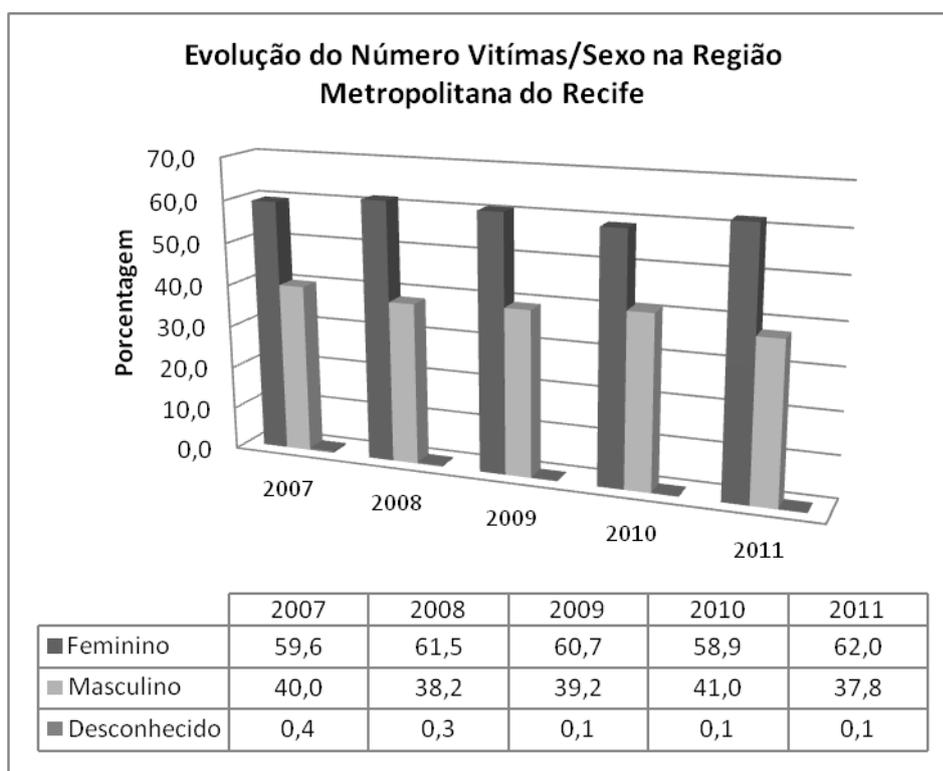
Poderíamos ver que tais números apresentam um percentual menor de bebês porque eles são pequenos para comunicar seu sofrimento, e as ‘marcas’ da violência podem ser facilmente justificadas por quedas inesperadas, uma troca de fraude mal executada, e afins? E quanto aos adolescentes, seriam eles os ‘culpados’ por seu comportamento exigir um tom mais enérgico?

Apesar de não podermos, com os dados analisados, apresentar um quadro compreensivo sobre a situação vivenciada pelas crianças e adolescentes, as reflexões levantadas convergem para a necessidade de pensarmos sobre o fenômeno da violência e seus desdobramentos na contemporaneidade, de forma que possamos - através do exercício crítico - visualizar os reflexos que o pensamento metafísico tem gerado em nossa sociedade. Esta é a direção de nossa contribuição: apontar para a possibilidade do exercício do pensamento crítico sobre as repercussões da razão instrumental e do domínio da técnica no mundo contemporâneo e poder lançar pontes que possibilitem a apropriação e tematização do que está sendo vivido, assim como, uma maior implicação nesse fenômeno tão próximo, velado e típico da contemporaneidade – a violência contra crianças e adolescentes..

O olhar norteado pela razão, muitas vezes pode até formular explicações lógico-causais na tentativa de responder ou explicar alguns dos questionamentos aqui levantados. No entanto, apenas a partir da implicação da dimensão ético-política do cuidado pode nos aproximar de uma dimensão em que o contemporâneo

possa ser vivenciado para além da dimensão técnica (Heidegger, 1959; Arendt, 2000)...

Nesse aspecto, ao passarmos para a próxima unidade escolhida para o questionamento crítico, visualizamos claramente um comportamento típico do homem contemporâneo com relação ao gênero. Antes, porém, convém refletir, sobre até que ponto a realidade expressa através dos números podem estar escondendo um maior número de meninos vitimizados, uma vez que, a iniciação sexual de meninos ao longo da história tem sido vista com menos ênfase, sendo até frequentemente estimulada. Ao passo que tal atitude, geralmente, é condenada pela sociedade quando se trata de crianças do sexo feminino.



Considerando o alerta anteriormente mencionado, podemos questionar com prudência: até quando as meninas e adolescentes serão maiores vítimas de violência na história do homem contemporâneo? Apesar de não haver justificativas

que deem conta do que está sendo questionado, ainda ousamos continuar a perguntar: até quando nossa sociedade perpetuará a violência contra a mulher, seja ela recém-nascida, criança, adolescente, adulta ou idosa?

O cuidado que dirigimos no contemporâneo às crianças e adolescentes tem sido marcado por uma realidade sangrenta. Sangue não necessariamente relacionado a ferimentos físicos; mas, principalmente, como revelando feridas que atravessaram a vida desses que, por sua própria condição – ser criança e/ou adolescente – requerem um cuidado ético-político.

Se tentarmos encontrar as respostas através dos modos que o homem contemporâneo tem se desvelado nas relações com os outros no mundo, possivelmente, desvelaríamos um cuidado enquanto uma ação de preocupação no sentido heideggeriano (Heidegger, 2009). Nessa direção, estaríamos mais próximos da convocação que a dimensão ético-política do cuidado nos faz. E, a partir dessa ‘atitude’ seríamos co-responsáveis pela co-construção de uma outra realidade, já que “a prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é rumo a um mundo mais violento” (Arendt *apud* Fry, 2009, p. 98).

Mas, como anteriormente já foi indicado, cada vez mais, a predominância da razão instrumental no modo de pensar do homem contemporâneo tem privilegiado uma subdivisão do sofrimento em diversas dimensões na falsa ilusão de, assim, poder controlar e explicar tal sofrimento. Como não poderia ser diferente, o mesmo foi feito com relação à violência, subdividiu-se a natureza da violência sofrida. Tal ‘retrato’ pode ser visto na tabela apresentada abaixo, onde se detalha os dez tipos de violência com maior incidência na Região Metropolitana, nos últimos cinco anos.

Evolução do Número de Vítimas Registradas pela GPCA em relação à Natureza

Natureza	2007	2008	2009	2010	2011	Média
Lesão corporal	27,93%	22,56%	22,09%	21,65%	22,75%	23,40%
Ameaça	11,52%	12,10%	11,64%	13,12%	15,60%	12,80%
Outras ocorrências ilícitos penais	7,29%	7,99%	8,95%	10,40%	8,65%	8,66%
Maus-tratos	7,94%	10,35%	8,69%	8,06%	5,43%	8,09%
Outras ocorrências contra pessoa	2,90%	6,26%	14,22%	8,35%	7,93%	7,93%
Calúnia / Difamação / Injúria	8,58%	12,00%	8,21%	2,88%	0,00%	6,33%
Estupro	4,73%	4,12%	5,79%	8,34%	3,16%	5,23%
Atentado violento ao pudor	7,40%	6,22%	5,01%	0,14%	0,00%	3,75%
Pessoa desaparecida	2,29%	1,36%	1,22%	3,78%	4,52%	2,63%
Roubo	4,54%	2,58%	2,53%	2,67%	0,02%	2,47%
Outras ocorrências não criminais	0,95%	3,03%	3,09%	1,75%	0,47%	1,86%

Fonte: INFOPOL / SDS

Em média, a violência por lesão corporal possui um número expressivo de 25% do total de subdivisões que classificam as ocorrências registradas. No entanto, independente das quantidades expressas nessas ocorrências, os crimes de violência (sejam eles relacionados à lesão corporal, ameaças, maus-tratos, estupro, roubo, desaparecimento, calúnia, ou quais outras ocorrências criminais ou não) apontam para o modo como o homem contemporâneo tem cuidado da infância e da adolescência. E ainda mais, como a sociedade tem se implicado nesse fenômeno considerado pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública (Ferreira, 2002).

Trazendo tal discussão para o âmbito da saúde, uma vez que o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes é considerado um problema de saúde pública, recorreremos às contribuições de Figueiredo (2009) sobre o assunto. Este autor nos aponta que “reconhecendo que o *ethos* de uma comunidade equivale a uma *morada coletiva* para seus membros, deve ficar clara a relação direta que pode ser explorada entre ética e saúde” (p. 71, grifos do autor). Esse contexto indica a importância da discussão da ética enquanto morada coletiva na saúde, morada onde

seria criada a relação de cuidado que se deve estabelecer junto às crianças e adolescentes. Cuidado esse que é considerado dever de todos – família, comunidade, sociedade em geral e do poder público – zelar.

As reflexões sobre o fenômeno da violência relacionado ao gênero e às manifestações, quanto à natureza da ocorrência, facilmente nos levam para uma crítica orientada para uma visão que indica uma visão do outro como utensílio à mão, no sentido heideggeriano. Nessa direção, ousaríamos dizer, que o grande perigo da técnica reside nesse olhar que vê o outro também como fundo de reserva à disposição do homem, para satisfazer quaisquer sejam seus desejos e necessidades, de modo que possa ser controlado e manipulado dependendo do objetivo determinado antecipadamente (Heidegger, 1959).

Essa reflexão desvela a lógica que norteia o pensamento contemporâneo, orientada para atingir um objetivo prévio, sem considerar o cuidado necessário que deveria nortear uma atitude de proteção dos direitos das crianças e adolescentes. Uma possível compreensão desse fenômeno encaminha para a consideração de que as crianças e adolescentes não dão o retorno esperado numa perspectiva de produtividade econômica, já que não contribuem diretamente para o aumento de lucros e da eficácia nas tarefas, mesmo considerando a exploração do trabalho dos menores. O homem contemporâneo, tomado pela racionalidade e pela técnica, prioriza a ótica da utilidade, seja com relação às coisas ou aos demais homens.

Diante da problemática apresentada, o que se buscou não foi generalizar os dados com a apresentação de explicações que justifiquem os indicadores discutidos, visto que, este estudo trabalhou qualitativamente com indicadores que se apresentaram como sinalizadores do fenômeno que se buscou compreender. As discussões acima tecidas refletem as possibilidades compreensivas decorrentes do

modo como a pesquisadora/autora foi afetada pelos índices estatísticos, em diálogo com o pensamento de Foucault, Heidegger e Arendt. Assim, a leitura dos dados estatísticos foi norteadada pelo modo de pensar reflexivo, o qual não busca explicar nem justificar, mas pôr o pensamento a caminho, na tentativa de propor outro olhar sobre o fenômeno estudado, e assim levantar reflexões que possibilitem questionamentos sobre o modo como a violência contra a criança e o adolescente é apresentado à sociedade.

Assim, Hölderlin nos traz o que pode ser considerado uma esperança frente ao fenômeno estudado:

“Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva” (*apud* Heidegger, 2001, p. 31)

Portanto, a análise documental compreensiva desenvolvida, além de apresentar o perigo vivido nos nossos tempos, pode também medrar, por meio do exercício da meditação, possibilidades críticas de pensar o momento contemporâneo. Tal modo de pensar, denominado por Heidegger como “Serenidade frente às coisas”, acolhe o modo calculante e seus benefícios técnicos, dizendo sim à sua inevitável utilização, ao mesmo tempo que, pela sua dimensão meditante e reflexiva, poder dizer não ao uso desenfreado da técnica (Heidegger, 1959).

Diante desse contexto, a história construída e revelada por meio do labor, trabalho e ação (Arendt, 2000) traz, em seu registro, um modo de cuidar de si mesmo, dos outros e do mundo marcado predominantemente pela dimensão técnica, revelando, muitas vezes, traços que aproxima o modo de cuidar daquilo que

se tomou sob cuidado, sendo realizado impropriamente. Assim, as discussões sobre o fenômeno da violência praticada contra crianças e adolescentes, revelam uma narrativa compreensiva que nos alerta para a necessidade de pensar a dimensão ético-política do cuidado.

3.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou problematizar a questão da violência contra crianças e adolescentes a partir das contribuições de Foucault, Heidegger e Arendt, considerando as críticas que teceram sobre o modo de pensar dominante na modernidade e ainda presente, hegemonicamente, no momento atual. Nessa direção, teve como pano de fundo os desdobramentos que a soberania da razão e da técnica moderna exerceram com relação ao modo de pensar do homem contemporâneo, levando a reflexão crítica sobre uma situação considerada importante em nível de saúde pública – a violência contra crianças e adolescentes.

A partir de um recorte metodológico, buscou-se criar indicadores para a realização de estudos a partir dos dados constantes nos *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco* dos anos de 2007 a 2011. Portanto, a importância ético-política do documento produzido a partir da ‘lapidação’ dos dados ‘brutos’ revelam a importante contribuição científica e social do presente estudo, uma vez que tal material favorece a ampliação dos conhecimentos acerca do fenômeno da violência contra criança e adolescentes. Assim, tais indicadores fornecem solo para posteriores estudos qualitativos e/ou quantitativos que poderão subsidiar críticas sobre os direitos

fundamentais da criança e do adolescente, de modo a fortalecer as ações que buscam a proteção desses direitos.

Como resultado do caminhar com outro olhar sobre os dados estatísticos, apresentados pelos relatórios da GPCA, sobre o fenômeno estudado, chegamos a uma visão alarmante diante da violência exercida contra a criança e o adolescente. Tal olhar nos remete a um questionamento crítico sobre o que está definido no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Federal nº 8.069 / 1990, que determina as diretrizes que regem todas as políticas de proteção integral à criança e ao adolescente. Será que a sociedade, em geral, com relevância para as instituições governamentais, obedecem ao que determina o artigo 5º do ECA - “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”?

Ainda sob o efeito de tal leitura compreensiva, que possibilitou olhar o fenômeno da violência contra a criança e o adolescente por outra ótica, que não a revelada nos dados estatísticos, acreditamos ser necessário continuar a desenvolver estudos e pesquisas norteados pela necessidade de problematizar a violência contra crianças e adolescente, colocando em pauta tal fenômeno, devido a sua expressividade e importância na sociedade. Além de buscar outras compreensões, a partir das veredas que aqui foram criadas, buscamos refletir sobre uma morada coletiva que abarque novas possibilidades de se assumir a responsabilidade para com aqueles que estão sob nossos cuidados – crianças e adolescentes.

3.10 REFERÊNCIAS

- Andrade, Ângela Nobre; Morato, Henriette Tognetti Penha (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), 345-353.
- Arendt, Hannah (2000). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, Hannah (2011). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura - Obras Escolhidas*, São Paulo: Brasiliense.
- Brasil (2005). Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: MEC.
- Critelli, Dulce Mara. (2006). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense.
- Deslandes, Suely Ferreira (1993). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In Minayo, Maria Cecília de Souza (1993). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Duarte, André (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Florense Universitária.
- Ferreira, Kátia Maria Maia (2002). Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes – nossa realidade. In: Silva, Lygia Maria Pereira da. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Recife: EDUPE.
- Foucault, Michel (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fry, Karina, A. (2009). *Compreender Hannah Arendt*. Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, Martin (1959). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Heidegger, Martin (2001). A questão da técnica. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, Martin (2006). *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes

Heidegger, Martin (2009). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes

Lima, Darlindo Ferreira (2012). A prática do plantão psicológico na delegacia especializada de atendimento à mulher (DEAM): uma experiência a partir da acontecimento do cuidado. *Tese de doutorado*. Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES: Vitória - ES

Ludke, Menga & André, Marli E.D.A (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Pernambuco (1994). Decreto n. 17495, de 13 de maio de 1994. Dispõe sobre a Diretoria de Polícia da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Pernambuco (2010). Portaria GAB/SDS n. 213 de 05 de fevereiro de 2010. Disciplina o acesso a informações estatísticas para uso acadêmico ou de pesquisa.

Pimentel, Alessandra (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 179-195.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido privilegiou uma leitura compreensiva fundada na crítica à razão instrumental e ao domínio da técnica, na tentativa de apresentar outra perspectiva compreensiva sobre o fenômeno da violência, desvinculada da atitude científica que privilegia procedimentos metodológicos de classificação das diversas facetas apresentadas pelo fenômeno da violência. Para tanto, debruçou-se sobre os dados estatísticos dos relatórios da GPCA¹⁰ e, ao apresentar um diagnóstico crítico do que se revela para além dos números, apontou também para a possibilidade de trilhar outro caminho que viabilize acolher o sofrimento da criança e do adolescente, vítimas da violência, não desvelados nos indicadores estatísticos que revelam a natureza do ato violento e os percentuais de crianças e adolescentes, considerando a idade, sexo e local de residência.

Importa ressaltar que tais dados são relevantes, mas não podem ser considerados como definitivos nem têm condições de apontar para ações que possam tentar cuidar do sofrimento decorrente da violência. Cuidado que exige outro modo de pensar e de lidar com a realidade social e política atual.

Embora o foco do trabalho tenha sido a crítica empreendida por Foucault e Heidegger sobre a modernidade, situação vivenciada também no contemporâneo, e as contribuições sobre a dimensão ético-política do cuidado a partir da reflexão de Arendt, o caminho trilhado desvelou a co-existência entre a dimensão ético-política e a dimensão técnica. Se, por um lado, contemplamos a possibilidade de se refletir sobre um cuidado que privilegie a dimensão ético-política; por outro, o cuidado

¹⁰ Os dados sistematizados pela pesquisadora dos *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco* nos anos de 2007 a 2011 relacionados ao fenômeno da violência contra criança e adolescentes encontram-se disponíveis nos Apêndices da Dissertação.

compreendido como técnica, vinculado às perspectivas teóricas produzidas numa orientação técnico-científica, também se fez necessário.

Tal situação é evidenciada a partir da necessidade de realizar um tratamento estatístico sobre os *Relatórios Anuais da Gerência de Análise Criminal e Estatística da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco*. No entanto, convém novamente enfatizar, que assim como já proposto por Heidegger, na postura de Serenidade, o olhar aqui direcionado sobre tais dados buscam, a princípio, organizar e sistematizá-los a fim de construir um solo para posteriores discussões ou análises. Portanto, este material produzido é considerado ‘apenas’ o primeiro passo para a construção de um pensamento que busque contemplar os dados desvelados além da dimensão técnica.

Mesmo neste momento, não sendo então nosso foco, buscou-se a partir das contribuições teóricas aqui expostas e através da escolha de alguns indicadores, trazer dados concretos que pudessem revelar possibilidades de refletir sobre as repercussões da supremacia da razão instrumental no mundo contemporâneo. Tal contribuição nos mostra que nosso olhar pode ora estar mais próximo da dimensão técnica (dados estatísticos), ora refletido a partir da dimensão ético-política (indicadores discutidos e material produzidos para posterior análise), indicando assim, que embora possuam posturas que representam perspectivas epistemológicas e metodológicas diversas podem co-existir, e de maneiras diferentes contribuir para a compreensão dos fenômenos.

Partindo de tal posicionamento, é possível sugerir a necessidade de novos estudos que possam contemplar uma reflexão qualitativa, através do uso do material produzido, somado a entrevistas e pesquisa participante, por exemplo, a fim de aprofundar uma reflexão qualitativa sobre a temática em questão.

6 REFERÊNCIAS

- Agamben, Giorgio (2010). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Andrade, Ângela Nobre; Morato, Henriette Tognetti Penha (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), 345-353.
- Arendt, Hannah (2000). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, Hannah (2011). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. Em Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (Org.) *Prática psicológica numa perspectiva fenomenológica* (no prelo). Curitiba: Juruá.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura - Obras Escolhidas*, São Paulo: Brasiliense.
- Brasil (2005). Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: MEC.
- Casanova, Marco (2006). Linguagem cotidiana e competência existencial. *Natureza Humana*, 8(1), 35-85.
- Casanova, Marco (2009). *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes.
- Castro, Edgardo (2004). *Vocabulário de Foucault*. Um percurso pelo seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica.
- Critelli, Dulce Mara. (2006). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense.
- Deslandes, Suely Ferreira (1993). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In Minayo, Maria Cecília de Souza (1993). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Duarte, André (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Florense Universitária.

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo (2011). *A existência do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.

Ferreira, Kátia Maria Maia (2002). *Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes – nossa realidade*. In: Silva, Lygia Maria Pereira da. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Recife: EDUPE.

Figueiredo, Luis Cláudio M. (2009). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.

Foucault, Michel (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.

Fry, Karina, A. (2009). *Compreender Hannah Arendt*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, Martin (1959). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Heidegger, Martin (1995). *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Heidegger, Martin (2001). *A questão da técnica*. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, Martin (2006). *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes

Heidegger, Martin (2009). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes

Lima, Darlindo Ferreira (2012). *A prática do plantão psicológico na delegacia especializada de atendimento à mulher (DEAM): uma experiência a partir da acontecimento do cuidado*. *Tese de doutorado*. Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES: Vitória - ES

Ludke, Menga & André, Marli E.D.A (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Pernambuco (1994). Decreto n. 17495, de 13 de maio de 1994. Dispõe sobre a Diretoria de Polícia da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Pernambuco (2010). Portaria GAB/SDS n. 213 de 05 de fevereiro de 2010. Disciplina o acesso a informações estatísticas para uso acadêmico ou de pesquisa.

Pimentel, Alessandra (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 179-195.

Rocha, Zeferino (2010). *Freud: entre Apolo e Dionísio*. São Paulo: Edições Loyola.

Sá, Roberto Novaes (2002). A psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54(4), 348-362.

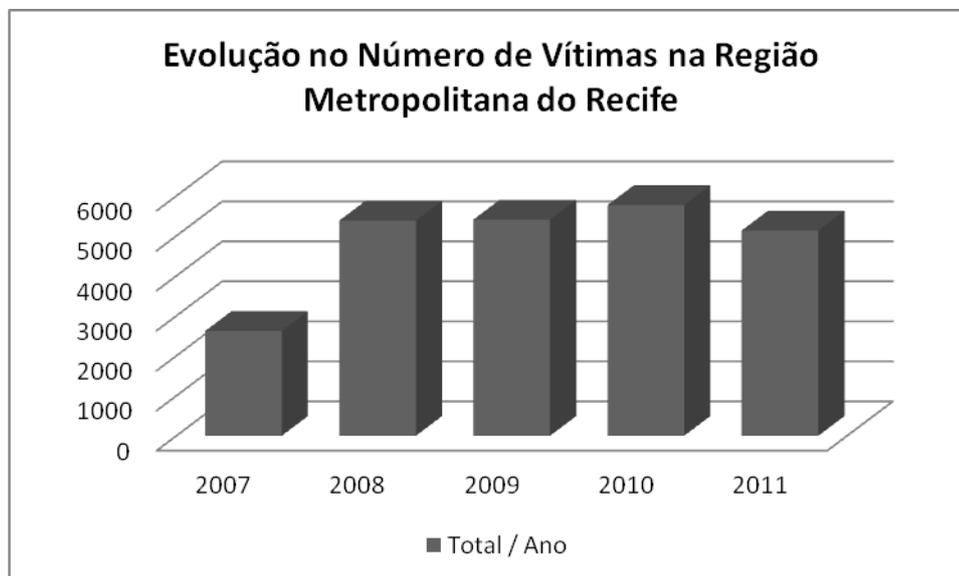
Vattimo, Giani (1996). *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

REGIÃO METROPOLITANA

Número Geral de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

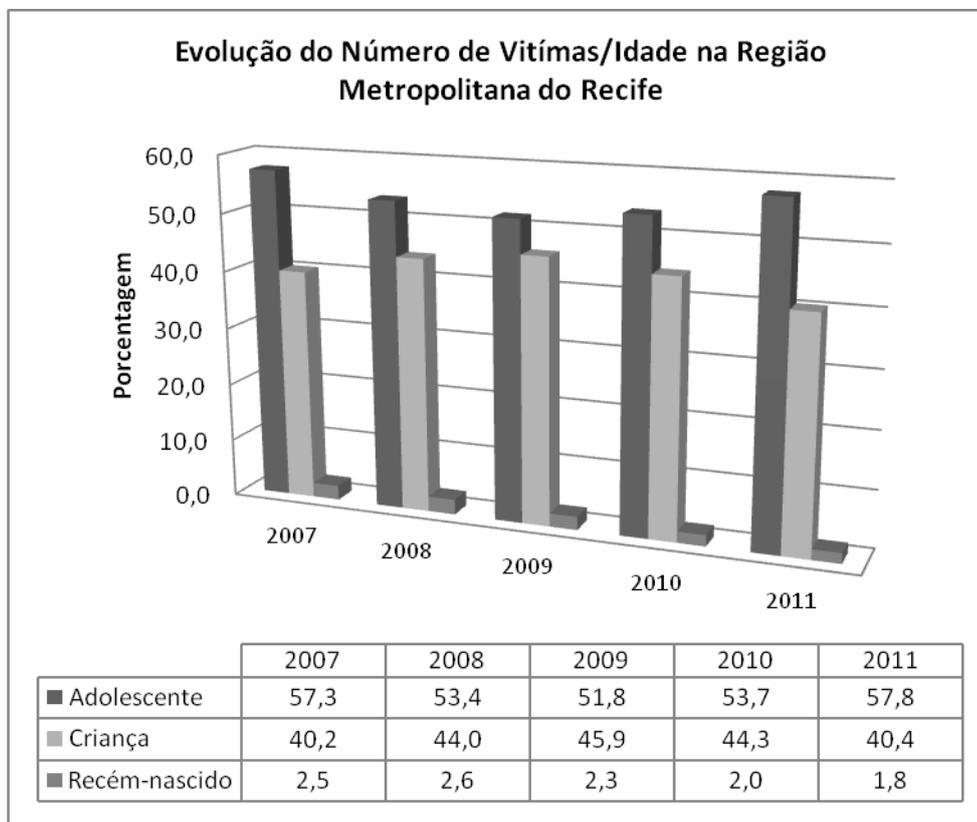
	2007	2008	2009	2010	2011
Total / Ano	2621	5382	5406	5770	5134

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 2

REGIÃO METROPOLITANA

Idade das Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

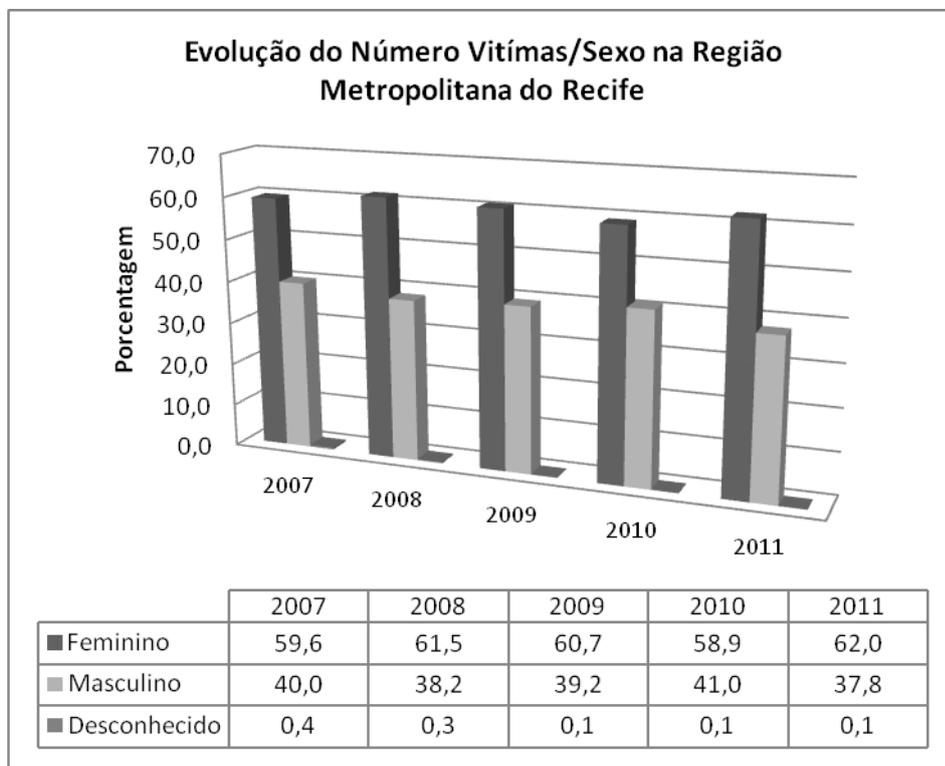
Segmento	2007	2008	2009	2010	2011
Adolescente	57,3%	53,4%	51,8%	53,7%	57,8%
Criança	40,2%	44,0%	45,9%	44,3%	40,4%
Recém-nascido	2,5%	2,6%	2,3%	2,0%	1,8%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 3

REGIÃO METROPOLITANA

Sexo das Vítimas



Fonte: INFOPOP / SDS

Sexo	2007	2008	2009	2010	2011
Feminino	59,6	61,5	60,7	58,9	62,0
Masculino	40,0	38,2	39,2	41,0	37,8
Desconhecido	0,4	0,3	0,1	0,1	0,1

Fonte: INFOPOP / SDS

APÊNDICE 4

REGIÃO METROPOLITANA
Natureza da Ocorrência

Evolução do Número de Vítimas Registradas pela GPCA em relação a Natureza

Natureza	2007	2008	2009	2010	2011
Abandono de incapaz	0,84%	0,84%	0,35%	1,58%	1,27%
Aborto	-	-	0,02%	-	0,02%
Abuso de confiança	-	0,02%	0,02%	-	0,04%
Abuso de poder	-	0,02%	-	-	0,02%
Acidente de trânsito com vítima	-	0,02%	0,04%	0,02%	-
Acidente de trânsito sem vítima	-	-	0,02%	0,02%	0,12%
Afogamento	-	0,02%	-	-	-
Ameaça	11,52%	12,10%	11,64%	13,12%	15,60%
Ameaça por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,41%
Apropriação indébita	0,04%	0,06%	0,02%	0,10%	0,04%
Assédio	-	-	-	-	0,06%
Atentado violento ao pudor	7,40%	6,22%	5,01%	0,14%	-
Ato / Escrito / Objeto Obsceno	0,46%	0,48%	0,44%	0,38%	0,45%
Atropelamento	0,15%	0,06%	0,09%	-	-
Atropelamento com vítima não fatal	-	-	-	-	0,10%
Calúnia	-	-	0,18%	1,40%	2,36%
Calúnia / Difamação / Injúria	8,58%	12,00%	8,21%	2,88%	-
Constrangimento ilegal	1,95%	1,32%	1,42%	0,90%	0,82%
Constrangimento ilegal por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,02%
Corrupção	0,04%	0,02%	0,04%	0,05%	0,02%
Corrupção de menores	2,37%	1,36%	0,48%	0,16%	0,37%
Dano / Depredação	0,08%	0,17%	0,07%	0,09%	0,08%
Desacato	-	-	-	0,05%	-
Desobediência	0,23%	0,46%	0,81%	1,28%	0,86%
Difamação	-	0,02%	0,04%	1,58%	1,99%
Direção de veículos sem habilitação	-	-	-	0,02%	0,02%
Direção Perigosa	-	-	0,02%	-	0,02%
Disparo de arma de fogo	-	-	-	0,02%	-
Embriaguez	0,04%	-	-	-	-
Entorpecentes / tráfico	0,11%	-	0,02%	0,02%	0,06%
Entorpecentes / posse / uso	-	-	-	0,02%	-
Estelionato / Fraude	-	-	0,06%	0,03%	0,04%
Estupro	4,73%	4,12%	5,79%	8,34%	3,16%
Estupro de vulnerável	-	-	0,09%	1,87%	6,29%
Estupro de vulnerável por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,40%
Natureza	2007	2008	2009	2010	2011

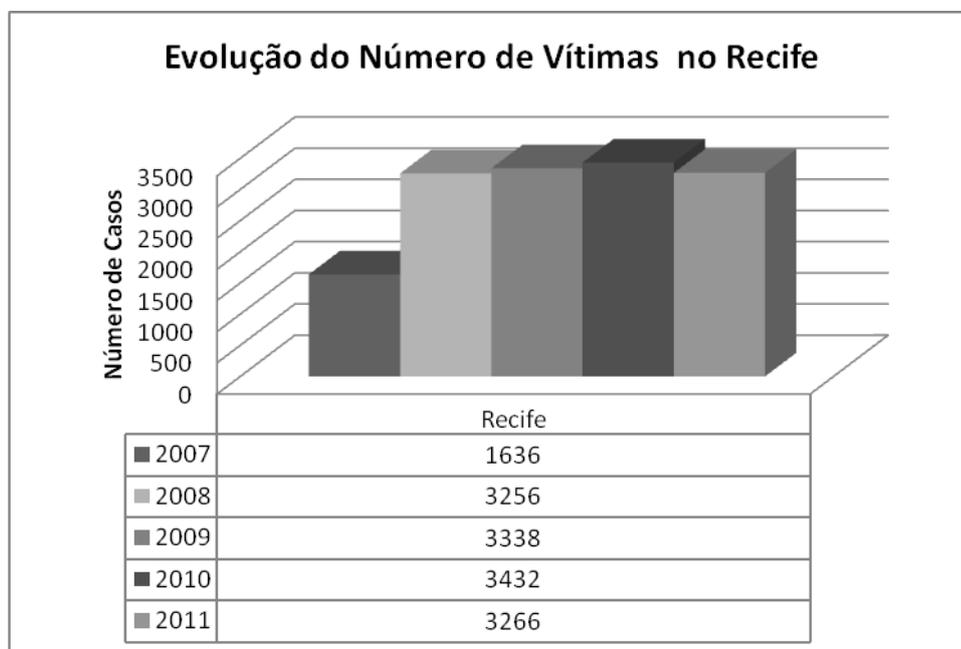
Extorção	-	0,02%	-	0,03%	-
Extravio	0,88%	0,33%	0,28%	0,12%	0,10%
Falsa identidade / falsidade ideológica	0,08%	0,02%	0,04%	-	0,04%
Furto	1,18%	0,89%	0,28%	0,54%	-
Furto em residência	-	-	-	-	0,18%
Homicídio	0,84%	0,30%	0,54%	0,54%	0,31%
Incêndio	0,04%	-	-	-	-
Infanticídio	-	-	-	0,02%	-
Injúria	-	-	0,15%	2,98%	5,57%
Injúria por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,04%
Injúria qualificada racial	-	-	-	-	0,21%
Lesão corporal	27,93%	22,56%	22,09%	21,65%	22,75%
Lesão corporal de trânsito	-	-	0,02%	-	-
Lesão corporal por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,99%
Lesão corporal seguida de morte	-	0,02%	-	-	-
Maus-tratos	7,94%	10,35%	8,69%	8,06%	5,43%
Maus-tratos por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,35%
Morte a esclarecer	0,11%	0,13%	0,11%	0,09%	0,08%
Omissão de socorro	-	0,11%	0,07%	0,17%	0,08%
Outras lesões acidentais (exceto lesão corporal culposa)	-	0,04%	-	-	-
Outras lesões corporais	0,19%	-	0,02%	0,03%	0,08%
Outras mortes acidentais (exceto homicídio culposo)	-	0,02%	-	-	-
Outras ocorrências com arma	-	0,02%	-	-	-
Outras ocorrências com entorpecentes	-	0,02%	0,02%	0,03%	0,02%
Outras ocorrências contra a fé pública	-	-	-	-	0,04%
Outras ocorrências contra a paz pública	-	0,04%	0,07%	0,03%	0,04%
Outras ocorrências contra os costumes	0,15%	0,15%	0,04%	0,16%	-
Outras ocorrências contra patrimônio	-	0,04%	-	0,02%	0,04%
Outras ocorrências contra pessoa	2,90%	6,26%	14,22%	8,35%	7,93%
Outras ocorrências de bombeiros	-	-	-	0,03%	-
Outras ocorrências de trânsito	-	0,02%	0,04%	0,03%	0,08%
Outras ocorrências ilícitos penais	7,29%	7,99%	8,95%	10,40%	8,65%
Outras ocorrências não criminais	0,95%	3,03%	3,09%	1,75%	0,47%
Outros crimes contra a administração da justiça	-	-	-	0,05%	-
Outros crimes contra a dignidade sexual	-	-	-	0,02%	0,10%
Outros crimes contra o consumidor	-	-	0,02%	-	-
Outros crimes especiais contra a pessoa idosa	-	-	-	-	0,04%
Outros crimes por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,02%
Outros crimes resultantes em lesão corporal	0,04%	0,04%	0,06%	0,02%	-
Outros crimes resultantes em morte	-	0,02%	0,02%	-	-
Natureza	2007	2008	2009	2010	2011
Perturbação do sossego	0,65%	1,08%	0,55%	0,55%	0,39%
Perturbação do sossego por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,02%
Pessoa desaparecida	2,29%	1,36%	1,22%	3,78%	4,52%
Pessoa localizada	0,04%	-	0,02%	-	0,08%

Pornografia infantil	-	-	-	-	0,02%
Porte ilegal de arma	-	0,04%	-	0,07%	0,02%
Posse / invasão de propriedade	-	0,02%	-	-	-
Prostituição / exploração sexual de vulnerável	-	-	-	0,05%	0,06%
Racismo / Preconceito / Discriminação	0,08%	0,02%	0,06%	0,09%	-
Receptação	-	0,06%	-	0,03%	0,06%
Rixa	-	-	-	0,05%	-
Roubo	4,54%	2,58%	2,53%	2,67%	0,02%
Roubo / extorção com restrição da liberdade da vítima	-	0,02%	0,02%	0,02%	-
Roubo a transeunte	-	-	-	-	3,25%
Roubo em residência	-	-	-	-	0,02%
Sequestro / Cárcere privado	0,23%	0,04%	0,13%	0,07%	0,08%
Suicídio	-	-	0,02%	-	-
Tortura	-	0,02%	-	0,02%	-
Vender produtos fora das especificações	-	0,02%	-	-	-
Vias de fato	-	-	0,28%	3,03%	2,73%
Vias de fato / Rixa	3,13%	3,07%	1,48%	0,38%	-
Vias de fato por violência doméstica / familiar	-	-	-	-	0,08%
Violação de domicílio	-	-	-	-	0,08%
	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 5

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
RECIFE
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Recife	1636	3256	3338	3432	3266

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 6

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
RECIFE
10 Bairros com maior número de vítimas

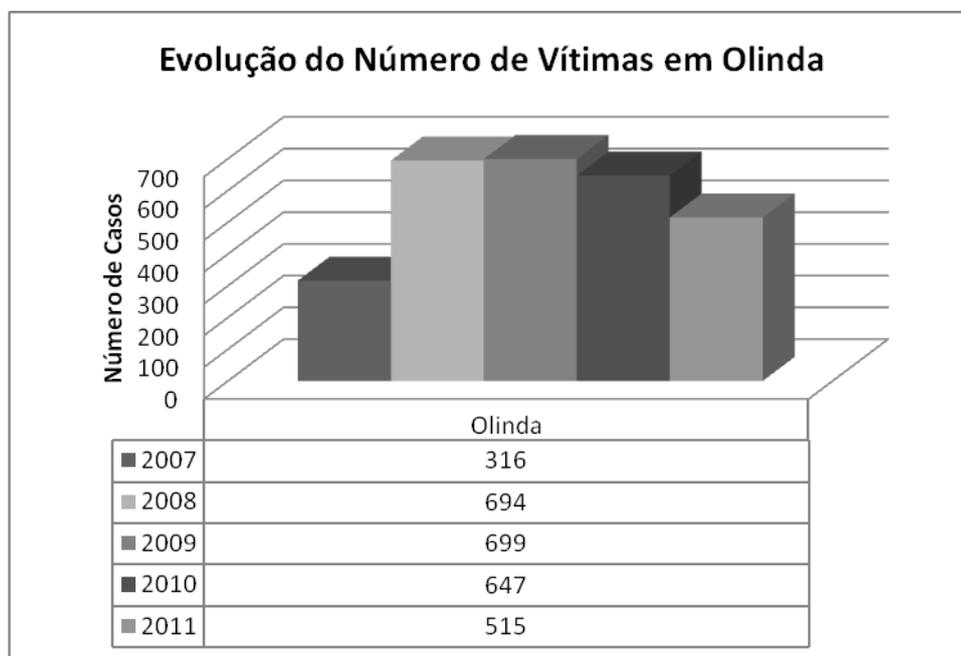
RECIFE

Bairro	2007	2008	2009	2010	2011
Boa Viagem	3,20%	2,90%	2,18%	2,60%	3,14%
Casa Amarela	2,71%				1,73%
Afogados	2,44%	2,45%	2,09%	1,72%	1,71%
Ibura	2,37%	3,38%	3,18%	2,70%	2,75%
Santo Amaro	2,29%	1,77%	2,22%	1,77%	2,18%
Boa Vista	2,06%	1,80%	1,94%	1,65%	
Iputinga	2,02%	2,10%	2,74%	2,22%	2,49%
Várzea	1,91%	2,03%	2,77%	2,24%	1,91%
Campo Grande	1,83%				1,66%
Nova Descoberta	1,83%	1,75%	1,74%		1,64%
Água Fria		1,78%	1,85%	1,66%	2,05%
Cordeiro		2,36%	1,96%	1,53%	
Imbiribeira				1,53%	
Total nos 10 bairros com maior índice de vítimas	22,66%	22,32%	22,67%	19,62%	21,26%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 7

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
OLINDA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Olinda	316	694	699	647	515

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 8

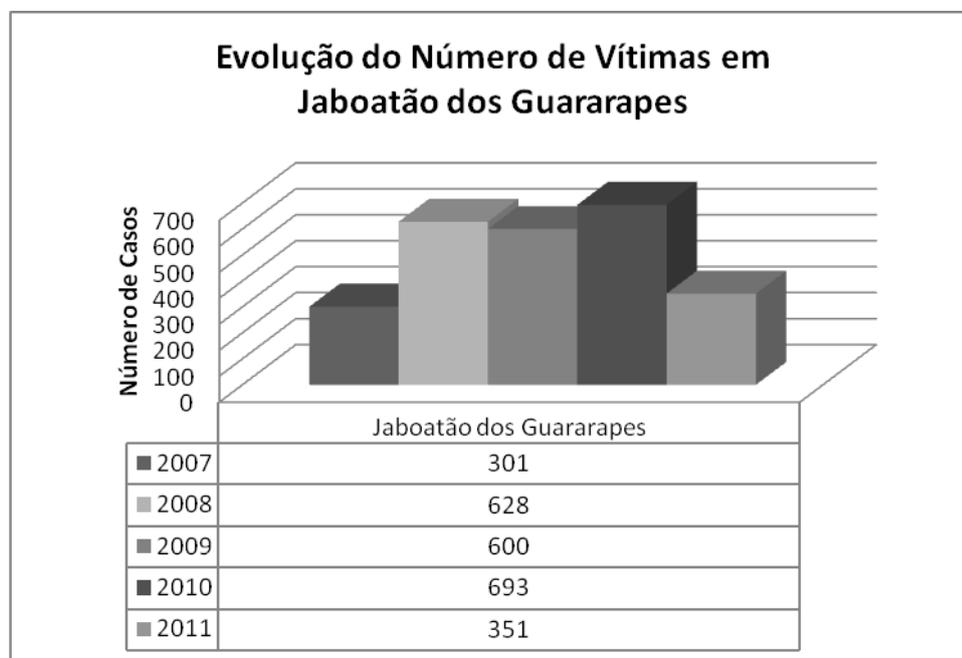
POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
OLINDA
10 Bairros com maior número de vítimas

Bairro	2007	2008	2009	2010
Águas Compridas	1,26%	1,62%	1,22%	1,13%
Bairro Novo	0,57%			
Bultrins			0,43%	0,59%
Caixa D'Água	0,57%	0,50%		0,64%
Casa Caiada		0,48%	0,52%	
Centro			0,46%	
Cidade Tabajara	0,50%			
Jatobá				0,42%
Jardim Atlântico	0,65%	0,52%	0,65%	0,45%
Jardim Brasil	0,42%	0,61%		
Ouro Preto	0,80%	1,02%	0,85%	0,94%
Peixinhos	1,26%	0,89%	1,11%	0,90%
Rio Doce	1,60%	1,58%	1,28%	1,21%
Sapucaia	0,42%	0,59%	0,57%	0,43%
Salgadinho			0,59%	0,43%
Varadouro		0,45%		
	8,05%	8,26%	7,68%	7,14%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 9

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
JABOATÃO DOS GUARARAPES
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Jabotão dos Guararapes	301	628	600	693	351

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 10

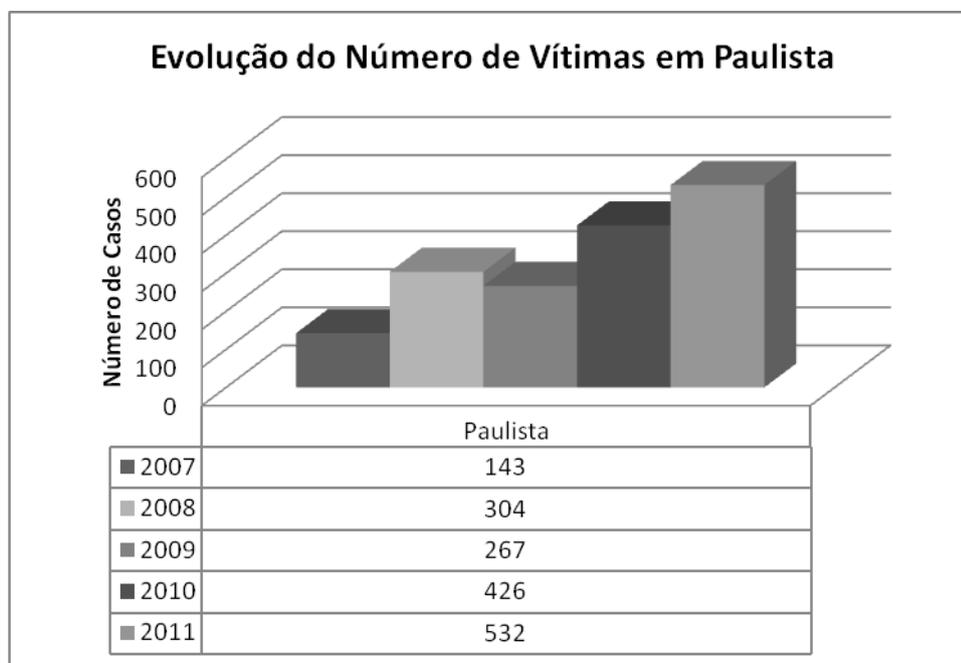
POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
JABOATÃO DOS GUARARAPES
10 Bairros com maior número de vítimas

Bairro	2007	2008	2009	2010
Barra de Jangada	0,50%	0,48%		
Cajueiro Seco	0,61%	0,61%	0,52%	0,50%
Candeias	1,07%	0,74%	0,91%	0,76%
Cavaleiro	0,88%	0,65%	0,76%	0,73%
Centro		0,46%	0,55%	0,45%
Curado IV	0,57%	0,76%	0,70%	0,50%
Jardim Jordão	0,61%		0,48%	0,45%
Marcos Freire	0,34%			
Muribeca dos Guararapes		0,48%	0,61%	0,78%
Piedade	1,30%	1,73%	1,46%	2,06%
Prazeres	1,53%	2,06%	1,42%	1,33%
Socorro		0,37%	0,50%	
Sucupira	0,50%			0,47%
	7,91%	8,34%	7,91%	8,03%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 11

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
PAULISTA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Paulista	143	304	267	426	532

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 12

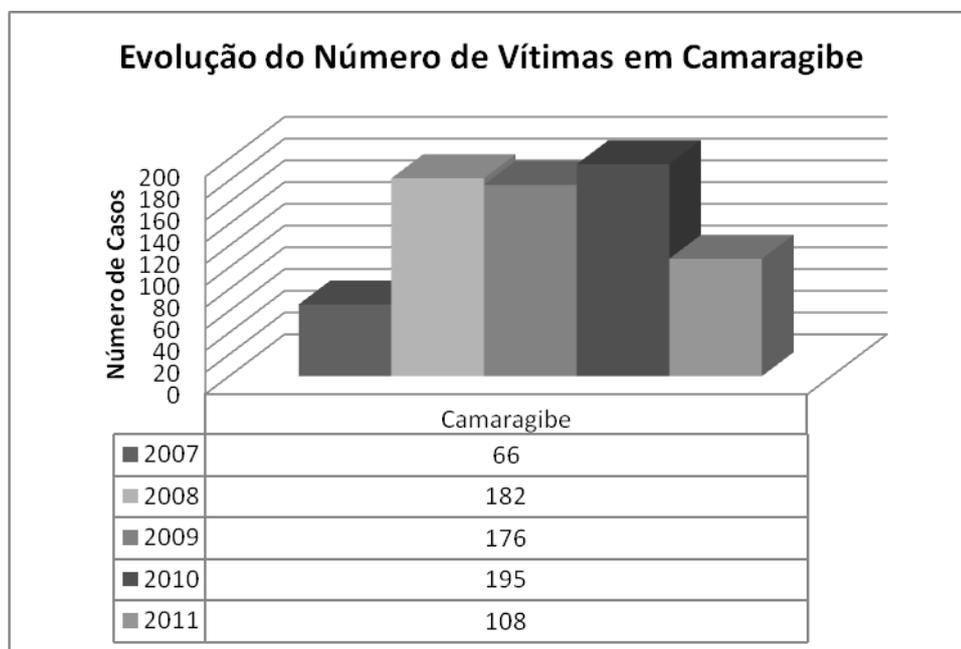
POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
PAULISTA
10 Bairros com maior número de vítimas

Bairro	2007	2008	2009	2010
Artur Lundgren I	0,34%	0,32%		0,47%
Artur Lundgren II		0,19%	0,18%	0,35%
Centro			0,26%	0,61%
Engenho Maranguape	0,19%			
Fragoso		0,20%		
Janga	1,26%	1,08%	0,78%	1,27%
Jardim Maranguape	0,31%		0,18%	
Jardim Paulista	0,72%	0,32%	0,59%	0,49%
Maranguape I	0,46%	0,52%	0,31%	0,59%
Maranguape II	0,34%	0,33%	0,65%	0,54%
Mirueira			0,22%	
Nobre				0,29%
Nossa Senhora da Conceição		0,22%		
Paratibe	0,31%		0,39%	0,73%
Pau Amarelo	0,38%	0,58%	0,43%	0,50%
Vila Torres Galvão	0,23%			
	4,54%	3,76%	3,99%	5,84%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 13

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
CAMARAGIBE
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Camaragibe	66	182	176	195	108

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 14

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
CAMARAGIBE¹¹
10 Bairros com maior número de vítimas

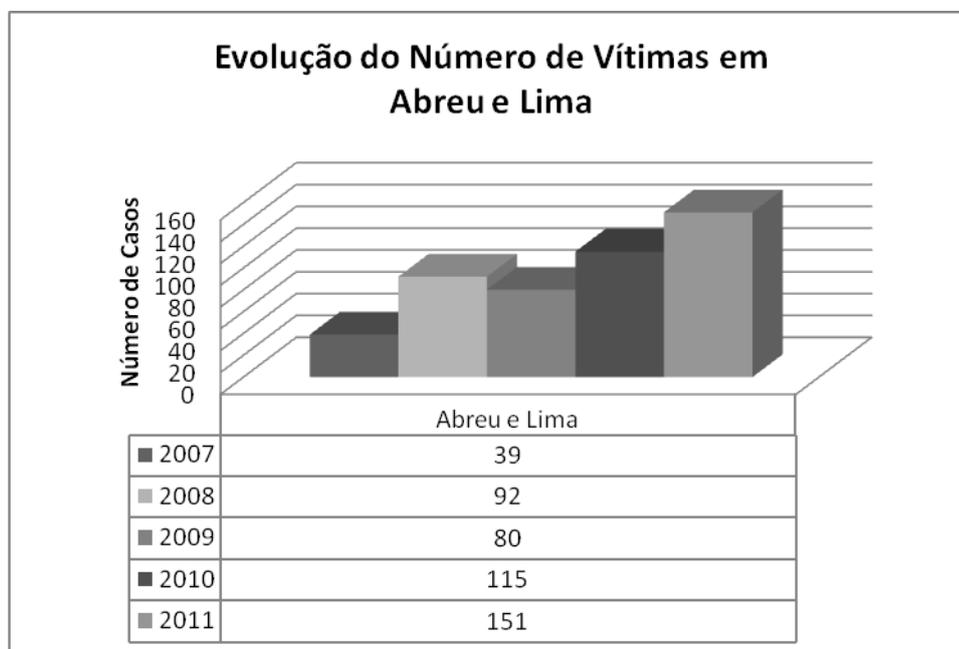
Bairro	2007	2008	2009	2010
Alberto Maia	0,34%	0,61%	0,41%	0,38%
Aldeia	0,19%	0,26%	0,46%	0,36%
Centro	0,65%	0,74%	0,89%	1,07%
Jardim Primavera	0,53%	0,33%	0,46%	0,33%
Santa Mônica	0,15%	0,06%	0,07%	0,07%
Tabatinga	0,15%	0,30%	0,30%	0,21%
Timbi	0,34%	0,72%	0,33%	0,68%
Vila da Fábrica	0,15%	0,32%	0,33%	0,28%
	2,50%	3,34%	3,25%	3,38%

Fonte: INFOPOL / SDS

¹¹ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 15

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ABREU E LIMA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Abreu e Lima	39	92	80	115	151

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 16

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ABREU E LIMA
10 Bairros com maior número de vítimas ¹²

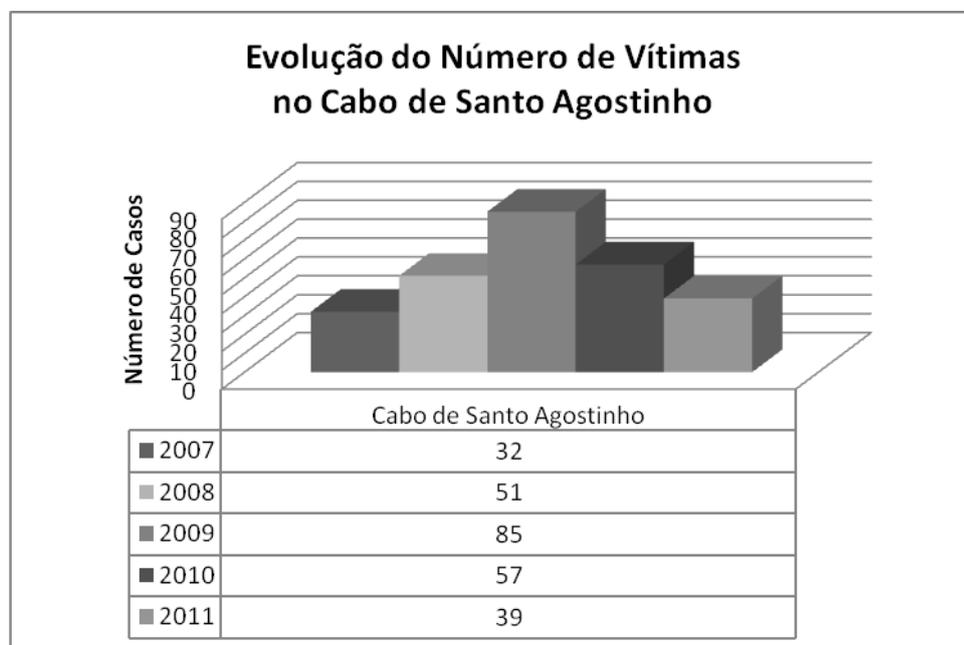
Bairro	2007	2008	2009	2010
Caetés I	0,46%	0,46%	0,24%	0,50%
Caetés II	0,23%	0,50%	0,55%	0,55%
Caetés III	0,08%		0,13%	0,10%
Caetés Velho	0,15%	0,07%	0,02%	0,12%
Centro	0,42%	0,45%	0,30%	0,66%
Distrito Industrial		0,02%		
Fosfato	0,11%	0,07%	0,13%	0,03%
Timbó	0,04%	0,07%	0,11%	0,02%
	1,49%	1,64%	1,48%	1,98%

Fonte: INFOPOL / SDS

¹² Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 17

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
CABO DE SANTO AGOSTINHO
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Cabo de Santo Agostinho	32	51	85	57	39

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 18

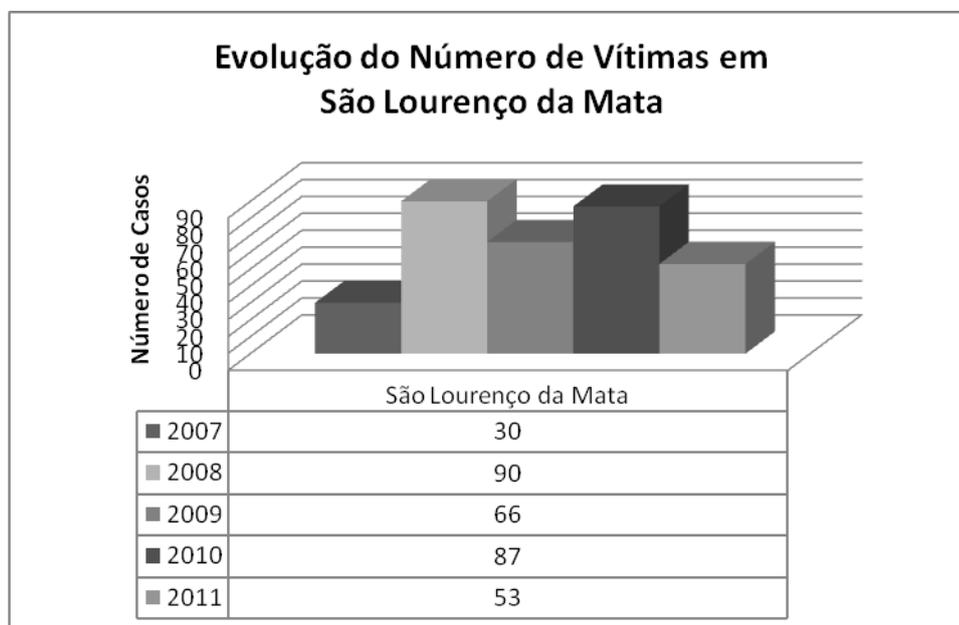
POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
CABO DE SANTO AGOSTINHO
10 Bairros com maior número de vítimas

Bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,69%	0,46%	0,72%	0,52%
Chanerca	0,08%	0,02%	0,15%	0,03%
Charnequinha	0,11%		0,06%	0,02%
COHAB	0,04%	0,13%	0,11%	0,09%
Pirapama		0,04%	0,07%	0,07%
Ponte dos Carvalhos	0,15%	0,20%	0,31%	0,17%
Santa Mônica		0,02%		0,03%
Santo Inácio			0,02%	
São Francisco	0,11%		0,07%	0,02%
Torrinha	0,04%		0,02%	
Vila Social Contra Mucambo		0,07%	0,04%	0,03%
	1,22%	0,94%	1,57%	0,98%

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 19

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
SÃO LOURENÇO DA MATA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
São Lourenço da Mata	30	90	66	87	53

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 20

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
SÃO LOURENÇO DA MATA
10 Bairros com maior número de vítimas ¹³

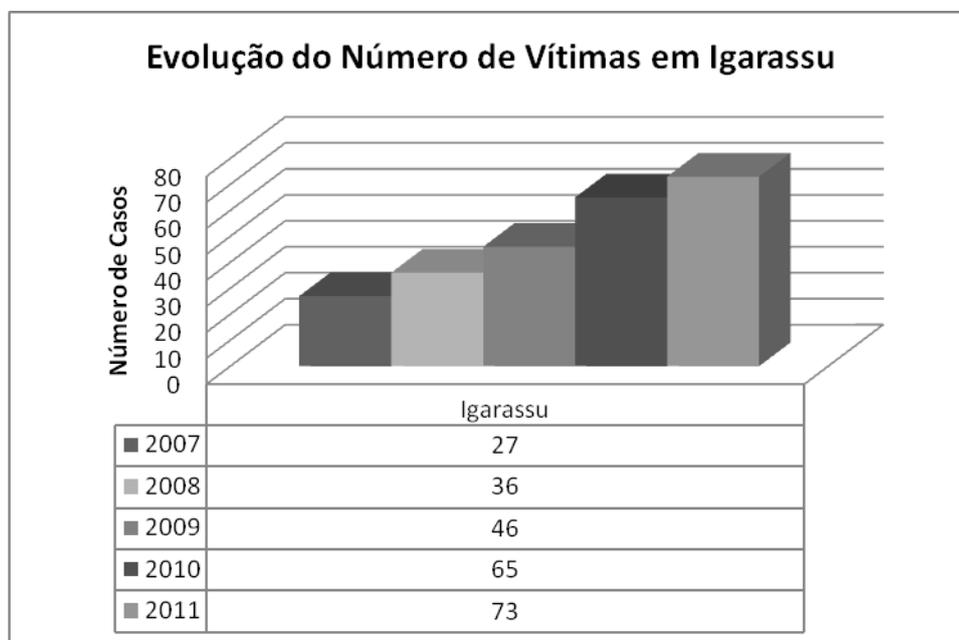
Bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,65%	0,69%	0,68%	0,75%
Chá de Tábua		0,02%	0,02%	
Muribara	0,08%	0,06%	0,07%	0,10%
Nova Tiuma		0,17%	0,06%	
Penedo		0,17%	0,06%	0,14%
Pixete	0,11%	0,13%	0,09%	0,07%
Tiuma	0,08%		0,02%	0,07%
	1,15%	1,69%	1,22%	1,51%

Fonte: INFOPOL / SDS

¹³ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 21

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
IGARASSU
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Igarassu	27	36	46	65	73

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 22

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
IGARASSU
10 Bairros com maior número de vítimas ¹⁴

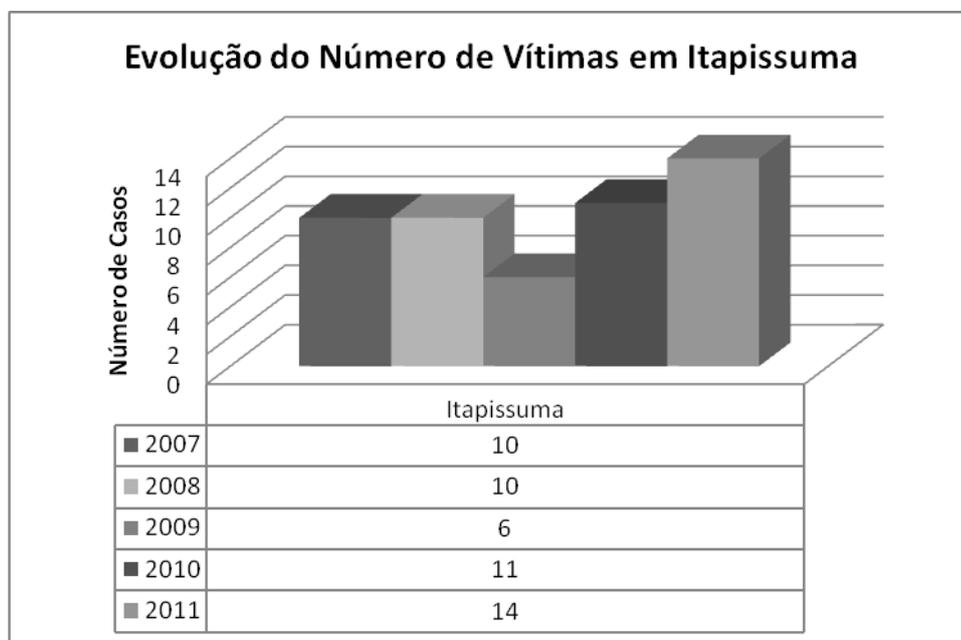
bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,53%	0,41%	0,61%	0,64%
Cruz de Rebouças	0,50%	0,26%	0,24%	0,49%
	1,03%	0,67%	0,85%	1,13%

Fonte: INFOPOL / SDS

¹⁴ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 23

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ITAPISSUMA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Itapissuma	10	10	6	11	14

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 24

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ITAPISSUMA
10 Bairros com maior número de vítimas ¹⁵

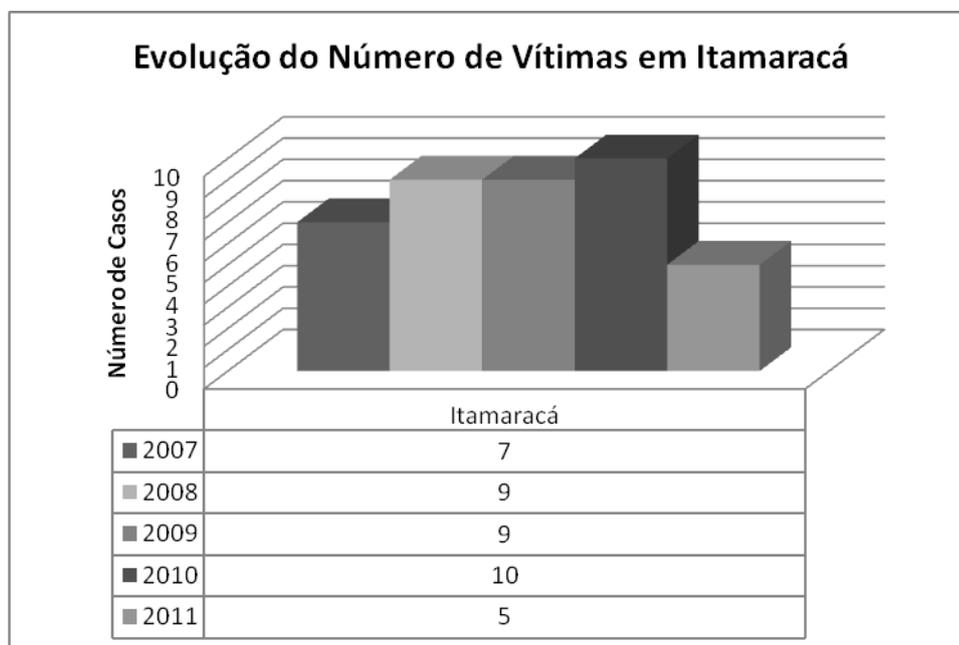
Bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,38%	0,19%	0,11%	0,16%
Cidade da Criança				0,02%
Veloz				0,02%
	0,38%	0,19%	0,11%	0,20%

Fonte: INFOPOL / SDS

¹⁵ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 25

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ITAMARACÁ
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Itamaracá	7	9	9	10	5

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 26

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ITAMARACÁ
10 Bairros com maior número de vítimas ¹⁶

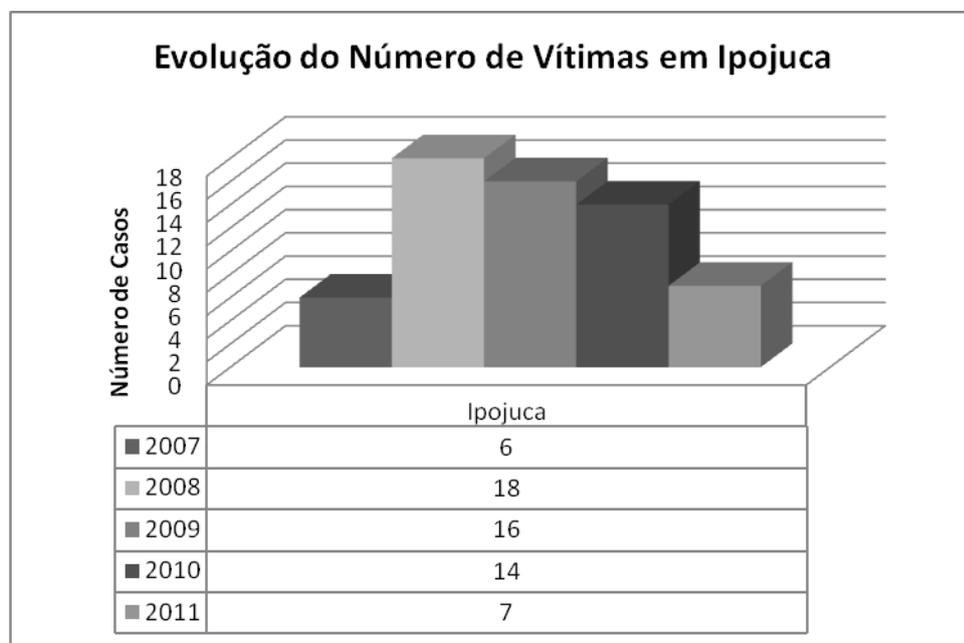
Bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,27%	0,17%	0,15%	0,05%
Forno da Cal				0,05%
Forte Orange				0,02%
Quatro Cantos			0,02%	
Rio Ambar				0,03%
	0,27%	0,17%	0,17%	0,15%

Fonte: INFOPOL / SDS

¹⁶ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 27

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
IPOJUCA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Ipojuca	6	18	16	14	7

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 28

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
IPOJUCA
10 Bairros com maior número de vítimas ¹⁷

IPOJUCA

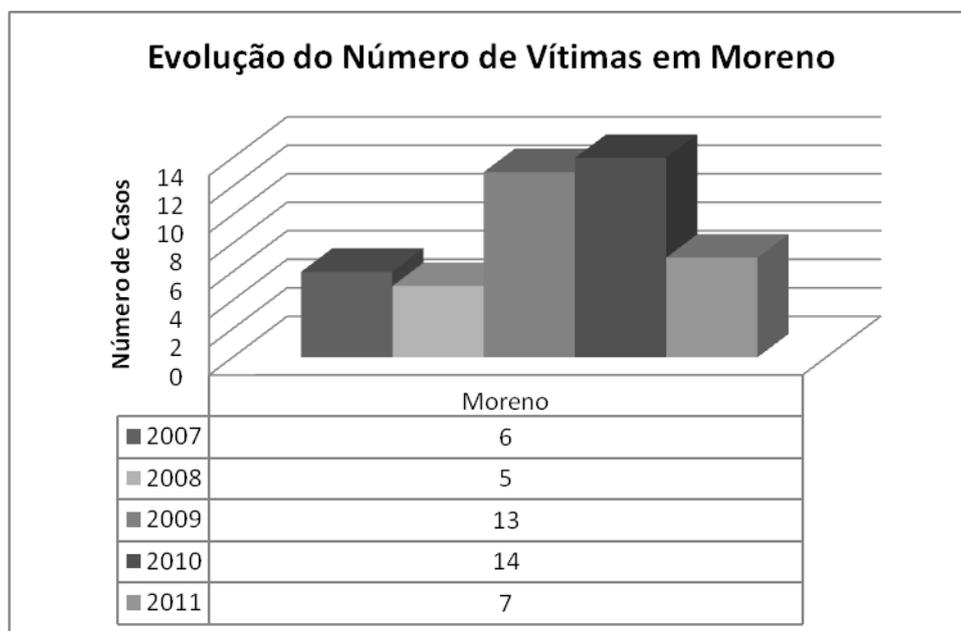
Bairro	2007	2008	2009	2010	2011
Centro	0,19%		0,30%	0,21%	
Porto de Galinhas	0,04%	0,04%		0,03%	
	0,23%	0,04%	0,30%	0,24%	

Fonte: INFOPOL / SDS

¹⁷ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 29

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
MORENO
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Moreno	6	5	13	14	7

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 30

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
MORENO
10 Bairros com maior número de vítimas ¹⁸

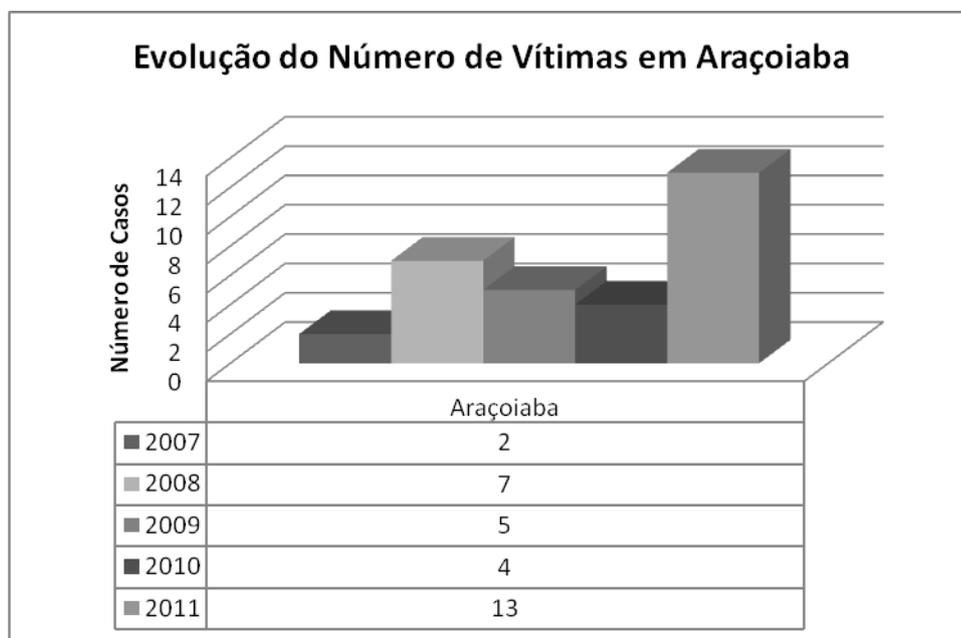
Bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,23%	0,09%	0,24%	0,24%
	0,23%	0,09%	0,24%	

Fonte: INFOPOL / SDS

¹⁸ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.

APÊNDICE 31

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ARAÇOIABA
Número de Vítimas



Fonte: INFOPOL / SDS

Município	2007	2008	2009	2010	2011
Araçoiaba	2	7	5	4	13

Fonte: INFOPOL / SDS

APÊNDICE 32

POR MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA
ARAÇIOABA
10 Bairros com maior número de vítimas ¹⁹

Bairro	2007	2008	2009	2010
Centro	0,08%	0,13%	0,06%	0,03%
Nova Araçoiaba				0,02%
Quinze			0,04%	
Vila Itapipire				0,02%
Vila Velha				0,02%
	0,08%	0,13%	0,10%	0,09%

¹⁹ Apenas os bairros listados apresentam índices de violência nesta cidade.